



## RAPAZES SEM NOME

*Numa pequena oficina de persianas fechadas, seis rapazes acomodam-se para passar a noite. Quase não falam entre si. Não se atrevem. Ignoram o nome uns dos outros, pois o patrão proíbe-o. Só sabem que têm de se deitar cedo e de começar a trabalhar antes da chegada dele, caso contrário serão chicoteados e privados de comida.*

*Gopal foi o último a chegar, e é, aparentemente, o único que sonha fugir dali. A sua família deixou recentemente a aldeia onde viviam para vir para Bombaim na esperança de uma vida melhor. Os pais ignoram que foi raptado e que está ali encerrado.*

*Nesta prisão, o silêncio que reina entre os rapazes e o clima de delação mantido pelo carcereiro são piores do que as grades de ferro das janelas. Gopal não sabe se conseguirá quebrá-los. Contudo, se houver alguma hipótese, será ele a encontrá-la.*



*A Índia tem inúmeras línguas. Os termos usados neste romance, e que estão escritos em itálico, provêm, essencialmente, do marata, do hindí, do dialeto hindí de Bombaim, e do sânscrito. No final da obra, existe um glossário que explica o seu sentido.*



## 1

— Vamos morrer à fome se continuarmos aqui — diz o meu pai num tom assertivo.

Agarro com firmeza o pulso de Aai<sup>1</sup>.

— Queres levar-nos a todos para Bombaim, Baba?<sup>2</sup> — pergunto, excitado e ansioso.

— Quero, Gopal.

Aai franze o sobrolho, contraindo o seu grande *bindi*.

— Não podemos abandonar o nosso *desh*, a terra dos nossos antepassados — murmura.

Sinto-me puxado por duas forças contrárias: Aai tem medo de partir e Baba tem medo de ficar. Invejo a indiferença dos gémeos, Sita e Naren, que brincam lá fora com os amigos. Ainda só têm seis anos, e são demasiado novos para compreender tudo isto. Eu tenho onze, e há já dois anos que Baba e Aai não me escondem os problemas familiares.

Baba diz:

— Aqui nunca conseguiremos ir além desta palhota de paredes de lama e telhado de folhas de palmeira. Mas na cidade...

O meu pai pousa o olhar no rosto arredondado de Aai e a sua expressão suaviza-se:

— Sabes que já ficámos sem os nossos terrenos, e que nunca mais os iremos recuperar.

Ao passo que, na cidade, há muito trabalho e é bem pago. Não teremos de passar fome...

Aai enrola a ponta do sari nos dedos, com nervosismo, e lamenta-se:

— Vamos sentir-nos muito sós, sem família e sem amigos.

Acho que nunca a vi tão aterrorizada.

— Não te preocupes, mãe, estaremos todos juntos — tranquilizo-a, colocando o meu braço à volta dos seus ombros.

A minha mãe sacode a cabeça, como que duvidando.

---

<sup>1</sup> Mãe.

<sup>2</sup> Pai.

— Não faltam pessoas na cidade — impacienta-se Baba. — Faremos novos amigos, certamente. Eu até iria sozinho, mas não posso deixar-vos, porque o nosso credor iria exigir-vos o pagamento da dívida.

Baba volta-se para a janela e Aai fica calada.

O meu pai tem razão. Se ele se for embora, o credor vai exigir o pagamento da dívida a Aai, e talvez me obrigue a trabalhar para ele. Além disso, iríamos sentir tanto a falta de Baba que mais vale irmos todos juntos.

Sei que Bombaim atemoriza Aai, mas não sinto o mesmo. A cidade não tem nada de monstruoso. Um amigo meu, Mohan, foi lá no ano passado, e contou-me que viu estrelas de cinema, edifícios que chegam às nuvens, mercados maiores do que a nossa terra, carros resplandecentes, autocarros de dois andares, e também que lá se falam dezenas de línguas. Como eu gostava de ver o que há nas montras das lojas, observar as pessoas e aprender línguas... Graças a Mohan, aprendi algumas palavras que lá se usam: *khajoor*, que quer dizer “palerma”, e *bindaas*, que significa “desmazelado”.

Tal como muitos outros aldeões, já não temos terra para cultivar, e não há mais nada para fazer aqui. Além do mais, como somos pobres, meses há em que só a fome habita as nossas barrigas vazias. Na cidade, será tudo muito diferente.

Baba sempre trabalhou duramente e pagou as suas dívidas a tempo e horas. Porém, tudo mudou no ano em que choveu muito. Como houve duas monções e a colheita foi abundante, os preços baixaram e ele não pôde pagar o empréstimos que tinha contraído para comprar sementes e adubo. No ano passado, além de cultivar o terreno, o meu pai também partiu pedra numa pedreira, e a minha mãe carregou bagagens de turistas em Matheran, a estância de férias vizinha, para fazer algum dinheiro extra. Contudo, depois de pagos os juros da dívida, pouco ficou para matar a fome a cinco estômagos vazios.

Foi então que Naren apanhou frio e Aai teve de ficar em casa a tratar dele. Durante uma semana, deu-lhe leite quente com curcuma e chá de gengibre, mas a constipação degenerou numa tosse forte com febre alta, e tiveram de ir ao médico. A consulta e os medicamentos ficaram caros: os comprimidos eram quatro vezes mais pequenos do que um grão de *goruschinch*, mas valiam quase um mês de salário de Baba. Por isso, tivemos de pedir mais dinheiro emprestado. No final do ano, o meu pai teve de vender as terras para pagar o empréstimo. Naquele dia, todos chorámos, e Baba até ficou sem falar durante uma semana. Porém, a venda de nada serviu, porque as nossas dívidas continuaram a aumentar. Agora, já nem sequer há terra para nos alimentar.

Baba afasta-se da janela e quebra o silêncio:

— Mal chegemos, arranjo logo trabalho — diz à minha mãe. — E tu também. Pensa nos nossos filhos: queres que vivam aqui na miséria?

— E a nossa aldeia, os nossos...

Baba não a deixa acabar.

— A aldeia continuará a existir, connosco ou sem nós.

— Havemos de voltar — digo.

Aai aperta a ponta do sari e enrola-a no dedo. Depois diz:

— E não vai demorar muito.

Baba revira os olhos e aponta o dedo para o chão.

— Mas voltar para quê? Aqui não há nada, a não ser um solo pobre e um amontoado de raízes! Aqui, até uma colheita boa se pode virar contra nós. Bombaim é o que nos convém. Por alguma razão lhe chamam *maha nagari*, a grande cidade.

Será que o meu pai quer deixar a aldeia para sempre? Cerro os punhos para conter a tristeza e a raiva que sinto.

— Não te esqueças de que também lhe chamam *mayavati nagari*, a cidade das ilusões — contrapõe Aai.

Baba caminha para trás e para diante na nossa pequena casa de paredes de adobe. A um canto está a cozinha, com as panelas e os pratos, assim como o fogão de barro onde arde a lenha. Num outro canto, encontra-se a nossa roupa cuidadosamente dobrada e arrumada numa caixa de cartão.

Olho para as mãos do meu pai, que as mantém atrás das costas. Estão maltratadas e cobertas de crostas. Quando ele só tratava da exploração da terra, andavam cheias de calos, mas não tinham tão mau aspeto. Depois de ter começado a partir pedra na pedreira, como se fosse um condenado, acabou por ficar com as costas curvadas e os dedos deformados.

Pousa a palma da mão cheia de bolhas no meu ombro, e pede:

— Senta-te.

Solto a mão da minha mãe e sentamo-nos lado a lado no chão, em cima da esteira.

— Ouçam-me bem os dois — diz Baba, ajoelhando-se.

Ponho-me a puxar por um fio da carpete, que já tem as beiras desfeitas, e desfio-a ainda mais. Baba olha Aai nos olhos.

— Se continuarmos aqui, não temos qualquer possibilidade de pagar a dívida. Temos de ir embora.

— Sem pagar? — pergunta a minha mãe com uma voz estridente.

— Há quase dois anos que estamos a pagar letras, e ainda devemos mais do que antes. Da última vez que vi o credor, disse-me para lhe levar o nosso filho, que ele bem podia trabalhar para ajudar a liquidar a dívida. Sabes o que isso significa? Que Gopal ficará à mercê dele por não sei quanto tempo. É um rapaz inteligente, temos de lhe proporcionar estudos, oferecer-lhe um futuro. Não quero que queime os pulmões na poeira, nem quero vê-lo estragar a vida dessa maneira. Nunca o permitirei. Compreendo agora porque é que à noite a respiração de Baba é tão ruidosa e ofegante.

— Baba, mas como é que...

— Claro que tenho vergonha de ir embora sem pagar o dinheiro que nos emprestaram, mas já regularizamos uma parte da nossa dívida com o credor. Se ficarmos, permaneceremos dependentes dele para sempre por causa do que nos resta pagar. Não vejo outra saída — rematou o meu pai, de olhos pregados no chão.

Uma lágrima desliza pela face da minha mãe e Baba limpa-a com as pontas dos dedos. Aai inclina-se para mim e vejo-me envolto nas pregas do seu sari que, apesar de gasto por muitas lavagens, continua a libertar o seu perfume característico. A minha mãe estende a mão para o meu pai, e concorda:

— Se não houver outra solução, vamos embora. Mas vou ter saudades...

O resto da frase afoga-se num soluço, e Baba e eu abraçamo-la com força.

— Quando partimos, Baba?

— Amanhã, antes do sol nascer. Temos de nos despachar e ser discretos. Não podemos dizer uma palavra a quem quer que seja!

— Amanhã? — admira-se Aai, de olhos arregalados. — Mas não temos dinheiro para comprar os bilhetes para Bombaim.

— Temos.

Aai e eu entreolhamo-nos, sabendo muito bem quem deu aquele dinheiro a Baba.

Alguma semanas antes, o irmão de Aai, Jama, tinha vindo visitar-nos. Vestia roupa nova, calçava sandálias de couro lúcido, e trazia no pulso um relógio de bracelete. Ofereceu uma bola com riscas azuis e brancas a Naren, e um travessão vermelho de plástico a Sita. Em seguida, esquadrinhou o saco de pano e tirou de lá um bloco-notas e um lápis para mim. Na capa do bloco, estavam impressas em letras douradas as palavras: FERRAMENTAS SHREE, SA.

— É o sítio onde trabalho — explicou.

Naquela noite, Jama tentou convencer os meus pais a irem embora.

— Trabalho muito em Bombaim, mas não me desgasto como vocês. E claro que é o lugar certo para os vossos filhos prosseguirem os estudos. Quanto ao alojamento, podem ficar todos a viver em minha casa.

Baba sentiu-se logo tentado a partir, mas Aai recusou. Jama e o meu pai tiveram de falar a sós sobre o assunto.

— Foi Jama quem te deu o dinheiro para os bilhetes, não foi? — pergunto a Baba para me certificar.

— Foi.

— E como vamos fazer para encontrar a casa dele?

O meu pai tira um pedaço de papel do bolso e entrega-mo.

— Gopal, aqui tens a direção de Jama. Disse-me para sairmos em Dadar, e continuarmos o trajeto a pé. Também me disse que qualquer comerciante saberá indicar-nos o caminho.

Baba vai ao mercado à procura de sacos de juta, enquanto Aai prepara alguns *rôtis* para a viagem. Sento-me junto dela, pois quero dizer-lhe que a ideia de deixar os meus amigos e a nossa aldeia também me entristece muito. Quero prometer-lhe que estudarei, que trabalharei muito, e que hei de trazê-la de volta para ver a aldeia. Contudo, antes de dizer seja o que for, os gémeos entram em casa.

— Que estás a preparar, Aai? — pergunta Naren.

Sita revira os olhos redondos, um tique que herdou de Baba.

— Não estás a ver que são *rôtis*? — responde, para logo acrescentar, admirada:

— Já fizeste tantos!

Terei de voltar mais tarde para falar a sós com a minha mãe. Está fora de questão que os gémeos saibam da nossa partida, pois iriam logo contar aos amigos. Levanto-me para sair.

— *Mi jato*, vou-me embora — digo a Aai, pegando no bloco-notas que Jama me deu.

— *Sambhalun ja!*

Se Aai me recomenda que tenha cuidado é porque adivinhou que eu ia para o meu refúgio preferido.

— *Ho*, sim — respondo.

— Onde vais? Posso ir contigo? — pede Naren, mas eu já estou na rua, e nem sequer olho para trás.

Dirijo-me maquinalmente para as casas dos meus amigos, Mohan e Shiva. Como gostaria de falar com eles uma última vez... Contudo, sei que, mal abraße a boca, iriam logo

adivinhar, pelo tom da minha voz, que estava a esconder-lhes algo. Por poucas perguntas que me fizessem, sei que não iria conseguir calar-me. É preferível evitá-los.

Dou meia-volta e tomo a direção das margens do lago. Pelo caminho, detenho-me junto do *gorus-chinch*, que ainda tem alguns frutos. Depois de colher um punhado deles, instalo-me no ramo grosso de um *nimba*, que forma um arco sobre a água.

Filtrada pela folhagem, a luz ilumina o meu bloco-notas. Contemplo o mundo através deste cortinado de renda que me esconde dos olhares alheios.

Aai não gosta que me sente por cima da água, pois acha que é perigoso, mas é muito importante para mim fazê-lo. Neste ramo de *nimba*, sonhei ser rei, piloto, jogador de críquete, e até mágico. Todos os anos, quando os ramos se cobriam de florinhas brancas e perfumadas, sentia-me igual ao rei mongol Akbar, instalado num jardim que se estendia para lá do lago. Claro que há já muito tempo que abandonei esses devaneios. Se agora venho aqui, é para refletir na forma como resolver os nossos problemas, para escapar a Naren e Sita, para escrever os meus projetos no caderno, e para contemplar os pássaros, as árvores e o lago.

Folheio o caderno pousado nos joelhos, e imagino que sou um homem inocente que está proibido de pôr os pés na sua aldeia, mas que regressa disfarçado de mágico. Escrevo este pensamento numa folha, e desenho um mágico barbudo, vestido com uma ampla túnica. É um esboço feito com lápis preto, mas sei que a barba é de cor cinzenta-prateada, e que a túnica é vermelha.

Viro a página, e imagino que sou um rapaz cuja paixão por histórias o leva a abrir uma livraria, a fim de poder ler todos os livros que quiser. A loja é pequena e os clientes fazem fila até à rua, de tal forma gostam daquela livraria.

Quando um bando de papagaios esvoaça, numa algazarra, sobre o lago, dou-me conta de que nada escrevi sobre a minha aldeia, os meus amigos, os meus vizinhos, em suma, sobre a minha vida. Ponho-me, então, freneticamente a descrever as árvores, o lago, os pássaros, o solo pedregoso, as nuvens vaporosas que deslizam suavemente, e o caminho que serpenteia pelos bosques. Desenho Mohan e o seu sorriso malicioso, e desenho Shiva a atirar uma pedra, o que consegue fazer sempre melhor do que eu.

Noutra página, conto como, um dia, ao voltar da escola, caí e esfolei um joelho. Tinha seis anos e desatei a chorar. Mohan ficou junto de mim enquanto Shiva corria a avisar Aai, que correu rapidamente e me levou para casa. Também esboço algumas frases acerca das famílias de Mohan e de Shiva, da nossa escola e do nosso professor, o Senhor Advale, que

acha que sou um rapaz inteligente. Falo dos turistas com quem me cruzei este verão, em Matheran, e do quanto nos divertimos os três, apesar de termos de carregar bagagens durante todas as tardes para fazer algum dinheiro extra. Também andávamos de cavalo e corríamos atrás dos macacos. Às vezes, para nos sentirmos felizes, bastava-nos ver um gaivão levantar voo num bater de asas e elevar-se sobre as nossas cabeças.

Espero que, no próximo verão, Aai, os gémeos e eu possamos voltar à aldeia e então, como nos anos anteriores, poderei trabalhar de novo com Mohan e Shiva. Contudo, sei perfeitamente que, enquanto a dívida não estiver paga, não poderemos regressar. E de novo um sentimento de tristeza me invade.

Tenho ainda tanto de que falar que nunca conseguirei registar tudo. Contudo, não desisto de escrever. Sei que não estarei aqui para comer os frutos amarelos e carnudos do *nimba*, e pergunto-me se iremos encontrar *gorus-chinch* em Bombaim. Também sei que vou ter saudades das árvores, das folhas, do lago, dos sons, e da terra. As lágrimas deslizam livremente pela minha face.

Se ao menos tivesse uma máquina fotográfica como os turistas de Matheran, poderia fotografar o *nimba*, a nossa casa, Mohan, Shiva, e as colinas em redor. Se tivesse tinta e pincéis, pintaria a floresta, o lago e as aves.

Dou uma dentada nas vagens rosadas do *gorus-chinch*, e chupo a polpa até ao grão duro. O sabor agri-doce do fruto vai de encontro ao que sinto no coração perante a ideia de deixar a nossa terra. A escola acaba de começar, e os meus amigos vão perguntar-se para onde terei ido.

A noite caiu lentamente por entre os ramos, o chilrear dos passarinhos cessou, e apenas o luar penetra através das folhas da árvore. Gostaria de continuar a escrever, mas é hora de voltar para casa. Fecho o caderno, fico ainda alguns segundos sentado no ramo, e depois desço o mais lentamente possível. Não voltarei mais aqui, e quero que a casca da árvore fique gravada nas palmas das minhas mãos, tal como está gravada no meu coração.

O lago parece um espelho, ao luar. Ergo os olhos para o céu e vejo as estrelas a empurrarem-se umas às outras, como a multidão que se aglomera diante do templo nos dias de festa.

De pé, à beira do lago, sinto o quanto o facto de ter de fugir sem pagar a dívida me perturba. Se pedimos emprestado este dinheiro, devemos devolvê-lo, apesar dos juros elevados. Baba sabe tão bem como eu que é errado ir embora sem saldar as nossas contas. Mas o meu pai também não quer que eu tenha de partir pedra numa pedreira, e eu também



não. Em Bombaim, hei de encontrar um bom emprego depois de terminar os estudos, e poderei pagar a dívida na totalidade, mesmo que tenha sido Baba a contraí-la.

A lua ilumina o caminho e faço um desvio para passar diante das casas dos meus amigos. Penso no pai de Shiva, que se suicidou no ano passado, porque estava cheio de dívidas. Se ficarmos aqui, Baba bem pode chegar a um tal extremo. O meu coração treme só de imaginar a vida sem ele. Temos de partir. Um dia, regressaremos à aldeia, e então poderei voltar a ver os meus amigos.

Continuo a andar em direção a casa.

## 2

Quando chego, estão todos à minha espera.

Reparo que Aai tem os olhos húmidos. Será de ter cortado as cebolas para o jantar?

— Vamos comer — diz, entregando a cada um de nós um *rôti* e algumas rodelas de cebola.

Levanto a camada superior do *rôti* e estendo com cuidado os pedaços de cebola, para ter a certeza de que a irei encontrar em cada dentada. A cebola não é tão boa como o *ghee*, o óleo de manteiga, mas, mesmo assim, é melhor do que nada.

— Podes preparar um para mim? — pede Naren.

— Toma, pega neste — digo, entregando-lhe o meu.

— Não queres fazer um igual? — pergunta Naren a Sita.

— Não, prefiro fazê-lo à minha maneira.

Vejo que a minha irmã está zangada comigo por não lhe ter dito onde fui. Noutras circunstâncias, teria brincado com ela para a fazer rir, mas hoje não estou com vontade de brincar.

— Amanhã bem cedo, vamos apanhar o comboio — anuncia Aai, quando acabamos de comer.

— Onde vamos? — pergunta Sita.

— Ver Jama.

— Adoro Jama! — diz Naren. — Achas que ainda tem prendas para nos dar?

— Talvez.

— Aai, podes prender-me o cabelo com o travessão vermelho, amanhã? — pergunta Sita.

Naren e Sita falam alto e pulam por todo o lado. Baba olha para Aai com um olhar severo. Talvez receie que os vizinhos adivinhem os nossos projetos.

— Vão deitar-se que já vos conto uma história — digo aos gémeos.

— Nunca chegaste a acabar a do berlinde. Conta essa.

Os gémeos estendem-se ambos num canto, e tapo-os com uma manta que Aai fez de pedaços de saris velhos. Há mil perguntas sobre a nossa partida a ocupar o meu espírito, e confesso que preferia contar-lhes uma história verdadeira. Mas sei que a história do berlinde vai acalmá-los.

*Era uma vez um rapazinho que andava à procura de um tesouro. Não procurava prata, nem ouro, nem moedas, nem joias. Só procurava algo de muito belo. Foi passear para a floresta, onde havia árvores altas como barcos e, de repente, viu qualquer coisa a brilhar sobre um monte de terra. Ajoelhou-se.*

— Não, não é sobre um monte de terra. Tu disseste que o berlinde estava escondido debaixo de folhas de *gorus-chinch* — corrige Naren.

Se ao menos ele se acalmasse e adormecesse...

— Desculpa.

Retomo a história:

*Viu qualquer coisa a brilhar debaixo de um monte de folhas de gorus-chinch. O rapaz baixou-se, e viu que o objeto brilhante era o berlinde mais belo que alguma vez vira.*

Naren ergue-se, apoiado nos cotovelos, e abana a cabeça.

— Estás a trocar tudo. O rapaz retira primeiro as folhas para ver o berlinde.

Lanço-lhe um olhar aborrecido, mas os olhos dele brilham tanto que suspiro.

— Tinha-me esquecido. Sim, retira as folhas antes de pegar no berlinde.

— Nada disso.

É a vez de Sita dizer:

— Naren, ouve a história e cala-te.

— Já não te lembras, Gopal? — insiste o meu irmão. — Quando pegou no berlinde, o rapaz viu um buraco.

Naren decora sempre as histórias, e não me deixa trocar nem uma linha. Devia ter-lhes lido uma história tirada de um dos meus livros: assim não haveria discussões.

— Fui eu que inventei esta história e posso alterá-la, se me apetecer — aviso.

— Não se for a mesma história. Estás a contar-nos a história do berlinde?

— Estou.

— Então...

Baba ajoelha-se ao lado de Naren e de Sita.

— É tarde e são horas de dormir. Gopal conta-vos o resto da história quando estivermos em casa de Jama.

Os gémeos ficam desiludidos, mas não discutem. Fico aliviado por Baba ter resolvido o que ameaçava tornar-se uma situação complicada.

Depois de Naren e Sita adormecerem, Aai pega no saco de pano e começa a arrumar o que vamos levar de viagem. Só tenho roupa e livros para levar para Bombaim. Um sobre a vida de Buda, que está como novo, e a obra *Histórias de Akbar e Birbal*, que está num estado tão deplorável como o meu tapete. No ano passado, até tive de colar as páginas com seiva de *nimba*. Estes dois livros são dois velhos amigos de que não me quero separar nunca.

Entrego-os a Aai, que os envolve com cuidado no seu melhor sari. Põe tudo no fundo do saco e, por cima, coloca a nossa roupa. Coloca ainda um pente, uma fita preta, e um pedaço de sabão envolvido em papel. Por cima de tudo, estão o meu bloco-notas e o seu sari desbotado.

— Vai aqui, caso precises dele — explica.

— Obrigado — digo, abraçando-a. — Vou ter muito que escrever sobre a nossa viagem.

— E mais ainda quando estivermos em Bombaim.

A minha mãe tem razão. A cidade fervilha de gente e transborda de lojas, edifícios, estradas, autocarros, carros, e até livrarias. Além de ser muito barulhenta, claro.

— Nem acredito que amanhã à tarde estaremos em casa de Jama — digo, numa voz excitada.

Baba chega com dois grandes sacos de juta que o merceeiro lhe vendeu, e que devem ter sido usados para transportar trigo, pois, quando os sacudimos, vemos alguns grãos a saltar. No primeiro saco, Aai arruma as duas tigelas e os dois pratos de alumínio, a faca e as duas colheres. Por cima, coloca três cebolas e um recipiente redondo cheio de *bajra rôtis*, a comida para a nossa viagem.

— E o outro saco, para que é? — pergunto.

— Para o tapete, os cobertores e as almofadas.

— Só os podemos arrumar amanhã. Como temos de nos levantar cedo, o melhor é irmos já para a cama — diz Baba.

Deito-me ao lado de Naren. A manta é demasiado pequena para cobrir os dois, mas, como está calor, não tem importância. Quando vier o inverno, pode ser que já tenhamos ganho dinheiro suficiente para comprarmos uma manta maior e mais quente.

Consegui refrear as emoções enquanto arrumávamos as nossas coisas, mas, agora que estou deitado, os batimentos do meu coração aceleram, como se tivesse acabado de fazer uma corrida. Não me recordo de alguma vez me sentir simultaneamente tão excitado e assustado. Nem no meu primeiro dia de aulas, nem quando fui pela primeira vez a Matheran. Assalta-me um pensamento terrível. O que irá fazer o nosso credor quando se der conta que desaparecemos? Queimará a nossa cabana como represália? Se descobrir para onde fomos, irá atrás de nós? Mandará alguém espancar Baba?

Agora entendo porque é que o meu pai não queria que falássemos da nossa partida a ninguém. É que, quando o credor perguntar por nós aos nossos vizinhos e amigos, estes poderão dizer, com verdade, que nada sabem do nosso paradeiro.

Claro que os nossos amigos vão ficar tristes amanhã, quando não nos virem. Eu também ficaria, se Mohan e Shiva desaparecessem assim. Preferia tê-los avisado, dizer-lhes adeus e abraçá-los. Mas a nossa situação torna-o impossível.

### 3

Ainda é noite quando me levanto para olhar uma última vez pela janela. Baba está de pé atrás de mim, e pousa a mão no meu ombro.

— Que tristeza... — diz, numa voz estrangulada.

É então que compreendo que lhe é tão difícil como à minha mãe ter de deixar a nossa terra.

— Havemos de voltar um dia, Baba.

Pouso a cabeça no ombro de Aai, que, entretanto, se aproximou de mim, e cerro os olhos. Permanecemos os três em silêncio, e sinto-me reconfortado pela presença dos meus pais.

— São quase horas de partirmos — avisa Baba.

— Naren, Sita, toca a levantar — digo, ajoelhando-me ao lado deles.

Habitualmente, tenho de repetir o chamamento duas ou três vezes para os acordar, mas não hoje. Os gémeos levantam-se de um salto, como se já estivessem à espera.

— Quanto tempo achas que vamos ficar com Jama? — pergunta Naren a Sita enquanto nos preparamos.

— Exatamente um mês — diz ela.

Entrego-lhes uns pequenos troços de *nimba* e digo:

— Despachem-se a lavar os dentes ou vamos perder o comboio.

— Se o perdermos, podemos ir amanhã — diz Sita.

A minha irmã ignora tudo acerca da dívida. Percebo que, se não formos hoje, um dos gémeos irá contar aos amigos que vamos para Bombaim. E percebo que, se essa notícia chegar aos ouvidos do nosso credor, nunca partiremos.

— Aposto que lavo os dentes primeiro do que vocês — digo-lhes eu.

Sita e Naren apressam-se. Mal temos tempo para enxaguar a boca, e Aai já está a atar um dos sacos de juta com um atilho.

— Tenho uma coisa para vos dizer antes de sairmos — diz Baba num tom crispado que me deixa preocupado.

Pergunto-me o que terei feito de errado.

— Que se passa, Baba? — pergunto.

Naren e Sita fixam-no.

— Na cidade, há muito trânsito e muita gente.

— Quantas pessoas? — quer saber Naren.

— Estás sempre a interromper! — repreende-o Sita.

Baba levanta a mão.

— Na cidade, não podem discutir por tudo e por nada, porque é preciso estar atento. Nunca se afastem de nós. Sejam prudentes e não revelem a ninguém a nossa identidade, donde vimos nem para onde vamos. Não quero que percebam que acabamos de chegar.

— E Gopal também não pode fazer isso? — pergunta Naren.

— Claro, estas ordens são válidas para os três. Perceberam? — insiste Baba, enquanto mete as almofadas no segundo saco de juta.

— Sim — respondo.

Naren e Sita também dizem que sim.

Dobro as mantas que Baba arruma no cimo do saco. Aai pega no pequeno tapete com a franja desfeita.

— Achas que é preciso levá-lo? Jama deve ter tapetes — questiono.

— Temos de viajar com pouca bagagem — concorda Baba. — Porque havemos de ir carregados com pesos desnecessários?

— É melhor levá-lo — insiste Aai.

Baba e eu trocamos um olhar de compreensão face à teimosia da minha mãe, e metemos o tapete na bagagem.

— Podes pôr-me o gancho no cabelo? — pede Sita a Aai.

— Agora não. Leva-o na mão.

— Queria que mo pusesse.

Aai olha para mim:

— Gopal?

Estico os cabelos de Sita com os dedos, e prendo-os com o gancho.

— Não te esqueças de levar o teu berlinde, Naren — lembra-lhe Sita.

— Tenho-o aqui — responde o meu irmão, batendo com a mão no bolso.

Baba pega no saco que contém os tachos e a louça e diz:

— Vamos.

Aai pega no saco de algodão e eu encarrego-me do de juta, que contém a roupa de cama.

É preciso pelo menos uma hora para chegarmos à estação, que fica a uns quatro quilómetros. Andamos depressa para sairmos da aldeia antes que seja dia.

Baba olha para mim quando passamos diante da casa de Mohan. Fico dividido entre dois desejos: abrandar o passo na esperança de que Mohan me veja, caso esteja já a pé, ou fugir para ter a certeza de que não me cruzo com ele. Aperto os maxilares e continuo a avançar ao lado da minha família, tão rápido quanto as pernas dos gémeos o permitem. Ninguém nos viu.

Baba preparou o dinheiro para os bilhetes.

— Dois bilhetes inteiros e três meios, para Dadar — pede ao empregado da bilheteira.

O homem conta o dinheiro.

— Não chega. As tarifas aumentaram no primeiro dia do mês, não sabia? — informamos, apontando para o painel informativo.

Baba olha, estupefacto, para o homem. Leio a informação e confirmo:

— É verdade, Baba... Os preços subiram há quatro dias! Que fazemos?

O meu pai baixa os olhos, tentando disfarçar a sua decepção. Saímos da fila para deixar que as pessoas atrás de nós comprem os seus bilhetes.

Ouve-se o apito do comboio, que em breve entrará no cais. Se não conseguirmos entrar, teremos de voltar para casa, e toda a gente descobrirá que tentámos fugir. Se o credor sabe, é bem capaz de apresentar queixa, e o meu pai pode acabar na cadeia. De repente, um homem chega a correr à bilheteira.

— Um bilhete para Thane — pede, numa voz ofegante.

Thane é mais barato do que Dadar.

— Há ligação entre Thane e Dadar? — pergunto.

— Sim, sim — responde o homem enquanto se afasta.

O cais vibra debaixo dos meus pés: o comboio está a entrar na gare. Conto mentalmente.

— Baba, temos dinheiro para chegar a Thane.

— Mas como vamos encontrar Jama? Ele disse que descêssemos em Dadar.

— É a única solução. Quando estivermos em Thane, encontraremos um meio de chegarmos a casa de Jama.

Baba entrega o dinheiro ao empregado da bilheteira, mesmo no momento em que o comboio começa a travar.

## 4

Compramos bilhetes de segunda classe, que são os mais baratos. Aai é a primeira a subir, seguida de Naren, de Sita e de mim. Baba é o último, depois de ter passado em revista as bagagens. Caminhamos ao longo de um corredor, todo envidraçado de um dos lados. Do outro lado, encontram-se os compartimentos, cada um deles com dois bancos corridos, voltados um para o outro.

Como os dois primeiros compartimentos já estão cheios, seguimos atrás de Baba até ao terceiro. Enquanto o meu pai arruma as bagagens, a minha mãe cobre o banco com o tapete desfiado. Depois senta-se entre Naren e Sita, e Baba senta-se entre Naren e a janela. Eu fico junto de Sita.

Embora aprecie esta forma de cuidarmos dos meus irmãos mais novos, por vezes sinto ciúmes. Sempre que estão por perto, nunca posso falar com a minha mãe à vontade. E, mesmo quando Aai não está, estão sempre os dois colados um ao outro, como dois grãos de tamarindo aninhados na mesma vagem. Sei que vou sentir falta dos meus amigos, e sinto remorsos por não me ter despedido deles. Os gémeos, contudo, não têm este tipo de preocupações. Em primeiro lugar, porque não têm consciência de que, provavelmente, deixámos a nossa terra para sempre, e, em segundo lugar, porque são os melhores amigos um do outro.

Chegam mais passageiros e, no banco em frente ao nosso, instalam-se três homens e duas mulheres. Um deles é bastante corpulento, e ocupa mais espaço do que Baba e Naren juntos. Apesar do ventilador girar freneticamente por cima das nossas cabeças, tenho as costas alagadas em suor. Levanto-me para tentar abrir a janela do outro lado do corredor,

mas parece bloqueada. Encho o peito de ar e insisto com todas as minhas forças, mas a janela não se move nem um milímetro. Quando me preparo para me voltar a sentar, um homem magro de cabelo preto e farto senta-se no meu lugar. Aai abre a boca, mas tudo acontece tão rapidamente que nem tempo tem de falar.

— Esse era o meu lugar — informo-o.

— Era? — pergunta o homem, despreocupado.

— Sim, só me levantei para ir abrir a janela.

— Tu levantaste-te e eu sentei-me.

Baba inclina-se para ele e mostra-lhe os bilhetes.

— Veja, são os nossos lugares.

— Meu caro senhor, isso é coisa que não existe aqui: “o seu lugar”, “o meu lugar” ...

Somos todos passageiros que se sentam onde podem, descem na paragem que lhes convêm, e vão à sua vida. Este assento não lhe pertence mais do que a mim.

— É certo, mas é neste banco que o meu filho estava sentado.

— Como o senhor diz, *estava*. A terra pertence a quem a cultiva, diz a lei. Pois bem, o mesmo poderia dizer-se de um assento: pertence a quem o ocupa.

— O senhor não pode sentar-se no meu lugar como se o tivesse pago. Não é justo.

O homem ri, mostrando dentes brancos bem alinhados.

— Justo ou não, pouco me interessa. Tomo este comboio todas as semanas, e arranjo sempre maneira de me sentar. Podes fazer o que quiseres que não saio daqui.

Sacode os ombros e olha em frente, como se eu não existisse.

— *Bhai* — diz Aai com doçura. — Somos todos companheiros de viagem e os lugares não são suficientes. Como não vemos inconveniente em partilhar, que tal se nos apertássemos um pouco para o meu filho se poder sentar?

Ao ouvir a palavra *bhai*, irmão, o homem abandona o ar enfatuado e trocista, e o seu rosto mostra contrição. Faz um esforço para ocupar menos espaço, enquanto os meus pais e os gémeos o imitam. Sei que este compromisso não me devolve o conforto do meu lugar, mas sempre é melhor do que ir de pé durante toda a viagem. O homem põe o saco debaixo do banco.

— Queres que abra a janela? — pergunta-me.

— Se fizer o favor...

Estou a pensar aproveitar o facto de ele se ter levantado para recuperar o meu espaço, mas Aai sorri e murmura:

— Não.



O homem roda o fecho da janela e consegue abri-la.

— Estava enferrujada — informa ao sentar-se. — Viste como fiz?

Pergunto-me que necessidade tem de me dar uma lição de abertura de janelas, mas tenho de reconhecer que o seu tom já nada tem de arrogante.

— Vi, sim.

O comboio arranca e a velocidade faz entrar um pouco de ar pela janela, aliviando a atmosfera. Transpiro menos. Naren e Sita adormecem com a cabeça apoiada em Aai.

Os dois homens sentados à nossa frente também adormeceram, e um deles ressona ruidosamente. As mulheres discutem em voz baixa numa língua que desconheço.

Distraio-me por momentos a olhar para as árvores, as cabanas e as pessoas que se sucedem como flechas. Se tivesse o meu bloco-notas, poderia escrever algo, embora fosse difícil fazê-lo nesta posição desconfortável. Além disso, o homem ao meu lado poderia ler tudo o que eu escrevesse, e não desejo partilhar os meus pensamentos com ninguém.

O homem tira um baralho de cartas, no verso das quais figura uma nuvem azul, e pede-me que as baralhe. Quem me dera fazê-lo, mas nunca pude aprender. Como não tínhamos um baralho completo, Mohan e Shiva juntávamos as nossas cartas e inventávamos as nossas próprias regras. Acontecia termos dois reis de ouros, um só nove e nenhuma rainha. Embora nos divertíssemos muito, nunca aprendi nenhum jogo.

O homem tira do saco uma prancha que pousa em cima dos joelhos.

— Vamos jogar um jogo chamado paciência — diz.

Alinha sete cartas, todas viradas para baixo. Depois coloca uma carta virada para cima sobre a primeira e, em seguida, coloca uma carta virada para baixo sobre cada uma das outras. Parece haver uma certa lógica naquela disposição, porque ele procede da mesma forma com as sequências seguintes. Quando acaba de dispor as cartas, vai pegando nas cartas que ainda não utilizou, e compara-as com as que já estão visíveis. Coloca, por ordem, um rei, uma rainha, um valete, alternado as cores vermelha e preta do naipe. Observo-o, fascinado.

— Percebeste?

— Só um pouco.

— Como te chamas?

— Gopal.

O homem ensina-me o jogo. Acho-o bastante simpático, mas lembro-me logo da advertência de Baba: “Não revelem a ninguém donde vimos, nem para onde vamos. Não quero que se saiba que onde estamos, nem quem somos.”

Todavia, creio que o nosso companheiro de viagem percebeu que esta era a nossa primeira viagem para Bombaim, sem que fosse preciso dizer-lho. Entrega-me o baralho das cartas e a prancha, e diz:

— Agora é a tua vez.

Jogo uma vez e devolvo as cartas ao homem, que as mete no bolso, antes de colocar a prancha no saco e fechar os olhos. À semelhança de Naren, também eu devo ter adormecido, porque só acordo com a travagem que o comboio faz ao entrar na estação de Kalyan.

Há muito barulho no cais, onde parece ouvir-se o zumbido de milhares de abelhas, misturado com um chilreio de pássaros e latidos de cães vadios. Entretanto, os gémeos já acordaram e têm fome. Aai abre o recipiente de alumínio com os *rôtis* recheados de pickles, e começa por oferecer um ao nosso companheiro de viagem.

Este aceita-o e agradece a Aai. Em seguida, servimo-nos nós. Ouvem-se os gritos agudos dos vendedores, e um rapaz mais novo do que eu enfia a cabeça pela janela e pergunta ao homem:

— *Ek chai?*

— Quero seis.

O rapaz parece não compreender.

— São para a minha família— explica o homem, apontando para nós.

Horrorizado, olho para Baba e para Aai. Sei que não temos dinheiro que chegue, e que, mesmo que tivéssemos, não íamos desperdiçá-lo assim. O homem paga o chá e entrega-nos os copos.

— Muito obrigados pelo chá — diz Baba.

— E eu agradeço o *rôti*. Há chá por toda a parte, mas dificilmente se encontra comida tão deliciosa como esta.

Sorvo lentamente o chá quente. O meu copo ainda está meio cheio quando soa o apito do comboio. Quanto aos gémeos, ainda estão à espera de que o chá arrefeça.

— Como vamos devolver os copos ao rapaz? — pergunto em pânico.

O homem pousa a mão no meu ombro.

— Saboreia o teu chá e não te preocupes com os copos. Ele virá buscá-los mais tarde.

— É um passageiro do comboio?

— Não oficialmente.

O comboio começa a andar, mas logo se imobiliza.

— Porque é que o comboio não avança, Baba? — pergunta Naren.

— Não sei.

— O sinal está vermelho e o comboio tem de esperar que passe a verde — explica o homem.

— E quando é que isso vai acontecer?

— Quando acabares de beber o teu chá.

— E como é que sabem que eu acabei?

O homem ri.

— Bebe, e não te preocupes.

O chá, de um castanho avermelhado como a cor da terra da nossa quinta, é forte e doce. Revigora-me de tal maneira que não sei se conseguirei adormecer. O rapaz que o vendeu acaba por voltar, e devolvemos-lhe os copos. Arruma-os num caixote, juntamente com outros e, como não existe cais, pousa as duas caixas no degrau do comboio. Em seguida, salta para terra e recupera-as. Alguém fecha a porta depois de ele sair.

Pergunto-me se vai à escola, ou se esta é a sua única atividade. Se a família for muito pobre, o mais certo é ter de trabalhar para a ajudar. A ideia de que talvez só faça isto de manhã, antes de ir para as aulas, tranquiliza-me.

Minutos depois, quando o rapaz espera entre duas vias, ouço um barulho enorme: é um comboio que passa rente a ele a toda a velocidade, desgrenhando-lhe os cabelos. Estremeço só de pensar que aquelas rodas enormes esmagariam tudo à sua passagem.

Depois da passagem do expresso, o nosso comboio recomeça a andar.

— O sinal está verde! — exclama Sita.

— És esperta — comenta o nosso companheiro de viagem.

Vejo que o rapaz do chá continua à espera.

— Porque é que ele não vai embora? — pergunto ao homem, que parece ter resposta para tudo.

— Porque está à espera do comboio que vai chegar para recolher mais copos de chá para servir no próximo comboio.

— Tem uma barraca?

— Não, é um simples empregado.

Só espero que não seja obrigado a fazer isto o dia inteiro, todos os dias da semana.

Baba adormece. Os gémeos pedem a Aai que lhes conte uma história.

*Era uma vez uma coelhinha muito medrosa que vivia na floresta. Com receio de se perder, ficava sempre por perto de casa, junto de uma figueira. Um dia, uma tempestade varreu a floresta. O vento era tal que assobiava e vergastava os troncos das árvores,*

*quebrando-lhes os ramos. De repente, houve algo que caiu a pique sobre a cabeça da coelhinha, o que muito a assustou.*

*“Acho que me caiu na cabeça um pedaço de céu!”*

— Que palerma! — comenta Naren.

— Deixa-me ouvir! — protesta Sita.

O senhor que dorme à nossa frente abre os olhos, e olha para os gémeos com ar severo. Estes calam-se imediatamente e Aai continua.

*Então, a coelhinha ouviu então uma haste partir-se por cima da sua cabeça.*

*“O céu está a cair! O céu está a cair! Vou mas é fugir!”, gritou, correndo tão rapidamente quanto as suas pequenas patitas lhe permitiam.*

Eu já tinha ouvido esta história muitas vezes, porque, enquanto eu ajudava na sacha e na colheita, Aai contava-me histórias para me ajudar passar o tempo.

Lá fora, a paisagem desfila. Estamos muito longe da nossa aldeia e dos nossos vizinhos. Mohan e Shiva já devem ter ido para a escola. Ao verem que não apareço, irão certamente a minha casa quando regressarem. Que pensarão quando descobrirem que fomos embora? Não sabem para onde fomos, mas não terão muita dificuldade em adivinhar, pois sabem que Jama vive em Bombaim. Ficarão um pouco ciumentos, como eu fiquei quando Mohan passou alguns dias em Bombaim com o seu irmão mais velho?

Só espero que, em Bombaim, Baba e Aai encontrem um emprego estável, para eu me dedicar aos estudos. Baba talvez consiga o mesmo tipo de trabalho que Jama e, assim, teremos dinheiro para comprar roupa nova para todos, e livros para mim. É certo que não vou ter uma *nimba* à beira do lago, mas a leitura também vai acalmar-me e ajudar-me a sonhar.

O comboio abranda. Chegamos a Thane.

— Isto é para ti — diz-me o nosso companheiro de viagem, entregando-me o baralho.

— Mas ...

— Guarda-o e joga com os teus irmãos. Se eles quiserem, sempre podes fazer uma paciência, como te ensinei — diz, piscando o olho.

Não sei bem o que dizer a este desconhecido que teve a amabilidade de me ensinar um jogo, e que agora me dá as suas cartas.

— Obrigado — acabo por murmurar.

Baba retira a nossa bagagem debaixo do banco, e eu enfio as cartas no saco de algodão, por cima do meu bloco-notas. Aai acorda os gémeos quando o comboio entra na gare. Dobro o tapete e entrego-o a Baba, que o guarda num dos sacos.

— *Chala, chala*, vamos, vamos — diz ele, apressando-se em direção à porta.

Sigo-o com o saco de algodão. Quando o comboio para, as pessoas que esperam no cais lançam-se na direção das portas.

— *Thahro!* Esperem! — grita-lhes o homem que me ofereceu o baralho.

Baba desce primeiro, e depois é a vez de Aai. O homem pega nos gémeos e entrega-os a Baba, que já está no cais. Em seguida, ajuda-me a passar-lhe as bagagens. Sou o último a descer e certifico-me de que não nos esquecemos de nada.

Estamos agora no cais, no meio de um mar de gente. Aai segura os gémeos pela mão, e olhamos espantados para tudo. Esta gare não tem nada a ver com a da nossa aldeia poeirenta e deserta. Thane está cheia de mulheres que usam vestidos ou saris coloridos, de homens que correm para apanhar o comboio, e de vendedores a apregoar chá. Os odores a fritos e a chá quente flutuam no ar, por entre uma mistura de línguas.

Um grupo de mulheres ricamente vestidas passam por nós, adornadas com colares e braceletes de ouro. Uma rapariga arrasta um saco com rodas como aqueles que carreguei em Matheran, onde não era possível puxá-los, devido às ruas esburacadas. Muitos pessoas correm apressadas pela ponte comprida que liga as duas partes da gare, e chegam mesmo a galgar vários cais. Encostamo-nos a um canto, ao lado de uma barraca que vende jornais e revistas. Pergunto-me se haverá revistas e livros em casa de Jama.

— Fiquem aqui que eu vou tentar saber como chegar a Bombaim — diz-nos Baba, antes de se afastar.

Ergo a cabeça para agradecer ao homem que me deu as cartas, mas ele já desapareceu. Olho através da janela, e agito o braço para lhe chamar a atenção. Contudo, não consigo vê-lo, pois o compartimento está a abarrotado de passageiros. Quando ele por fim olha na minha direção, o comboio apita e começa a andar.

Viro-me para Aai e pergunto:

— Consegues ver Baba?

A minha mãe meneia a cabeça, e Naren perscruta o cais.

— E se Baba não voltar? E se se perder? — pergunta, puxando-me com força pela mão.

Aai ajoelha-se e diz:

— O pai não tarda a vir.

Tira dois pedaços de açúcar de uma bolsa de pano e dá um a cada para chuparem. Eu também gostaria de comer um, mas percebo que não há que chegue para todos. Evito olhar para minha mãe, pois não quero que se aperceba de que estou desapontado. E também não quero ler nos seus olhos que se sente desolada.

## 5

O cais vai ficando vazio, pouco a pouco, e Baba volta para junto de nós com um ar consternado. Os meus pais e eu afastamo-nos um pouco para decidir o que fazer.

— Não sei a quem perguntar o caminho — explica o meu pai.

— Antes de mais, vamos sair da estação — sugere a minha mãe.

Pego no saco de pano, e Baba pega nos sacos que têm a louça e a roupa de cama. Aai dá a mão aos gémeos e dirigimo-nos para a saída.

No momento em que Naren atravessa a porta, um fiscal de uniforme branco manda-o parar.

— Têm de mostrar os bilhetes para poderem sair.

Baba pousa os sacos no chão e tira os bilhetes do bolso.

Quando saímos da estação, somos saudados por um concerto de buzinas, e assistimos a um desfile de carros e de riquexós. O ar está saturado de poeira e de um forte cheiro a gasolina. Ergo a cabeça à procura de sol, mas só consigo ver uma luz encoberta por uma massa cinzenta. Pergunto-me se ainda faltará muito para chegarmos a Dadar.

Baba pega no pedaço de papel amarrotado com a direção de Jama, e mostra-o a um condutor de riquexó.

— Quer que os leve a algum lado? — pergunta o homem.

— Não, só queria que me dissesse se este lugar fica longe daqui.

Alguém sobe para o riquexó, e o condutor arranca sem lhe responder. Baba fica atónito.

Dirigimo-nos para o outro lado da rua, onde uma fila de táxis amarelos e pretos esperam os clientes. Baba estende o papel a um motorista.

— Este lugar é perto daqui? Podemos ir a pé? — pergunta, enquanto o homem dá uma olhadela ao papel.

— Se partirem agora, estarão lá antes de o sol nascer — responde.

O meu pai fica perturbado e recua um passo. O homem ri-se, mostrando uns dentes castanhos e manchados. Confesso que nada me agrada nesta cidade.

— Estamos cansados — geme Sita.

— Temos sede — insiste Naren.

— Fiquem aqui com a vossa mãe, enquanto Gopal e eu vamos procurar alguém que nos informe.

Aai e os gémeos sentam-se no passeio da gare, junto das bagagens, e Baba e eu avançamos por entre a multidão. É meio-dia e o calor começa a apertar. Atravessamos o mercado, sempre a perguntar às pessoas se sabem como podemos chegar a Dadar. Alguns nem olham para Baba, enquanto outros fitam o papel e sacodem a cabeça.

— Há pessoas à espera do autocarro do outro lado da rua. E se fôssemos perguntar-lhes? — propõe Baba.

De vez em quando, os engarrafamentos fazem abrandar o tráfego e as pessoas esgueiram-se aos ziguezagues por entre carros, bicicletas, motas, camiões, autocarros e riquexós. Toda a gente consegue atravessar, exceto nós. Se quisermos viver na cidade, temos de aprender a lidar com o trânsito.

Quando, finalmente, chegamos ao passeio do outro lado, Baba mostra o pedaço de papel a um homem que espera pelo autocarro.

— Tem de apanhar o autocarro 30 no Marathon Chowk e sair em Dadar — informa ele.

— E onde fica essa paragem? — pergunto.

— Se forem por ali, são dez minutos a pé — indica com um gesto da mão.

Baba diz-me:

— Não temos dinheiro suficiente para viajar juntos. Como é quase noite, e não queria deixar-vos sós, irei amanhã.

— Onde vamos passar a noite? — pergunto.

Baba não responde, pois sabe que encontrar um local onde dormir deve ser muito difícil.

No caminho de regresso à estação, sinto uma imensa fome ao ver os camponeses a vender abóboras e couves. Paramos na mercearia Deepak, cuja montra exhibe boiões cheios de guloseimas coloridas, e sinto a água a crescer na boca. Quando Baba pergunta se há, algures, um abrigo para passar a noite, o dono da loja responde:

— Se não tiver dinheiro, não vai encontrar nada.

— A minha família está à espera na estação, e temos duas crianças. Se me pudesse indicar um lugar onde passar a noite, rezarei por si.

Um cliente volta-se para nós e diz:

— Seria mais útil que rezasse pela sua família.

Fico espantado e furioso com a falta de respeito de que Baba tem sido alvo. E não sou o único. O proprietário da loja recebe o pagamento do cliente e diz, mal ele sai:

— Não custa muito mostrar um pouco de compaixão.

Em seguida, pergunta-me:

— Comeste?

Meneio a cabeça.

— Vou dar-vos lentilhas e arroz. É tudo o que posso fazer.

— Ficamos-lhe muito agradecidos — diz Baba, com a voz embargada.

— Há milhares de pessoas como vocês, que vêm para Bombaim em busca de uma vida melhor — explica o gerente, abrindo um jornal velho. — A cidade é muito grande, mas não tem condições para acolher toda a gente.

— Milhares de pessoas? — admira-se Baba.

O dono da loja rasga uma página do jornal a meio para fazer dois cartuchos. Enche o primeiro de arroz e o segundo de lentilhas.

— É verdade — confirma. — Todos os dias desembarcam pessoas nesta cidade, vindas dos mais variados lugares, com a esperança de encontrar melhores condições de vida. Contudo, é impossível alimentar e alojar toda a gente — queixa-se.

— Mas nós tencionamos trabalhar, não queremos viver da caridade alheia — protesta Baba.

— Eu sei, mas não veem que aqui há demasiadas pessoas à procura de trabalho?

Embrulha sal, pimento vermelho e curcuma em pequenos pacotes. Mete tudo num saco de plástico e entrega-mo. Baba pega no dinheiro.

— Hoje são meus convidados. É um presente — diz o dono da loja.

Baba inclina-se para agradecer.

— Rezarei pela salvação e felicidade da sua família.

Inclino-me também.

— Seria melhor voltarmos para junto de Aai e dos gémeos. Devem estar preocupados — digo.

— Sim. Por hoje já deambulamos que chegue.

Aai, Sita e Naren estão encostados uns aos outros em cima do passeio.

— Que trazes aí? — pergunta-me Sita ao ver o saco.

— Olha só o que um senhor nos deu — digo, mostrando os embrulhos. — Arroz, lentilhas e especiarias.

— E que mais?

— Não achas que já é bastante? Foi oferecido.



— E como vamos comer isso?

A pergunta da minha irmã irrita-me: voltamos com todas estas provisões e ela ainda se lamenta. Estou prestes a dar-lhe um sermão, quando ela acrescenta:

— Não temos fogão para cozer o arroz e a sopa de lentilhas.

— Ainda há sandes, Aai? — pergunta Naren.

— Já só há duas. Mas não tem importância, porque em breve estaremos em casa de Jama. Já sabem como se vai para lá?

— Vou apanhar um autocarro amanhã de manhã, e trago-o comigo — responde Baba.

O rosto de Aai crispa-se de preocupação, mas não diz nada. Baba tira o dinheiro que tem no bolso.

— Vamos arranjar alguma coisa para comer, Gopal.

— Não se afastem demasiado — recomenda Aai.

Caminhamos muito devagar, tentando evitar chocar com os transeuntes. Felizmente, não temos de atravessar nenhuma rua. Perto dali, compramos alguns pacotes de *pakor*s fritos a um vendedor ambulante. Baba tira um tacho do saco e vai buscar água, enquanto abro um dos pacotes. Cada um de nós pega num *pakora*, exceto Aai, que espera que Baba volte.

Os *pakor*s são uma mistura de batata, farinha de grão-de-bico, e especiarias. Uma vez, em Matheran, um turista comprou-me um para me agradecer por lhe ter levado as bagagens.

Baba volta com a água. É bom beber alguns goles. Quando os meus pais começam a comer, já nós terminámos um pacote, e os gémeos tencionam voltar a servir-se.

— Gopal? — oferece Baba, estendendo-me o pacote aberto.

Hesito, receando que ele e Aai não tenham comido o suficiente. Baba dá-me um grande *pakora*.

— Faz-me a vontade, come só mais um — insiste o meu pai.

Já com o estômago cheio, sinto vontade de dormir. Contudo, há tanta gente a andar à nossa volta que não vejo como conseguirei. Aai estende o tapete desfiado na borda do passeio para os gémeos. Encosto-me à parede da estação, e ponho-me a observar.

A noite está quente, sob a nuvem de bruma cinzenta. O ar encontra-se saturado de cheiros, e os ruídos são agora mais abafados. O bairro está iluminado por candeeiros, e não consigo distinguir uma só estrela no céu. A lua, que ontem brilhava por cima do lago, desapareceu debaixo das camadas de nevoeiro.

Confesso que sinto medo, e que a presença da minha família não basta para me reconfortar. Já devíamos ter chegado a casa de Jama. Será que fizemos a melhor opção?

— Contas-nos uma história? — pede Naren.

— Se estás cansado, uma antiga serve — diz Sita.

Aai dirige-me um sorriso, e sinto-me incapaz de recusar.

— Que tal uma história de Birbal?

Naren diz que não com a cabeça.

— Ainda não acabaste a do berlinde... Não quero que inventes outra.

— Essa fica para quando estivermos em casa de Jama. Se não têm vontade de ouvir esta...

— Temos — afirma Sita. — E vamos portar-nos bem — promete.

Conto-lhes uma história tirada do meu livro, uma história que sei de cor.

*Há muito, muito tempo, o rei mongol Akbar reinava na Índia. Na sua corte, havia nove pessoas muito especiais, a quem o rei chamava navratna, que significa nove joias, e que eram seus conselheiro e amigos. Um deles chamava-se Birbal. Birbal era inteligente, divertido e discreto. Akbar considerava-o o homem mais inteligente e sábio do reino. Um dia, motivados pelo ciúme, os outros conselheiros urdiram um plano para se verem livres dele. Certo dia, o barbeiro do rei, subornado por eles, disse ao soberano, "Shahanshah! Birbal faz-nos rir tanto que os teus antepassados iriam ficar felizes se ele fosse distraí-los no paraíso."*

*Akbar viu logo que os outros conselheiros tinham sugerido isso ao barbeiro, mas estava convencido de que Birbal seria mais esperto do que eles.*

*"Que ótima ideia!" exclamou o rei. "Vamos mandar Birbal para o paraíso."*

*Naquela tarde, perante toda a corte reunida, Akbar propôs a Birbal que fosse divertir os seus antepassados.*

*"Com todo o gosto, meu senhor," replicou Birbal. "Só vos peço alguns dias para terminar o meu trabalho aqui em baixo."*

*No dia em que Birbal se mostrou pronto para subir ao céu, Akbar levou os seus conselheiros e o barbeiro ao cemitério. Depois de toda a gente se despedir dele, Birbal avançou até à pira funerária e subiu. Quando o fumo se elevou, Akbar virou-se para os outros e disse, "Vou sentir a falta do meu amigo, mas os meus antepassados vão ficar contentes."*

*O barbeiro fez uma respeitosa vénia. "Assim será, Shahanshah!"*

*Passaram dois meses, e ninguém mais pensou em Birbal. Uma tarde, os guardas anunciaram à corte que Birbal tinha voltado do paraíso para fazer uma visita. Todos os rostos se ensombraram, à exceção do rei, que se iluminou de alegria.*

*“Mandai-o entrar,” disse, levantando-se do trono para receber o seu querido amigo.*

*O rei pediu a Birbal notícias dos seus pais, os falecidos reis, e de todos os outros membros da família.*

*“Está tudo bem com eles, exceto uma coisa.”*

*“Diz-me, o que lhes falta?”, perguntou Akbar.*

*Birbal cofiou a barba e disse, “Como podeis constatar, não há lá barbeiro.”*

*O riso de Akbar encheu a sala.*

*“Então vou mandar-lhes o meu,” declarou.*

*O barbeiro empalideceu e começou a tremer.*

Aconchego a manta sobre os gémeos, que já dormem profundamente.

— Escolheste bem a história. Como já a conhecem de cor, adormecem antes do fim — diz-me Aai.

— Já acabaste de contar a *kahani*? — pergunta-me uma voz.

Volto-me e vejo uma rapariga da minha idade, sentada na posição de lótus. Mesmo que a luz seja fraca, consigo ver um sorriso deslumbrante.

— Sim, acabei.

— Mas eu julgava que Birbal tivesse morrido.

— Não, não morreu. Birbal escavou um túnel entre a casa e o cemitério, para poder descer da pira antes de ser queimado, e fechou-se em casa durante dois meses.

— Mas tu não disseste isso — recrimina ela, com ar perplexo.

— Os meus irmãos já ouviram esta história tantas vezes que não é preciso explicar-lhes.

— *Tum acchi kahani sunate ho.*

Sorrio, radiante, por ela me cumprimentar daquela maneira. Há muita gente àquela hora no passeio, e não sei se as pessoas que dormem a seu lado são os pais dela. Seria verdadeiramente aterrador viver nesta cidade sem família e sem teto. Que sorte tenho por ter os meus pais e irmãos junto de mim! E por amanhã já podermos ficar em casa de Jama.

Deito-me no passeio. Na nossa aldeia, quando dormíamos ao relento, fazíamos-lo por gosto. Aqui, fazemo-lo por necessidade. Apercebo-me dos olhares das pessoas que passam por nós, e que nos consideram uns sem-abrigo, e sinto vergonha. Ainda bem que amanhã, quando voltarem a passar por aqui, já não nos vão ver.

O trânsito abranda à medida que a noite avança. De dia, a cidade parece uma feira cheia de gente, transbordante de vida. À noite, torna-se tão pouco hospitaleira como um acampamento inimigo. Há imensas pessoas a dormir no passeio. Umhas têm tapetes velhos ou

mantas, outras estão deitadas sobre pedaços de cartão ou de oleado. Outras, ainda, dormem diretamente no chão. Dir-se-ia que metade da cidade dorme na rua.

Estou quase a adormecer quando recebo uma pancada violenta na barriga. Solto um grito.

— Porque estão a dormir aqui? — pergunta uma voz irada.

Abro os olhos, e vejo uns sapatos pretos a dois dedos da minha cara.

## 6

Levanto-me e fito o homem de sapatos pretos e farda caqui. É um polícia. Na penumbra, tenho dificuldade em distinguir a fisionomia, mas vejo bem o bigode espesso e farfalhudo. Baba levanta-se também, e pergunta:

— Há algum problema?

— Não podem dormir aqui! — grita o polícia.

Pergunto-me por que motivo nos escolhe como alvo, se não somos os únicos a dormir no chão. Se calhar, os outros pagaram-lhe para dormir ali.

— Chegámos hoje da aldeia e não temos para onde ir — explica Baba. — Por favor deixe-nos ficar aqui esta noite. Temos duas crianças pequenas — implora, apontando para Sita e Naren.

O polícia olha para nós, impávido. Aai, que também se levantou, põe um dedo sobre os lábios para me indicar que não devo intervir.

Baba junta as mãos, como se fosse rezar.

— Por favor, tenha compaixão de nós. Para onde havemos de ir agora a meio da noite?

O polícia permanece imperturbável. De certeza que está à espera de uma gorjeta.

— Somos pobres, não temos dinheiro — diz Baba, com um ar sofrido.

O polícia bate o pé e a minha barriga contrai-se, pronta para receber outro golpe, que não chega a vir.

— Se vos volto a ver aqui amanhã à noite, vão dormir para a prisão — avisa, antes de se afastar.

Demoro muito a adormecer.

Habitualmente, acordo com o ruído do moinho de água, com o chilrear dos pássaros, ou com os passos leves de Aai e das outras mulheres a varrer o pátio. Esta manhã, só ouço o barulho das buzinas dos carros, dos gritos dos vendedores, e das centenas de solas a bater no pavimento.

Lavamo-nos na torneira que se encontra no exterior da gare. Baba e eu compramos três chávenas de chá para o pequeno-almoço, e dividimos entre todos os *rôtis* que sobraram. Daqui a pouco já não poderão ser comidos, e mais vale economizar o pouco dinheiro que temos.

— Vou apanhar o autocarro para ir ter com Jama — anuncia Baba, quando acaba de beber o chá.

Aai enrola o sari à volta do corpo e vejo que tem o pânico estampado no rosto.

— Não podemos ir todos? — pergunta Naren, que não percebe que não temos dinheiro para tal.

— Não, porque há demasiada gente nos autocarros — explica Baba. — Quando eu voltar, talvez possamos apanhar um riquexó até casa de Jama. Não vou demorar.

O meu pai fala com um entusiasmo forçado. Alheios a tudo, os gémeos põem-se aos pulos.

— Tens a certeza de que não te vais perder? — pergunto, preocupado, a Baba.

— Hei de encontrar-vos — assegura ele, pegando no endereço de Jama.

— O papel está tão amarrotado que já mal se lê a direção, Baba. Deixa-me copiá-lo.

Arranco a página em que escrevi a morada de Jama, entrego-a a Baba, e enfio o papel amarrotado no meio do meu bloco-notas.

## 7

Não é fácil ter um pedaço de passeio como alojamento, e nada ter para fazer exceto esperar. Gostava de ir dar uma volta, mas, quando peço licença a Aai, ela agarra-me o pulso com força.

— Não, não me deixes.

Ficamos os quatro no passeio, imóveis como pedras, a olhar para as pessoas. Uma rapariga um pouco mais velha do que eu vende pentes, brinquedos de plástico e jogos de cartas, enquanto outra, de tranças compridas, vende revistas. Devem ser amigas, porque sorriem uma para a outra quando um cliente lhes compra qualquer coisa. Sita e Naren brincam com os berlindes, enquanto Aai e eu contemplamos a rua.

Eu também podia vender revistas, e assim aproveitava para as ler. Se ganhasse algum dinheiro, podia montar uma barraca e vender livros também. E, mais tarde, poderia vir a ter uma livraria, com muitos livros em várias línguas. A cidade atrai tanta gente que uma livraria seria decerto rentável. Claro que não poderiam faltar livros para crianças. Os meus irmãos

adoram histórias. Quando souberem ler, vão de certeza gostar de livros, e poderão ajudar-me a gerir a loja. Vou chamar-lhe *Os Três Leitores*.

— Contas-nos uma história? — pede Naren, puxando-me pela mão.

Começo a sentir falta do meu ramo de *nimba*, onde ninguém me incomodava. Era o local ideal para “construir castelos no ar”, como diz Aai.

— Conta-me uma história diferente da do berlinde — pede Sita.

— Porquê? — admira-se Naren.

— Porque ainda não estamos em casa de Jama — explica Sita. — Conta-nos uma história sobre Bombaim — suplica.

Com os lábios tensos, Aai perscruta a rua, que abarrotada de gente. Baba não vai voltar tão cedo. Se eu contar uma história aos gémeos, isso evita que importunem Aai.

Começo:

*Era uma vez uma menina pobre que foi com a família para Bombaim. Um dia, a menina viu uma nota de mil rupias cair da carteira de um homem rico. Apanhou-a e entregou-lha. O homem viu que a menina andava descalça e que trazia um vestido roto.*

*“Porque não ficaste com o dinheiro?” perguntou o homem. “Precisas dele mais do que eu.”*

*“Porque isso é errado,” respondeu a menina, com os olhos negros a brilhar.*

*“És uma menina honesta e gostaria de te ajudar,” disse o homem. “O que gostarias de ter?”*

*A menina fechou os olhos e ficou a pensar. Desde pequena que sonhava abrir uma livraria. Contudo, não ousava confessar o seu desejo àquele homem rico, com medo de que ele a achasse ridícula e troçasse dela. Talvez devesse pedir-lhe comida, roupa, ou uma casa.*

*“Não te esqueças de que tem de ser uma coisa verdadeiramente especial,” disse o homem.*

*“Quería ter uma livraria,” disse a rapariga.*

*“Uma livraria?” exclamou o homem admirado. “Tens a certeza?”*

*“Tenho,” disse a rapariga.*

*Então, o homem ajudou a rapariga a comprar uma livraria. A rapariga lia todos os livros antes de os vender, para se certificar da qualidade das histórias. Os habitantes de Bombaim gostavam tanto da loja que a rapariga passou a ter sempre dinheiro para comprar fruta, legumes, e até peixe. Ofereceu sapatos a toda a família, e conseguiu comprar um pequeno apartamento, no último andar de um edifício, onde tinha a sensação de que bastava estender*

*os braços para agarrar as nuvens com as mãos. Contudo, não esquecer o homem que a ajudara.*

*Quando lhe ofereceu uma pilha de livros para lhe agradecer, ele disse, “Acho que está na altura de teres uma loja maior.”*

*Então, com o dinheiro que tinha economizado, a rapariga comprou um espaço maior. Não havia um grão de pó nas prateleiras de madeira repletas de livros, e o espaço cheirava a papel e a tinta. Passava os dias a conversar com os clientes e a aconselhá-los sobre as leituras que deviam fazer, e, à noite, quando fechava a loja, pensava sempre no dia seguinte com um sorriso nos lábios. A livraria tinha-lhe trazido felicidade.*

Os gémeos olham para mim.

— Não gostaram da história?

— Acho que o dono da livraria devia ser um rapaz — diz Sita. — Tu, por exemplo.

— E por que não Naren?

— Porque eu pedia uma loja cheia de brinquedos.

— É verdade — confirma Sita.

— Baba ainda vai demorar muito? — pergunta Naren, olhando em volta.

— Vou mostrar-vos um jogo que o homem do comboio me ensinou — digo, para os distrair.

Mostro-lhes como dispor as cartas.

— É difícil — comenta Naren.

— E não é divertido — acrescenta Sita, olhando para Aai. — Tenho fome.

Aai permanece calada e de olhos fechados. Apanho rapidamente as cartas espalhadas sobre o tapete desbotado.

— E se jogássemos todos? — proponho.

Jogamos por uns momentos, mas estou sempre de olhos postos na rua.

— Eu não jogo mais. Quero comer — diz Sita, ao fim de alguns minutos.

A fome atormenta-nos o estômago, e não há jogo que a engane.

— Vamos lavar-nos, e depois comemos qualquer coisa — propõe Aai, que, no entanto, permanece sentada.

O barulho do trânsito e da multidão começa a atenuar-se um pouco. É o momento mais quente do dia e, mesmo à sombra, o calor é insuportável. Procuo, com o olhar, uma árvore que nos dê mais frescura do que um edifício, mas não há nenhuma nas imediações.

Espero que Baba volte depressa. Quanto mais depressa vier com Jama, mais depressa saímos daqui. Entretanto, precisamos de água. Faço um esforço para me levantar, e vou à

fonte pública encher um tacho. A água não chega para refrescarmos a cara, mas sentimo-nos todos melhor.

Os gémeos observam, fascinados, um grupo de homens que descem de um carro flamejante. Quando me sento junto de Aai e das bagagens, ela deixa escapar um suspiro profundo.

— Sempre pensei que Baba já cá estivesse a esta hora. Por onde andaré ele?

— O que vamos fazer, entretanto? — pergunto. — É preciso comprar comida, mas ficamos sem dinheiro.

Aai desfaz o nó do sari e entrega-me uma nota de cinco rupias, amarrotada.

— Compra o que puderes, e não te esqueças de trazer o troco.

Levo os gémeos comigo. Caminhamos em direção ao carro de mão onde comprei os *pakor*s com Baba. No trajeto, deparo com um homem vestido com uma farda caqui. Também tem sapatos pretos e um grande bigode. É o polícia que me deu um pontapé ontem à noite. Tremem-me as pernas e hesito. Naren e Sita puxam por mim.

— É melhor voltarmos para trás — digo.

— Porquê? Há ali comida — insiste Naren, soltando a mão.

Consigo segurá-lo antes que desate a correr e atraia as atenções. Se o polícia nos vê, arriscamo-nos a que implique connosco. Mas ele está a conversar com um homem bem vestido, e nem nos vê.

Paramos diante de um pequeno restaurante, cujo letreiro diz PAV-BHAJI. Cheira muito bem e as pessoas fazem fila, mas não podemos levar nada para Aai. Decidimos ir buscá-la, e trazer a bagagem também. Estou preocupado por Baba ainda não ter regressado.

— Não comas tão depressa — avisa Aai.

Obedeço-lhe, sempre a escrutinar a rua. Aai pousa a mão no meu ombro.

— Não te preocupes. Baba vai encontrar-nos. Sabe bem que não podemos ficar para sempre no sítio onde nos deixou.

A minha mãe pensa que estou a ver se o meu pai regressa. Não a contradigo, pois já tem preocupações que cheguem, sem eu ter de mencionar o polícia. Baba partiu há mais de cinco horas.

— Viste as duas vendedoras desta manhã? — pergunto a Aai para a distrair.

Ela acena que sim.

— Eram pouco mais velhas do que eu. Se calhar, eu podia fazer o mesmo que elas.

— Sim, mas primeiro tens de ter dinheiro para comprar revistas, brinquedos ou outras mercadorias. Ninguém te vai dar aqueles artigos de graça, Gopal.



Terminada a refeição, pegamos na bagagem e afastamo-nos do pequeno restaurante, em direção a um lugar com menos gente. Aai estende o tapete no passeio, diante de uma loja fechada, e sentamo-nos os dois. Entrego o maço de cartas aos gémeos, que estão sentados em cima do saco que contém a roupa de cama.

Duas raparigas um pouco mais velhas do que eu saem de um carro estacionado à nossa frente, junto ao passeio. Usam sandálias, e tem as unhas pintadas de verniz vermelho.

— Volte dentro de uma hora — dizem ao motorista.

Como entram na loja que fica mesmo ao lado, levanto-me e vou observar a montra. As raparigas devem querer comprar mais calçado. Imagino que, quando se é rico, se compra mais do que o necessário. Um dia, talvez possa oferecer a mim próprio um bom par de sandálias castanhas.

Quando vejo Aai a torcer nervosamente o sari, volto a sentar-me ao lado dela. Os gémeos continuam a jogar cartas. Tiro o meu bloco-notas, abro-o numa página em branco, e pego no lápis.

Passados uns momentos, Aai faz-me sinal que a acompanhe. Vai até à borda do passeio e espreita para a rua.

— Pergunto-me quanto tempo é preciso para ir a Dadar e encontrar a casa do Jama — diz.

— E regressar — lembro-lhe.

O sol não vai tardar a pôr-se. Se Baba até lá não voltar, temos de encontrar um lugar onde passar a noite. Talvez possamos ficar aqui.

— Venho já — digo a Aai, e vou ter com o vendedor de *pav-bhaji*.

— O senhor acha que se pode passar a noite aqui? — pergunto.

— Este lugar está repleto de gente durante a noite. É melhor vocês afastarem-se da gare, porque os que costumam cá dormir não vão gostar da vossa presença.

Agradeço-lhe.

— Aai, temos de encontrar um lugar afastado da estação, se tivermos de voltar a passar aqui a noite — murmuro. — E se eu fosse dar uma volta antes que anoiteça?

Aai diz que sim, mas vejo pela sua expressão que desaprova a ideia.

— Não te afastes muito e volta depressa.

Saio da gare e desço a rua. Não vejo espaço suficiente para nos instalarmos os quatro.

“Talvez tenha mais sorte numa rua pequena”, digo para comigo, enquanto dou uma olhadela a uma.

Atrás da estação, ao fundo de uma avenida, vislumbro um morro coberto de detritos, e algumas pessoas debaixo de uma ponte. Fecho um pouco os olhos, mas a luz impede-me de distinguir o que quer que seja. Sigo a vereda marcada pelos passos.

Debaixo da ponte, o leito seco do riacho está juncado de sacos de plástico, maços de cigarros vazios, jornais e placas de tijolos. A erva mirrada e coberta de silvas tem uma cor acastanhada. É um lugar fresco, ocupado apenas por dois casais.

Os homens descansam, enquanto as mulheres cozinham a um canto.

— Os senhores moram aqui? — pergunto aos homens.

Um deles levanta a cabeça, e vejo que é mais encorpado do que Baba.

— Sim, porquê? — pergunta a sorrir. — Gosto de te ouvir falar o marati da aldeia, o *pakka* autêntico.

Explica-me que chegaram na semana anterior, e que, desde então, vivem debaixo desta ponte.

— Posso trazer a minha família para aqui? — pergunto.

— *Hamar Baap ka bridge thodi hai? Aaa jao* — diz o outro homem em hindi. — E será que a ponte não pertence aos nossos antepassados?

A forma de o homem nos dar as boas-vindas aquece-me o coração.

— Ninguém os incomoda aqui?

Preciso de me certificar de que o polícia não costuma andar por ali.

— Além de ti, ninguém veio ainda importunar-nos — graceja o primeiro.

Explico-lhes que Aai e os gémeos estão à minha espera junto à estação, e eles oferecem-se para me acompanhar. Quando a minha mãe me vê chegar com dois desconhecidos, a sua testa enruga-se de preocupação. Os dois homens afastam-se um pouco, enquanto falo com ela.

— Podemos dormir debaixo da ponte. É um lugar onde não passa ninguém, e o polícia não virá incomodar-nos. Também lá estão duas mulheres.

— Mas nós não conhecemos estes homens. Acho que a rua é mais segura, pelo menos tem mais gente.

— Aai, lembra-te dos pontapés que apanhei.

— Lembro, pois, mas também não sabemos quem são estes homens, nem o que querem de nós.

— Aai, eles não querem nada de nós. Vieram para nos ajudar a levar a bagagem.

Quase receio que se vão embora ao vê-la tão desconfiada, mas um deles tranquiliza-a:

— *Namaskar bahim*, somos naturais da aldeia ao lado de Pune. Também acabámos de chegar à cidade.

Os traços de Aai distendem-se quando reconhece o dialeto da nossa região.

— *Namashkar* — saúda-os. — *Chala* — acrescenta, enquanto pega nas mãos dos gémeos.

Os homens pegam num saco de juta cada um, e eu levo o saco de algodão.

Debaixo da ponte, Aai conversa com as mulheres, enquanto procuro alguns blocos de tijolo grandes para fazer uma espécie de fogareiro. Naren e Sita apanham gravetos para acender o lume. Disponho a lenha entre os dois tijolos.

— Aai, já te fizemos um fogão. Agora vais poder cozer o *dal* e o arroz que aquele senhor simpático nos deu ontem.

Aai abana a cabeça.

— Acho que não vai resultar. As mulheres dizem que os gravetos ardem demasiado depressa, e que o lume se apaga logo, e propuseram-me que utilizasse o fogareiro de petróleo.

— Encontramos trabalho numa fábrica — anuncia um dos homens, enquanto Aai prepara a refeição. — Partimos amanhã.

— Onde fica a fábrica? Estão a contratar? — pergunto, desejoso de obter mais informações.

O homem fica em silêncio por momentos. Depois diz:

— Precisam de gente, mas só aceitam homens capazes de carregar grandes pesos. Tu és demasiado jovem, e imagino que o teu Baba seja demasiado velho.

— Amanhã à tarde, já estaremos em casa do meu irmão — afirma Aai, que ouviu a conversa.

## 8

Quando acordo no dia seguinte, vejo que os nossos vizinhos já partiram. Aai vai à estação à procura de Baba, e eu fico debaixo da ponte com os gémeos.

— E se Aai não encontrar Baba? — pergunta Sita.

— Baba há de encontrá-la a ela — diz Naren.

Sita lança-me um olhar interrogador.

— Achas mesmo, Gopal?

Já não sei o que acho. Só sei que quero que se calem.

— E se vos contasse a história do gigante que morava na caverna?

— Não, não — corrige Sita. — O gigante morava debaixo de uma ponte exatamente como esta.

— Porque dizes isso?

— Porque é ele que sustém a ponte. Não sabes?

— Tens razão — admito. — Mas o gigante não pode mexer-se e suster a ponte ao mesmo tempo.

— É uma ponte móvel — diz Naren.

— É isso, a ponte, a água, o mundo, tudo é móvel. E gira, gira.

Os gémeos dão as mãos e improvisam uma roda.

De repente, ouvimos um rugido vindo do céu. Naren e Sita encolhem-se e correm para mim.

— Vai chover, vai chover! — exclamam.

O segundo ribombar é mais forte e mais longo. Vejo Aai ao longe, a descer a encosta e a agitar os braços.

— Vem aí chuva! Despachem-se, temos de sair daqui! — grita, agarrando o saco de algodão.

Ouve-se um novo estrondo, que parece mais próximo. De repente, levanta-se um vento que faz esvoaçar o sari de Aai. A minha mãe entrega o saco de pano aos gémeos.

— Peguem cada um numa asa e vão andando.

Em seguida, encarrega-se do saco que contém as tigelas e os tachos, e eu tomo conta do saco da roupa de cama. Subimos o morro com dificuldade, e somos apanhados por uma torrente de chuva que se abate sobre nós. Quando chegamos diante da gare, estamos completamente encharcados.

Aai tira o velho sari do saco, sacode-o e põe-no a secar.

— Quando estiver seco, podem limpar-se a ele.

O sari, que está tão gasto que parece uma casca de cebola, não tarda a secar.

A chuva cai sem cessar. De repente, formam-se poças por todo o lado. Diante da estação, o passeio cobre-se de guarda-chuvas, na maioria pretos. Os poucos vendedores que restam abrigam-se nas entradas das lojas. As raparigas que vendiam botões e revistas desapareceram.

Nenhum de nós fala de Baba, mas sei que estamos muito preocupados. Se o meu pai tivesse encontrado a casa de Jama, já teria regressado. O que significa que se perdeu, que não encontrou a casa de Jama, e que está sem poder apanhar um autocarro ou um comboio.

Ao fim de duas horas, a chuva para e a floresta de guarda-chuvas desaparece. O ar ficou mais limpo, mas nem toda a água do mundo é capaz de limpar o cheiro do asfalto ou dos tubos de escape.

— Vou dar uma volta pela estação a ver se encontro Baba — digo.

— Podemos acompanhar-te? — pergunta Naren.

— Vocês ficam aqui comigo — replica Aai. — Não vás para debaixo da ponte, Gopal.

— Está bem.

— Quando voltares, compra arroz tufado. Mas não gastes muito dinheiro.

A minha mãe entrega-me algum dinheiro e o saco de plástico da mercearia Deepak. Um estrondo fraco ecoa, anunciando outra tempestade. É melhor apressar-me. Compro saquetas de arroz tufado e lentilhas torradas.

Diante da estação, Aai deita as lentilhas e o arroz tufado num tacho, corta uma cebola às fatias finas, e polvilha tudo com pimento. O prato é delicioso, mas a porção que comi pouco enche o meu estômago há muito vazio.

O sol, que brilhou apenas durante alguns minutos, é depressa engolido por nuvens que trazem uma nova vaga de chuva. A água inunda as ruas. Aai e eu trocamos um olhar, mas temos o cuidado de não deixar transparecer os nossos pensamentos para não assustarmos os gémeos.

Naren e Sita observam em silêncio a chuva, os transeuntes, os guarda-chuvas, as vacas, os riquexós e os charcos. Há já muito que os olhos deles deixaram de cintilar de curiosidade, e de rir sempre que um carro molha um transeunte. Agora limitam-se a olhar, e têm o rosto crispado. Sinto medo como nunca antes senti.

— Baba já partiu há vinte e quatro horas — digo baixinho a Aai.

— Espero que não demore muito mais — diz ela, apertando-me a mão.

Continua a chover a cântaros, e a minha mãe pede-me que fique com os gémeos, enquanto vai à procura de Baba.

— Não te afastes demasiado — peço-lhe.

Um minuto depois, Naren pergunta:

— Quando é que a mãe volta?

— Em breve — respondo.

Alguns minutos mais tarde, pergunta-me de novo:

— É agora, em breve?

Não respondo. De olhos fixos na direção que a minha mãe tomou, rezo em silêncio, esperando o seu regresso tão impacientemente como os meus irmãos.

Regressa encharcada.

— Na rua vizinha, a água dá-me por aqui — diz, apontando para o meio da perna.

Fecho os olhos, atento aos ruídos dos passos. Mal ouço alguém aproximar-se, ergo a cabeça. Oxalá sejam Baba e Jama. A chuva afasta-se com a mesma rapidez com que chegou, e o sol volta a aparecer. Alguns comércios reabrem as portas e tudo fica mais calmo.

Comerciantes e vendedores falam das cheias repentinas e das mortes que tais intempéries sempre provocam. As suas palavras atropelam-se na minha cabeça. Entretanto, os gémeos permanecem em silêncio. Não riem, não falam, não discutem. Nem sequer perguntam quando volta Baba, porque já sabem que Aai e eu não fazemos a menor ideia.

Passa das onze horas. As ruas continuam calmas e há muitas lojas que não abriram. Penso que é por causa da chuva, mas logo me apercebo que é domingo! Se estivéssemos em casa de Jama, tenho a certeza que nos levaria a dar uma volta de autocarro por Bombaim esta noite. Estamos a dormir na rua há dois dias e resta-nos pouco dinheiro. Se Baba não regressar esta noite, vamos ter grandes problemas.

— Aai, temos de ir para casa de Jama o mais rápido possível. Sei qual é o autocarro que devemos apanhar para ir para Dadar.

— E se Baba voltar e nos desencontrarmos?

— Se não nos vir aqui, tenho a certeza que voltará para casa de Jama.

Aai fica calada. Tento convencê-la:

— Hoje é mais fácil viajar, porque os autocarros estão quase vazios. Temos de sair daqui antes que a chuva volte. Não podemos dormir outra noite na rua.

— Jama deve estar em casa — murmura Aai.

— Claro que está. E se chegarmos lá de tarde, podemos ir procurar Baba. Aai, ainda tens dinheiro escondido no teu saco de algodão?

A minha mãe suspira.

— Aqui está tudo o que me resta — diz, tirando duas notas amarrotadas e algumas moedas.

Sem dinheiro, o meu projeto vale tanto como um pedaço de terra sem sementes. Se ao menos pudéssemos ganhar dinheiro para pagar a viagem...

Nesse momento, vejo uma senhora a sair de um táxi.

— Vou carregar as bagagens daquela mulher — digo, e desato a correr antes que Aai me impeça.

Chego no momento em que o motorista descarrega o saco da senhora, que me lança um olhar desconfiado.

— Não dou dinheiro a mendigos.

Tanho vontade de fugir, mas logo penso no dinheiro de que tanto precisamos.

— Posso carregar a sua mala?

A senhora paga ao motorista e avalia a minha capacidade.

— Está bem. Dou-te cinco rupias.

É muito abaixo da tarifa, eu sei, mas é melhor do que nada. O motorista ajuda-me a colocar o saco à cabeça e sigo a senhora até à gare. Ouve-se uma música ruidosa e a senhora tira um telemóvel do saco. Sempre a andar, carrega numa tecla verde.

— Está? — diz, e logo acrescenta: — *Accha*, está bem.

Seria maravilhoso se Baba tivesse um telefone como este e nós também. Assim, saberíamos onde se encontra.

Quando me preparo para entrar na gare, um carregador manda-me parar.

— Não podes entrar sem o distintivo — informa-me, apontando para o objeto oval de cobre preso na manga da sua farda.

— Mas estou a acompanhar esta senhora...

— Está certo, mas quando voltares a sair, tens de mostrar o bilhete.

— Tem razão, não tinha pensado nisso.

— Despacha-te! Vou perder o comboio — grita-me a senhora.

— Como o rapaz não pode entrar, eu levo o seu saco — diz-lhe o carregador.

A mulher olha para mim como se a tivesse traído, e depois lança um olhar ao comboio no cais.

— Quanto me cobra? — pergunta ao carregador.

— Vinte rupias.

— O quê? O rapaz fazia-o por cinco: dou-lhe o mesmo.

— Nem pensar.

A mulher olha para o relógio e concorda:

— *Accha*, vamos.

— A senhora não pagou ao rapaz — objeta o homem.

— Não importa — diz ela, sem olhar sequer para mim.

Fico furioso comigo mesmo. Porque corri para carregar o saco? Aai tem razão quando diz que devo pensar antes de agir. Pelo canto do olho, vejo o carregador a acenar e dou-me conta de que é para mim. Corro na sua direção.

— Que se passa?

— Toma — diz, entregando-me uma nota de vinte rupias.

— Mas o senhor é que...

— O compartimento da senhora ficava mesmo diante da porta — explica-me, apontando para a gare. — Tu bem o mereces, porque fizeste a maior parte do trajeto com o saco. Mas sem cartão, não podes transportar bagagens. Se a polícia te apanha, és multado.

Corro para junto de Aai. Naren e Sita jogam tranquilamente às cartas.

— Já temos dinheiros para comprar um bilhete inteiro e três meios bilhetes — digo, entregando o dinheiro à minha mãe.

O meu olhar detém-se na mercearia Deepak.

— Vou avisar o proprietário desta loja que vamos embora.

Naren e Sita recolhem as cartas. Arrumo-as no estojo, que meto no saco, e tiro o meu caderno. Apanhou chuva e as últimas páginas estão encarquilhadas. Aliso-as o mais que posso e guardo no bolso o pedaço de papel com o endereço de Jama. A caminho do autocarro, paramos na mercearia para deixar a nossa mensagem para Baba.

As três pessoas que esperam na paragem observam-nos dos pés à cabeça, mas ninguém faz qualquer comentário. Quando o autocarro chega, a fila já se alongou muito atrás de nós. Aai dá o dinheiro ao motorista, que nos entrega os bilhetes. Sita e ela instalam-se mesmo atrás do condutor, e Naren e eu sentamo-nos diante delas. Pousamos os sacos junto de nós, para deixar a passagem livre para os outros passageiros.

Olho uma última vez pela janela, para o caso de Baba ter regressado, mas não o vejo. O autocarro desce rapidamente a rua. Espero que em breve cheguemos a casa de Jama e que Baba esteja lá à nossa espera.

## 9

Não consigo pensar em Baba sem que me venham as lágrimas aos olhos. Os gémeos mantêm-se em silêncio, e a nossa mãe limpa a cara de forma disfarçada.

O autocarro sai da central de camionagem e desliza pela avenida a toda a velocidade. Embora esteja sempre a olhar pela janela, não consigo identificar o passeio onde passámos os dois últimos dias. Aqui, todas as ruas se assemelham: só diferem as lojas e os edifícios.

Como será a casa de Jama? Relembro o exemplar de *Casas de Estrelas* que Mohan tinha. Quando o folheámos pela primeira vez, ficamos boquiabertos perante aquelas fotos de residências espetaculares e de personagens magníficas, como se fôssemos turistas a admirar o pôr-do-sol no alto de Matheran. Depois, começámos a apontar para as casas onde gostaríamos de morar. Folheámo-la tantas vezes que acabou por ficar com os cantos



estragados. Mohan arranhou um saco de plástico para a proteger e proibiu-nos de tocar nas páginas. Quando ele a desfolhava, nós contentávamo-nos em ver as casas ao longe, sem lhes podermos tocar.

Diante dos meus olhos, desfilam edifícios tão altos que parecem pontes entre o céu e a terra. Seria fantástico se Jama vivesse numa destas lindas casas, mas não quero criar ilusões.

A viagem foi mais fácil do que eu imaginava. Talvez Baba, que não sabe ler, se tenha enganado no autocarro, ou descido na paragem errada. Mostro ao motorista a direção de Jama.

— Este sítio fica longe daqui?

O homem não sabe. Descemos do autocarro com as nossas bagagens.

— Onde vamos? — pergunta Aai, olhando à sua volta.

— Vou perguntar. Não saiam daqui— peço.

As lojas estão cheias de clientes, e não posso ficar na fila à espera de poder perguntar onde fica a casa de Jama.. Duas ruas à frente, vejo um homem junto de uma mota.

— Não sou daqui — responde, quando o interrogo.

Duas outras pessoas dão-me a mesma resposta. Acabo por descobrir uma loja aberta ao fundo da rua, cujo dono está sentado à porta. Dirijo-me a ele e mostro-lhe a direção de Jama.

— Sigam por esta rua, e virem na primeira rua à esquerda. Jama mora na última barraca do lado direito.

— Conhece-o?

— Conheço todas as pessoas do bairro.

Agradeço-lhe e volto para junto da minha família. Seguimos as indicações do comerciante. O ar húmido e carregado de maus cheiros nada tem a ver com os aromas da nossa terra. À medida que o dia finda, vemos pessoas a passar por nós e miúdos que nos fitam. Pedacos de conversa, risos e gritos escapam dos casebres cobertos de plástico e chapa ondulada.

Só espero que o comerciante se não tenha enganado, porque não vou poder carregar estas bagagens por muito mais tempo. Finalmente, chegamos ao fim da rua. Olho para Aai e aceno com a cabeça na direção do casebre. A minha mãe fica embaraçada por uns instantes, mas, nesse momento, a cabeça de Jama assoma à porta.

Primeiro parece desconcertado, mas depois um sorriso espalha-se-lhe pelo rosto.

— Radha! — exclama, correndo para ela. — És mesmo tu?

Aai desata a chorar. É a primeira vez desde o desaparecimento de Baba que dá livre curso às suas emoções. Jama tira-lhe o saco das mãos e aperta-a contra ele.

— Entra. Entrem todos.

Pouso o saco no chão e olho à minha volta. Vejo um armário de metal estreito e amolgado encostado a uma parede, e uma grande caixa coberta de lençóis colocada em cima de uma mesa. Pergunto-me o que estará ali escondido. Duas cadeiras e uma mesa completam a sala, assim como um canapé em relativo bom estado, apesar de ter algumas molas à mostra. Sento-me nele e vou logo ao fundo.

Estou à espera de que Aai aborde com o irmão o assunto de Baba, mas é Naren quem o faz.

— Viste Baba, Jama?

De lágrimas nos olhos, Aai explica o que nos aconteceu.

Jama ouve-a em silêncio.

— Não te preocupes, Radha. Amanhã de manhã, vou participar o desaparecimento dele no posto da polícia. Também irei certificar-me de que não voltou para Thane, e perguntarei por ele ao merceeiro e às pessoas da zona da gare.

— E se Baba se perdeu para sempre? — pergunta Sita.

— Esta cidade é grande, mas não tanto. Não te preocupes, havemos de o encontrar.

A minha irmã acena em silêncio e nenhum de nós diz mais nada. A preocupação engoliu-nos a língua.

— Vocês devem estar com fome! — exclama Jama, ao fim de uns instantes. — Fiz *bhaji* de couve-flor e batata e comprei pão. E se comêssemos *pav-bhaji*?

Jantamos todos juntos. O pão fresco é leve e mole, e o *bhaji* pica-me a garganta. Bebo um gole de água, que, apesar de não ter o mesmo gosto da água da nossa aldeia, não é má. É uma sensação esquisita ter o estômago cheio.

Jama tira dois colchões de um amontoado colocado num canto, e estende-os no chão. São moles e cheios de corcovas. Ajudo Aai a fazer as camas. Ela dorme entre os gémeos, e eu deito-me ao lado de Naren. Jama encolhe-se no sofá, sempre a insistir que está confortavelmente instalado.

Espero que Baba esteja quente e seco como nós. Acordo a meio da noite com o som da minha mãe a chorar. Jama tenta consolá-la:

— Lamento muito, Radha. Amanhã irei falar com as pessoas junto da estação, e participar o seu desaparecimento à polícia. Também vou pedir ao homem da mercearia

Deepak para estar atento à gare, e dou-lhe o número de telefone do meu emprego para me poder contactar. Estou certo de que o vamos encontrar.

— Espero bem — diz Aai, depois de um longo silêncio.

A minha mãe já não chora, e fala agora com uma voz cava.

Como não consigo adormecer, fico deitado a pensar no que posso fazer para ajudar a minha família, agora que Baba não está connosco. Tenho de encontrar trabalho rapidamente.

O dia começa cedo ao som de tijelas que se entrechocam, crianças a chorar e pessoas a gritar. Sobre o passeio da gare, os ruídos do trânsito e das buzinas abafavam todos os outros, mas aqui estamos um pouco afastados da zona central. O que se terá passado para não se ouvir o canto dos pássaros? Pergunto-me se os papagaios, os pardais e os pombos conseguem viver na cidade.

Dois homens insultam-se reciprocamente, suficientemente alto para acordarem toda a vizinhança. Um deles tem uma voz muito aguda e o outro tem uma voz muito grave.

— Que se passa? — pergunta Aai, levantando-se.

— Nada — responde Jama. — São as disputas habituais para decidir saber quem deve ir buscar a água primeiro.

— Que queres dizer com “habituais”?

— Estas disputas ocorrem todos os dias.

— Mas porquê?

— Aqui, a água só corre duas horas por dia, Radha. Por isso é que toda a gente se apressa a ir buscá-la.

O dia que entra pela janela ilumina o rosto crispado de Aai.

— Também vamos precisar de água.

— Anda, vou mostrar-te onde está a torneira — diz Jama.

Com Aai e Jama fora de casa, volto para debaixo das mantas, mas é impossível voltar a adormecer. Chegam pouco depois, e pousam os baldes no canto da cozinha.

— Vou fazer chá enquanto vais buscar mais água — digo a Jama, que fica radiante com a minha proposta, e me explica como utilizar o fogareiro a petróleo.

Preparo chá para todos, enquanto a minha mãe e o meu tio trazem mais cinco baldes.

— Vou mostrar-te onde ficam as latrinas — diz-me o meu tio, depois de tomarmos o chá.

Na aldeia, tínhamos de nos afastar para junto dos silvados para poder estar à vontade. Mas aqui há gente por todo o lado, e só na estação de Thane é que vi quartos de banho. Jama entrega-me uma lata de conserva cheia de água, como a dele, e pede-me que o siga.

Seguimos por um caminho atrás da casa, e afastamo-nos da zona das barracas. Vejo, fascinado, um avião que passa por cima da minha cabeça. Jama puxa-me para trás.

— Não caias na *nalla*!

Não vejo nenhum ribeiro.

— Se não tiveres cuidado, acabas arrastado pela água dos esgotos — explica Jama, apontando para a larga banda de gordura que serpenteia ao longo do caminho.

Custa-me a crer que exista água debaixo daquela espessura estagnada. Com a mão a tapar o nariz, sigo Jama em silêncio. Todas as valetas das ruelas devem vir escoar aqui.

Passados uns instantes, um fedor pestilento indica-me que estamos a chegar. Eis algo que nunca imaginaria numa cidade. Contava com a multidão, as longas filas de espera, o barulho e o trânsito. Acho que nunca me conseguirei abstrair de um tal fedor...

Uma fila de adultos espera diante de duas latrinas semelhantes a gigantescas caixas de madeira com portas. Ao ver uma fila de miúdos acorados, compreendo o que tenho a fazer. A cidade tira-nos toda a arrogância. Na aldeia, escondemo-nos atrás de um silvado, de um arbusto, de um tronco velho, ou até mesmo de um tufo de erva. Mas aqui, temos de nos expor à vista de todos. Não vejo raparigas nem mulheres: os quartos de banho delas devem ser noutra sítio.

Depois do pequeno-almoço, Jama lava-se lá fora, mesmo diante da cozinha, sem retirar a cueca. A água com sabão escorre para a rua. Depois prepara-se a correr.

— Onde me lavo? — quer saber Aai.

Jama percorre o compartimento com o olhar. Depois agarra-me na mão e diz, a rir:

— Vem ajudar-me, Gopal.

Suspendemos um lençol com pregos, formando assim uma pequena casa de banho.

— Quando se tiverem lavado todos, retiras o lençol — diz-me.

— Está bem — concordo.

Sinto-me mais aliviado por Jama ter conseguido arranjar um canto para nos lavarmos. Assim, não terei de tomar banho lá fora diante de toda a gente.

Ajudo a minha mãe a desfazer os dois sacos e arrumo os meus livros. Aai tira o espelho partido e pendura-o na parede. Depois lava os cabelos dos gémeos e veste-lhes roupa limpa. Tomo o meu duche no minúsculo reduto: sempre é melhor do que a gare. Depois de ter passado dois dias a viver num passeio, a casa de Jama é um palácio. Exceto o cheiro. O meu tio regressa ao fim de uma hora.

— Podes emprestar-me o teu guarda-chuva para ir dar uma volta pelo quarteirão? — pergunto-lhe.

— Agora não — diz.

Depois de esvaziar o saco que trazia, explica:

— Gopal, comprei roupa usada para todos. Experimentem-na e vejam o que vos serve. Devolverei as peças que não servirem.

Agora percebo porque insistia tanto para eu ficar.

Encontro dois calções e três tee-shirts do meu tamanho. É a primeira vez que tenho tanta roupa. Encontro também um impermeável com um buraco na manga esquerda; dá-me pelo meio da perna e serve-me perfeitamente

— Ficas tão bonito nesse impermeável azul — comenta Aai.

Vou ver-me ao espelho quebrado, mas só consigo ver a minha cara, o que provoca o riso de Jama.

— Tenho aquilo de que precisas.

Gira a chave do armário e abre a porta, no interior da qual se encontra um grande espelho. A única vez que me vi de corpo inteiro foi no átrio de um hotel de Matheran.

Naren enfiou uma camisa laranja, que lhe fica pelos joelhos. As mangas tapam-lhe as mãos.

— É demasiado grande para ti — digo.

— Não é nada.

— Naren, ainda tens de perder dois dentes antes de poderes usá-la — intervém Jama.

— Tenho um quase a cair. Olha, já abana.

— Não é preciso mostrares — digo-lhe.

— Há tanta roupa e é toda tão bonita... — diz Sita.

— Tens de escolher — explico.

— Eu sei — replica, de olhos arregalados.

— Informe-me sobre a escola — diz-me Jama, quando me viro para ele para lhe agradecer. — As aulas começaram há duas semanas e já não há vagas, mas poderás começar a ir no próximo trimestre.

Faz-me sinal para me sentar no sofá.

— Não te esqueças de que aqui a escola não precisa de ti: tu é que precisas dela. Não te podes dar ao luxo de seres negligente, e de ir só quando te apetecer. *Samazne?*

— *Ho*, Jama — digo, para lhe mostrar que percebi.

— Como és um aluno novo, tens de fazer um exame para avaliarem o teu nível.

Estou impressionado com a rapidez com que Jama comprou a roupa e se informou sobre a escola. Depois de fazer os testes, talvez possa encontrar um trabalho para o ajudar e ajudar Aai.

— Também podemos ir à escola? — pergunta Naren.

Jama coloca-lhe um dedo nos lábios.

— Esperem que eu acabe de falar com Gopal.

Não posso evitar um sorriso. Fico à espera de que Naren e Sita amuem, mas não o fazem. Talvez tenham aprendido a ser pacientes e estejam com vontade de frequentar a escola.

Jama entrega-me um lápis.

— Tens um caderno?

— Tenho aquele que me deste.

— Esse é muito pequeno. Tens de ir à loja do meu amigo Chachaji. Diz-lhe que és meu sobrinho, e que precisas de folhas novas. Não precisas de pagar nada.

Quando desço a rua, lembro-me de que posso oferecer-me para trabalhar em troca do caderno. Chego sem me perder à loja, cujo gerente não é outro senão o homem que me indicou onde vivia Jama. aguardo enquanto ele serve um cliente.

— Três quilos — diz, quando termina de pesar o maço de revistas.

Põe de lado a balança de cobre, conta o dinheiro e entrega-o ao homem.

— Tu és o Gopal, não és? — pergunta.

Fico surpreendido por ver que sabe o meu nome, mas depois concluo que Jama o deve ter prevenido da minha visita.

— Sou sim. Eu queria... bem... tem folhas novas?

— Do que tu precisas é de um caderno. Vamos lá ver o que se pode arranjar — diz, pondo-se a procurar por toda a loja. — Estes cadernos chegaram há pouco, e talvez tenham folhas limpas.

Folheia os cadernos. É o momento de lhe falar da minha ideia.

— Chachaji, eu queria dar-lhe uma ajuda em troca das folhas.

— *Accha?*

Aceno afirmativamente.

— És capaz de fazer a contabilidade da loja? De acabar com as moscas? De compor o telhado?

Baixo a cabeça. Chachaji sorri e pousa a mão no meu ombro.

— Não te preocupes, Gopal, estou a brincar contigo. Anda, vais ajudar-me a fazer o teu caderno.

Indica-me um canto cheio de cadernos.

— Desmonta-os, separa as capas do resto, e guarda as folhas em branco para ti.

Subo três degraus e instalo-me num banco de madeira. Não cheira mal aqui dentro, mas a atmosfera é asfíxiante. Custa-me respirar, como se me faltasse o ar.

Pego nos cadernos e separo as folhas das capas. A maior parte foi totalmente usada. Mesmo assim, vou encontrando algumas folhas brancas aqui e ali. De vez em quando, aparece uma capa que me chama a atenção, e o meu olhar detém-se. Depois de ter visto todos os cadernos, divido-os em páginas usadas, páginas em branco e capas. Em seguida, levo para junto de Chachaji o monte de folhas em branco que vai servir para fazer um novo caderno.

— *Shabash*, excelente trabalho — elogia. — Já escolheste uma capa?

— Vou ver se encontro uma.

Percorro a pilha de capas com os olhos. Há muitas que me agradam. Há uma com três cachorros e outra com um ribeiro que serpenteia por entre montanhas escarpadas que são muito bonitas. Mas a minha preferida é a do rapaz que contempla o pôr-do-sol sobre o lago. Posso pintar-lhe os cabelos de preto.

Entrego a Chachaji uma resma de folhas, uma capa e uma contracapa. Ata-as com um elástico e põe-nas de lado.

— Quando acha que o meu caderno estará pronto? — pergunto.

Chachaji não responde logo, mas a sua expressão é carinhosa e amigável. Fico pacientemente à espera.

— Volta dentro de duas horas.

No caminho de regresso a casa, um rapaz desconhecido faz-me sinal do outro lado da rua. Não paro. Ziguezagueia por entre os carros e vem ter comigo.

— *Tumhi marata boita ka?* Falas marata?

— Ho — respondo-lhe em marata.

— Conheces Gangadas Korae?

— Não sou daqui — digo, repetindo a fórmula tantas vezes ouvida.

— Não moras aqui?

— Acabo de chegar.

— Onde?

Enquanto me bombardeia com perguntas, noto que tem o cabelo preto, liso e brilhante. Hesito em dizer-lhe o quer que seja.

— Chamo-me Jatin. Ando há dois dias à procura do meu tio, Gangadas. Se não o encontrar, vou apanhar uma tareia — diz-me, enquanto esfrega as faces como se acabassem de lhe bater com violência.

— Porquê?

— Porque o meu tio prometeu que me dava trabalho na fábrica. Preciso urgentemente de dinheiro.

— O teu tio tem uma fábrica? — pergunto, impressionado.

— Sim... Uma das pequenas.

— Perto daqui?

— Sim. Admiro-me que nunca tenhas ouvido falar dela.

— Lamento, mas só cheguei ontem — digo, começando a afastar-me.

— Obrigado! — agradece, piscando os olhos. — Como te chamas?

— Gopal.

Penso em Jatin a caminho de casa. Deve ter quinze ou dezasseis anos. Não anda mal vestido, mas disse que precisava de dinheiro. Talvez um dos pais ou algum familiar esteja doente, e precisem de comprar medicamentos. Também disse que apanhava uma sova se não encontrasse o tio. Vou perguntar a Jama se o conhece Gangadas Korae. Assim, se voltar a cruzar-me com Jatin, talvez possa ajudá-lo.

Ainda são só dez horas e já cheira imenso a fritos. O perfume das especiarias espalha-se na rua, mascarando por momentos o fedor dos esgotos. Algumas mulheres lavam sacos de plástico, enquanto um outro grupo apanha farrapos de um monte de detritos. Veem-se dois homens a bater numa chapa de lata, crianças a jogar com uma bola de farrapos, e pessoas a caminho do trabalho.

Encontro Aai sentada diante do fogareiro.

— Porque estás a cozinhar tão cedo?

— Fiz o almoço de Jama antes de ele sair, e agora estou a preparar mais alguns fritos para nós.

Leio um tal cansaço no seu rosto quando ergue a cabeça que as lágrimas me vêm aos olhos.

— Ai, Gopal, que vai ser de nós sem o teu Baba? Ele faz-me tanta falta!

Sento-me ao lado dela e pego-lhe nas mãos enfarinhadas.

— Também eu sinto a sua falta, e penso em quão entusiasmado ficaria com a ideia de eu ir frequentar a escola.



Dou-me conta de que estas palavras quase negam que o meu pai possa regressar, e abafo um soluço.

A minha mãe termina o último *bajra* frito e pergunta-me se consegui arranjar um caderno.

— Está pronto daqui a pouco. Não o aceitei de forma gratuita, estive a ajudar Chachaji.

Aai apoia o dedo indicador na minha face.

— É assim que preservas o teu *Samman*, a tua honra.

— Aai, eu posso ajudar Jama, se encontrar trabalho.

— Não te preocupes! Isso compete-me a mim.

Contudo, para poder procurar emprego, a nossa mãe terá de esperar que Naren e Sita vão para a escola. Penso em todo o dinheiro de que Jama precisa para nos alimentar e nos inscrever na escola, e pergunto-me se não poderei ser contratado para trabalhar na fábrica do tio de Jatin enquanto espero pelo início das aulas. Tenho quase um trimestre à minha frente.

— Acabo de conhecer Jatin, um rapaz um pouco mais velho do que eu. Disse-me que vai trabalhar numa fábrica que pertence a um tio dele.

Enquanto falo, vem-me à mente os cabelos lisos e brilhantes de Jatin e, curiosamente, aquela imagem incomoda-me.

— Há alguma coisa que te preocupe? — pergunta Aai, a observar-me. — Jatin foi rude para contigo?

Passo as mãos por água para tirar a farinha.

— Não, muito pelo contrário, mostrou-se amigável. No entanto, não me inspirou confiança. Talvez por não o conhecer.

— Aqui as coisas são diferentes, não são? Parece que as pessoas não são tão confiantes e gentis.

— Deve ser isso — confirmo, enquanto seco as mãos com um pano da cozinha.

Aai também lava as mãos.

— Mas também encontrámos gente de bem, como o bagageiro e o merceeiro — lembro-lhe.

— É verdade. Se não fossem eles, ainda estávamos a dormir no passeio.

Vejo um objeto num canto que desperta a minha atenção: é uma televisão! É a primeira vez que vejo uma tão de perto.

— Aai, achas que podemos ver televisão?

— Jama disse-me que sim, mas não quero estragar um objeto tão caro. Desligou-a porque, em caso de tempestade, a humidade da chuva pode ser perigosa. Quando ele regressar, ensina-nos a ligá-la, e amanhã já poderemos ver.

— Onde estão Naren e Sita?

— Já fizeram amigos e foram brincar com eles.

— Não será perigoso? — pergunto, a pensar nos carros e nos desconhecidos.

— Acho que não. Estão mesmo aqui o lado.

Vou até à porta e vejo os gémeos de mão dada a dirigirem-se para casa.

— Foram todos comer e eu também tenho fome — diz Sita.

Comemos arroz, fritos e *dubhi bhaji*. Aai também nos preparou um creme, feito à base de soro de leite coalhado, que nos sabe a manjar de deuses.

Depois do almoço, vou buscar o meu caderno. A rua escalda sob o sol abrasador. Procuo, em vão, uma árvore ou um canto com sombra. Mas aqui não há árvores, pássaros ou lagos.

Chego banhado em suor à loja de Chachaji, que, de olhos fechados, se abana com um jornal dobrado. O lugar está deserto.

— Chachaji — murmuro.

Sem abrir os olhos, aponta para o caderno pousado no chão. Todas as folhas que arranquei foram unidas num novo caderno, que tem a capa que escolhi.

Pego nele para o folhear. As folhas, recolhidas daqui e dali, não têm a mesma largura nem o mesmo aspeto. Algumas são de uma tal brancura que até me fazem doer os olhos; outras têm o suave reflexo de uma lua nascente; outras são tão baças que parecem estar cobertas por uma camada de pó. Mas eu só preciso de espaços em branco para as minhas palavras. E já tenho um lindo lápis.

— Gostas? — pergunta-me Chachaji.

— Nunca tive um caderno tão grosso!

— Aplica-te na escola.

Faço uma vénia.

— Juro.

As nuvens aglomeram-se de novo no céu e apresso-me a regressar, segurando com força o meu caderno: não quero deixá-lo cair na rua lamacenta. Em casa, Aai e os gémeos dormem a sesta. Fixo os olhos na televisão, e pergunto-me como é que o simples facto de acionar um botão pode fazer surgir tantas pessoas diferentes. Algumas vivem tão longe daqui que seria preciso atravessar oceanos para ir ao encontro delas. É algo de mágico,

como as histórias. Quase me sinto tentado a ligá-la para deixar entrar esse outro mundo dentro de casa.

Ao fim da tarde, a chuva abate-se violentamente sobre a casa, e como que bombardeia o telhado. Na aldeia, o telhado de colmo da nossa casa abafava o ruído da chuva, cujas gotas produziam um som indistinto e monótono. Nunca chovia de forma tão forte.

Levo os gémeos para cima do monte de colchões, na eventualidade de a água se infiltrar na casa, e entrego-lhes o meu jogo de cartas. Lá fora, os esgotos transbordam e a rua transformou-se num ribeiro pestilento.

Na aldeia, mal as primeiras chuvas faziam subir o nível do lago, Shiva, Mohan e eu marcávamos encontro na margem, e atirávamo-nos do ramo de uma nimba que pendia sobre a água. Pergunto-me se Naren e Sita ainda se lembram da nossa aldeia. Sinto saudades, mas o certo é que, se tivéssemos lá ficado, estaríamos a passar fome. Jama tem um bom emprego e tem comida. Juro a mim próprio que um dia levarei os gémeos a rever a aldeia.

— Em que pensas, Gopal? — pergunta Aai.

— Em nada — respondo, voltando a cara para ela.

— Estás de punhos cerrados e a morder os lábios.

— Tenho tantas saudades de tudo: do lago, do *gorus-chinch*, e até mesmo dos campos enlameados.

— Eu sei — diz a minha mãe, suspirando.

— Os gémeos não se vão recordar de tudo isso, pois não?

— Criarão as suas próprias recordações.

— Que recordações? Ratazanas mortas a flutuar?

— Eles lembrar-se-ão de ter jogado cartas empoleirados num monte de colchões, abrigados do vento e da chuva, e de beber chá quente junto da mãe e do irmão mais velho.

Sorrio.

— Baba, Baba — soluça Naren.

— Não chores, Naren, porque Jama vai trazer Baba de volta. Baba não tardará a chegar — digo, colocando Naren em cima do sofá.

Esta mentira é a melhor resposta que consigo arranjar.

Aai senta Naren nos joelhos enquanto Sita se encosta a ela. Lanço um olhar ao tacho que está ao lado do fogareiro e sugiro:

— E se tomássemos um chá?

— Eu quero o meu Baba — replica Sita.

Naren chora, desconsolado. Impotente para os consolar, acabo por acender o fogareiro e pôr água a ferver. Enquanto bebemos o chá, a chuva abranda. Que faríamos se Jama não voltasse? Afasto a ideia do espírito. Afinal de contas, há anos que Jama vive aqui e que sabe onde se abrigar durante a monção.

O ruído da água cessa, mas o fedor persiste. A tempestade afastou-se, o sol voltou a aparecer, mas decidimos ficar dentro de casa. Os meus irmãos jogam às cartas e eu abro o meu caderno. Escrevo o meu nome na primeira página, aquela que Chachaji teve o cuidado de verificar que estava completamente limpa. Aai coloca um remendo no vestido que Jama trouxe ontem para Sita. Sugiro:

— Aai, podias cerzir roupa. Tens muito jeito.

— Ou fazer roupa nova — corrige-me ela.

— las precisar de uma máquina de costura, e isso é muito caro — faço notar.

— Jama disse-me que podíamos comprar uma a crédito.

— Quero um vestido cor de violeta e rosa — diz Sita entusiasmada, subindo para os joelhos de Aai.

— Acho que não devíamos pedir dinheiro emprestado. Afinal de contas, foi para fugir às dívidas que deixámos a aldeia.

Falei mais alto do que desejava.

— Veremos — murmura Aai.

Com uma máquina, a minha mãe poderia ganhar dinheiro a partir de casa. Talvez eu possa ajudá-la a comprar uma. Mas tenho de encontrar trabalho primeiro.

Já é tarde e Jama ainda não regressou. Gostaria de ficar acordado, mas estou tão cansado que adormeço antes de ele chegar.

## 10

No dia seguinte pela manhã, pergunto a Jama se tem notícias de Baba. Não tem. Falo então de Jatin, e pergunto-lhe se conhece alguém chamado Korae no bairro.

— Korae, Korae — repete. — Não conheço ninguém com esse nome. Dizes que tem uma fábrica? Uma fábrica de quê?

— Não faço ideia.

— Por aqui, poucas pessoas têm o seu próprio negócio. Jatin vive na zona?

— Acho que não.

— De qualquer modo, seria melhor concentrares-te nos estudos e não perderes tempo com coisas *faltu*.

— Está bem — anuo.

Só que arranjar trabalho não tem nada de fútil e Jama não vai impedir-me de trabalhar. Vou tentar descobrir Jatin e perguntar-lhe se o tio me pode dar trabalho na fábrica, enquanto aguardo o início das aulas.

— Vou até à loja de Chachaji. Não demoro — aviso Aai.

O vento sopra e o céu está limpo: talvez não chova esta manhã. Pelo caminho, cruzo-me com três rapazes da minha idade, de mochila às costas, a caminho da escola. Em breve, também eu irei com eles. Volto a pensar em Mohan e Shiva. Íamos a correr para a escola, e chegávamos lá esbaforidos e cobertos de poeira vermelha. Uma vez, Mohan torceu o tornozelo e Shiva e eu ajudámo-lo a voltar para casa. Chegámos tão atrasados que o Senhor Advale se zangou connosco. Contudo, quando se inteirou do motivo, disse que tinha orgulho em nós, e deu a cada um lápis novo. Quando Shiva ficou sem pai, Mohan e eu passámos noites inteiras a falar com ele, à beira do lago.

Tenho algum receio de não conseguir fazer novos amigos. Afinal de contas, não sou tão inteligente como os rapazes daqui, que falam várias línguas, e que viram e ouviram muitas mais coisas do que eu. Falam bambaiya, e certamente também inglês, sabem ligar uma televisão, e devem ter lido muitas livros. Será que irão falar comigo ou ignorar-me?

É difícil saber em quem confiar numa cidade tão povoada. Algumas pessoas deram provas de generosidade para connosco, e eu devia fazer um esforço para ser mais amável. Se Aai não tivesse oferecido fritos ao homem das cartas, ele não nos teria oferecido *chai*, nem ajudado com as bagagens, nem oferecido o baralho de cartas. Devíamos ter confiado mais nele e ter-lhe mostrado a direção de Jama. Assim, talvez não tivéssemos de passar duas noites diante da gare, e não teríamos perdido Baba.

Se calhar, teria sido melhor não termos saído da nossa terra, porque tínhamos Baba connosco. Há três dias que desapareceu e sinto muito a sua falta, mas tenho de continuar a viver. Não tenho outra opção.

Perdido nos meus pensamentos, acabei por chegar mais depressa à rua onde se encontra a loja de Chachaji. Como ainda é demasiado cedo, a loja está fechada, à semelhança da maioria das outras lojas.

Subo e desço a rua, mas não vejo sinal algum de Jatin. Certamente que está a trabalhar na fábrica do tio, enquanto eu ando por aqui sem nada para fazer.

Ao fundo da rua, vejo um *pipul* cheio de folhas novas, e mais à frente uma ponte. Intriga-me aquela árvore isolada que resistiu à agitação da cidade. Do cimo da ponte, vejo

edifícios enormes que me fazem pensar na revista de Mohan, e nas fotos dos apartamentos luxuosos repletos de móveis caros. Devem ter sido tiradas em edifícios deste género.

Este mundo parece-me tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante. Não atravesso a ponte e volto para casa.

Ao ver os miúdos a voltar da escola, pego no caderno e no lápis e vou dar uma volta, na esperança de poder falar com eles. Deslocam-se em grupos de três ou quatro, a tagarelar, a brincar e a rir. Absorvidos nas suas discussões, não dão por mim. Volto a passar diante da loja de Chachaji.

— Entra, Gopal. Tenho uma coisa para ti — diz-me.

— Ai sim?

— Achas que tens tempo para fazeres a triagem de tudo isto e separá-lo por pilhas? — pergunta-me, apontando para o chão. — Não posso pagar-te — confessa Chachaji. — Mas podes levar algumas revistas para tua casa.

Cerca de uma hora depois, terminei a tarefa e escolhi dois exemplares.

— *Shabash!* — exclama Chachaji, olhando à sua volta.

Tira de um armário uma lanterna de bolso.

— Aqui tens a recompensa por este trabalho rápido e bem feito. É velha, mas as pilhas são novas.

— Tem a certeza de que não precisa dela?

— Comprei ontem uma mais potente. Esta é para ti.

— Obrigado, Chachaji.

Meto ao bolso a lanterna vermelha, pouco maior do que um lápis. Nunca usei uma e tenho vontade de a mostrar à minha mãe. Saio da loja e vou até ao fim da rua, à procura de Jatin. Apresso-me a dar meia-volta quando ouço:

— Gopal, Gopal!

É Jatin. Agita furiosamente a mão, como se tivesse medo que não o visse.

— Encontraste o teu tio? — pergunto.

— O meu tio?

A sua expressão, tão pouco natural como os cabelos luzidios, fica imóvel por um instante. Será que se esqueceu da nossa conversa?

— *Accha, accha*, o meu tio! Encontrei.

— Trabalhas na fábrica dele?

— *Ho*.

— Podes perguntar-lhe se me dá trabalho?

Olha-me atentamente, e depois abre a boca num sorriso rasgado.

— Claro!

— A sério?

— *Pakka*. Podes ir trabalhar para o meu tio.

Fico surpreso com a sua certeza. Será que o tio anda à procura de mão-de-obra? Pelo canto do olho, apercebo-me de que Chachaji me acena. Também lhe faço sinal com a mão. Quer, certamente, que eu pegue nas revistas que pus de lado, mas esta não é a altura certa para o fazer.

— Vais gostar do trabalho — diz Jatin. — Consiste em fabricar quadros e outras coisas do género.

Parece ser mais simples do que carregar bagagens ou partir pedras na pedreira.

— Vou falar com a minha mãe e amanhã dou-te uma resposta.

— Nunca te disseram *Kal kere so aaj kare...?* Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje? Porquê esperar?

— Se não avisar a minha mãe, ela vai ficar preocupada. Vem comigo, e assim ficas a conhecê-la.

— Teria todo o gosto, mas hoje não. Tenho encontro marcado com o meu tio, e seria indelicado da minha parte não ir ter com ele. Podes vir comigo.

— Vou avisar Aai e volto já.

— Vês aquela barraca de chá? Espero ali por ti. Se dentro de cinco minutos não estiveres lá, vou-me embora.

— Espera por mim — suplico.

Chego a casa esbaforido e encontro Aai a dobrar peças de roupa.

— O rapaz que encontrei ontem está ali. Vai arranjar-me trabalho na fábrica do tio. Vou lá com ele, mas não demoro.

— Não sabemos quem é esse rapaz. Acho que devias esperar por Jama para falar desse assunto.

— Jatin vai-se embora dentro de dois minutos: é uma oportunidade que não posso desperdiçar, Aai. Tenho de ir. Olha, deixo-te o caderno e o lápis.

— Não vás, Gopal! Ameaça chover, e...

— Entao vou dizer-lhe que não posso acompanhá-lo e volto já.

Pego no impermeável azul pendurado num prego na porta e saio a correr.

— *Sambhalun ja!*

Aai recomenda-me que seja prudente.

Jatin está a tomar chá e coloca uma chávena à minha frente, em cima da mesa de madeira.

— Toma, é para ti.

— Julguei que estivesses com pressa.

Desata a rir.

— Temos sempre tempo para um *chai*. Bebe.

Mal eu tinha bebido um gole, ouço:

— Vamos.

Sinto a cabeça à roda e vejo tudo a flutuar em meu redor. Sigo-o a cambalear.

— Eu... eu não posso ir contigo. A minha mãe não concorda.

— Segue-me! — ordena.

Em seguida chama um táxi. Quando nos sentamos lá dentro, perco os sentidos.

## 11

Ao acordar, vejo à minha frente um homem desconhecido cuja face direita está marcada por uma cicatriz em forma de meia-lua. É magro, tem a cabeça grande, e os olhos muito juntos. Começo a ter uma vaga recordação de Jatin, do chá e do táxi.

— Quem é o senhor? — pergunto, levantando-me.

Fixa-me de soslaio.

— Sou o teu patrão.

— É esta a fábrica de que me falou Jatin? O senhor é o tio dele?

Um esgar deforma-lhe a marca da cara.

— Ele disse-te que ias estar com o tio dele?

— Disse. Conhece Jatin, o rapaz que me trouxe para aqui?

— Aquele rapaz é esperto! — diz o homem, sacudindo a cabeça, divertido. — Conheço-o pois, mas não sabia que se chamava Jatin.

Não gosto do tom com que pronuncia estas últimas palavras. Quem é Jatin e qual será o seu verdadeiro nome? Que faço eu aqui? Olho à minha volta. As portas de trás e da frente estão fechadas com cadeados. O medo assalta-me.

Este lugar não tem nada a ver com uma fábrica: é um simples compartimento retangular, com uma janela de cada lado. As portadas de madeira estão fechadas, e o local encontra-se iluminado por uma única lâmpada fluorescente. O chão é de pedra, e vê-se que não é lavado há várias monções. As paredes pintadas têm manchas, algumas vermelhas: será suco de folhas de bétele ou sangue? O teto é feito de tábuas, o que significa que deve haver



um compartimento lá em cima. Um relógio de parede, com os números amarelecidos e ilegíveis, faz um tique taque incessante, ao ritmo do pêndulo de cobre.

O homem está sentado num banco que ocupa quase todo o comprimento da parede. Diante dele, está uma televisão. A cozinha fica no ângulo oposto e, numa das paredes, está apoiada uma escada estreita de bambu.

Pego no meu impermeável azul e aperto-o contra o peito, um gesto que me ajuda a acalmar.

— Tem trabalho para mim?

— Claro que tenho.

Dói-me a garganta. Passo a língua pelos lábios secos e gretados.

— Tenho sede.

— Eu trago-te água — diz Mercado, o nome que decidi chamar a este homem, já a dirigir-se para a cozinha.

Entrega-me um copo amolgado, que esvazio de um trago.

— Mas olha que eu não sou teu criado, muito pelo contrário — reforça, quando lhe devolvo o copo.

Pelas frinchas das portadas, vejo que é noite. Aai deve estar à minha espera.

— Agora tenho de voltar para casa — digo.

— Onde moras? Na rua?

— Em casa da minha mãe.

— És um bebé ou quê? Vais ter de crescer um pouco mais. Aqui tens de merecer a cama e a comida. Agora ficas cá.

— Deixe-me ir embora — peço, e tento levantar-me.

Contudo, ele dá-me uma bofetada que me atira ao chão.

— Não sais daqui, sua ratazana! — diz Mercado, batendo-me de novo.

Protejo a cabeça com as mãos, tapo-me com o impermeável, e curvo-me como uma bola. Baba, que nunca nos bateu nem deu bofetadas, dizia sempre:

— Os animais não batem nos filhos. Se é verdade que somos superiores a eles, então devemos comportar-nos pelo menos tão bem como eles.

Concluo que um indivíduo capaz de me bater não merece o título de homem. Nem sequer de animal.

— De pé! — grita-me.

Levanto-me lentamente, de cabeça e estômago vazio. Tenho de comer.

— O certo é que amanhã tens de trabalhar.

Onde é que já ouvi esta expressão, “O certo é que”? Diz-me qualquer coisa, mas não consigo sequer pensar. Sinto tonturas, fecho os olhos e desmaio.

Marcado, a sua voz, o compartimento, tudo desaparece.

— De pé, preguiçoso! — ouço.

Abro os olhos. Marcado está de pé junto de mim. Os pés dele fazem-me lembrar os do polícia que me bateu na primeira noite que passámos no passeio da estação. A luz matinal entra através das portadas semicerradas, e o compartimento parece-me mais sujo do que na véspera. Teias de aranha brilham no ângulo oposto e duas formigas pretas correm pelo chão. Debaixo do banco de madeira de Marcado estão arrumados caixotes, uma pilha de jornais e sacos de juta.

— De pé! — ordena, batendo palmas.

Ainda meio tonto, ergo-me com dificuldade, mas ele puxa-me pelo braço e obriga-me a pôr de pé.

— Chega de preguiça, agora vais trabalhar. Os outros já começaram há horas — diz, com o rosto tão perto do meu que sinto o seu hálito fétido.

Larga-me, deixando uma marca vermelha no meu braço direito.

— Onde é que eles estão?

— Na oficina, no andar de cima.

— E quanto ao meu ordenado?

— O teu ordenado? Terás comida, um lugar onde dormir, e o resto vai ser como com os outros trabalhadores — diz, mostrando-me a cozinha. — Bebe o chá e vai à sanita se precisares. Despacha-te.

Os quartos de banho ficam do lado contrário à cozinha, perto da porta das traseiras. É neste reduto malcheiroso que tomo consciência do que me aconteceu. Jatin deitou um sonífero no meu chá e vendeu-me a Marcado. Fui vendido. Agora pertengo-lhe. Uma onda de pânico apodera-se de mim e abro a porta da sanita com um estrondo.

Tenho de sair daqui, imediatamente. Preciso de ar fresco. Como Marcado não me consegue ver, empurro a porta das traseiras, que hoje não tem o ferrolho corrido. Todavia, a porta não se mexe. Uma nesga permite-me ver um grande aloquete de cobre do outro lado.

— Que estás para aí a fazer? — grita Marcado.

— Já vou! — respondo.

O copo amolgado está no chão da cozinha, meio cheio de um líquido estranho. Bebo um gole. Imagino que seja chá, mas não sabe a nada. Reconheço o cheiro do *dal* a ferver em

cima do fogão. No corredor de metal fixado à parede, conto cinco copos iguais ao meu e um outro de inox. Também há tigelas e pratos. Ao lado, numa prateleira também de metal, estão arrumados dois rolos da massa em madeira, duas colheres grandes, dois ou três tachos e uma sertã.

O relógio bate as nove horas.

— Despacha-te! — resmunga Mercado.

Sentado na sua almofada, embrulha em jornais quadros de pérolas muito bonitos.

Engulo o resto do chá e enxaguo o copo na bacia antes de o colocar no corredor.

— Pega no impermeável e sobe lá para cima — ordena, a apontar para a escada.

Despacho-me a subir, seguido de Mercado. A escada range. Tenho medo que ceda com o peso dele. Quando chego ao cimo, paro embasbacado. Vejo cinco rostos fixados em mim. Sentados no chão de pernas cruzadas, cada um tem diante de si uma mesinha de trabalho inclinada. Olho atentamente para cada um deles. O mais gordo tem um nariz minúsculo e dedos papudos. O que está ao lado baixou as cortinas sombrias das suas pestanas. O terceiro rapaz tem uma covinha no queixo, e apreço ser da idade dos gémeos. O quarto, de cabelos encaracolados, balança-se para a frente e para trás, e o quinto tem ombros arqueados e olhos cor de cinza que lembram uma nuvem. Mercado bate palmas uma vez mais.

— Avança.

Atarantado, quase caio da escada, mas lá consigo equilibrar-me.

Subo os dois últimos lanços, sempre com Mercado atrás de mim. Os rapazes retomaram o trabalho. Meio deitados sobre a mesa, seguram nos dedos agulhas rombas, que mergulham no tabuleiro para apanhar pérolas, uma a uma, e pregá-las num quadro. Deve ser esta a fábrica de que me falou Jatin. Um cheiro forte e áspero pica-me os olhos e queima-me a garganta. Tusso.

Mercado bate-me com força nas costas.

— Entrego-to — diz para o rapaz de nariz pequeno e dedos bojudos.

— Está bem.

Dedos-Papudos volta-se para mim e diz:

— Vem para aqui.

O rapaz de pestanas negras e espessas desvia o olhar, sem sequer levantar a cabeça. Faço uma almofada com o impermeável, e instalo-me debaixo da janela gradeada. Mercado desce a escada e Dedos-Papudos entrega-me um quadro novo. Em seguida, empurra um tabuleiro de pérolas para junto de mim.

— Vamos partilhar a mesa de trabalho e a bandeja. Assim, posso mostrar-te como se faz.

Coloca o quadro dele em cima da mesa e espalha uma fina camada de cola num dos lados.

— Agora é a tua vez.

Imito-o, mas a camada de cola é demasiado espessa. Dá-me uma palmada na mão.

— Não podes desperdiçar cola.

Tenho a garganta a arder, os olhos a chorar e não paro de tossir.

— A cola queima os pulmões. Mais uma razão para se pôr o menos possível de cola.

Percebes?

Belisca-me violentamente a coxa e sustenho um grito. Aponta o papel com o dedo.

— É este o modelo. Temos de fazer quatro antes do almoço, caso contrário não há pausa nem refeição. Entendido?

Digo que sim com um aceno de cabeça. Desde ontem ao meio-dia que não como nada e o estômago já me dói.

Começo a dispor as pérolas na parte do quadro que tem cola. Não é tarefa fácil apanhar as minúsculas pérolas com a agulha de madeira sem bico. Mas gosto do desenho que as perolas formam, e a maneira como realçam o aspeto suave da madeira.

Dedos-Papudos fica a observar-me por uns instantes.

— Não te estás a sair mal.

Não reajo, preferindo concentrar-me na tarefa. Se trabalhar bem, talvez seja mais simpático para comigo.

Depois de terminar o primeiro lado, sustenho a respiração e tiro uma pequena quantidade de cola, que espalho numa camada fina sobre o outro lado. Em seguida, começo a organizar as pérolas. Quando acabo metade do desenho, dou-me conta de que as pérolas não se seguram.

— O que fiz de errado? — pergunto.

— Não puseste cola suficiente.

— Julgava que não devia pôr muita. Tu disseste...

— Cala-te! Tens de usar a justa medida: se puseres demais, estás a desperdiçar; se não puseres quantidade suficiente, as pérolas não colam, ou pior ainda, soltam-se quando o patrão as embrulhar.

Como é que Marcado sabe quem fez o quadro? Olho à minha volta e vejo que cada um reproduz um modelo diferente, exceto Dedos-Papudos e eu.

Acrescento um pouco de cola e tento de novo. Dedos-Papudos é duas vezes mais rápido do que eu. Detenho-me no rapaz de cabelos encaracolados, que não para de se balancear. É pequeno e magro, e os joelhos nodosos são mais altos do que a mesa de madeira. Enquanto se balança para a frente e para trás, vai agarrando nas pérolas e vai-as colando no quadro. Depois baixa os olhos, como se rezasse. Contudo, vejo que trabalha tão rapidamente quanto pode. Vou chamar-lhe Cambalhota dentro da minha cabeça.

Grito de dor ao sentir outro beliscão.

— Isto não é nenhum espetáculo! Toca a trabalhar! — diz Dedos-Papudos.

Acabo o meu quarto quadro de pérolas antes de o relógio mostrar que é uma hora. Lá em baixo, Mercado bate palmas. Dedos-Papudos levanta o nariz e chama:

— Todos para a mesa.

Sinto a cabeça à roda quando me levanto. Tento apoiar-me em qualquer coisa e Cambalhota agarra-me a mão.

— Obrigado — agradeço.

Além de Dedos-Papudos, ainda ninguém me dirigiu a palavra. E também ninguém trocou a menor palavra. Na escola, estávamos sempre a conversar, mesmo quando era suposto trabalhar em silêncio. Mercado deve tê-los proibido de falar, e os rapazes têm medo de ser castigados se forem apanhados a desobedecer.

Descem a escada à vez e dirigem-se para a banca da cozinha, onde se encontra um balde de água e um pedaço de sabão, para lavar as mãos. Faço o mesmo.

Sentamo-nos no chão de pedra e Mercado entrega a cada um uma tigela de arroz e de *dal*. Fico à espera de mais alguma coisa, mas, como toda a gente começa a comer, percebo que não haverá nem *rôti* nem *bhaji*. O *dal* de Mercado é parecido com o chá: aguado e sem sabor. O que não impede que eu coma tudo.

— Que tal, o novo? — pergunta Mercado a Dedos-Papudos.

Dedos-Papudos olha para mim de viés.

— É lento, mas deve apanhar o ritmo rapidamente.

— Chamo-me Gopal — digo.

Mercado olha para mim.

— E então? Trabalhas para mim e chamo-te estúpido se me apetecer. Aqui ninguém tem nome, entendido?

— Porquê?

— Só abres a boca se eu te fizer alguma pergunta — ameaça-me, aproximando-se de mim.

Sinto-me prestes a ser esmagado pelo seu enorme pé descalço e imundo.

Depois da refeição, lavamos e limpamos as tijelas antes de as colocarmos no corredor. Depois voltamos a subir. Quando me instalo no meu lugar debaixo da janela, vejo um *nimba* carregado de frutos do tamanho de uma gota de água. Está tão perto que talvez lhe pudesse tocar nas folhas se passasse a mão pelas grades. Sento-me a suspirar.

Trabalhamos em silêncio. Quando o vento se levanta, ouve-se o murmúrio leve das folhas. De costas para a janela, adivinho que as nuvens varrem o céu, dada a alternância de sombra e luz no compartimento.

Penso que há dias estava à beira do lago da minha aldeia, que ontem ainda estava com Aai, e que hoje me encontro aqui enclausurado. Nada nisto teria acontecido se não tivesse ido à procura de Jatin. Nunca imaginara que este tipo de coisas pudesse acontecer-me. Primeiro, Baba desaparece e agora encontro-me aqui fechado. Se ao menos Baba não tivesse aceitado a proposta de Jama para vir para Bombaim. Preferia ter trabalhado na pedreira do usurário do que encontrar-me aqui sozinho. Teríamos ficado todos juntos, na segurança da nossa aldeia. As lágrimas inundam-me os olhos.

Talvez Baba tenha voltado para casa e esteja já à minha procura. Imagino-o a chorar como no dia em que perdemos a nossa terra, e prefiro nem pensar no que a minha mãe deve sentir. Os gémeos aguardam o meu regresso de olho postos na rua, e Jama deve sentir-se infeliz. Quem me dera não ter sido tão impaciente e ter dado ouvidos a Aai e a Jama.

Pelo canto do olho, apercebo-me de que o rapaz de olhos cinzentos está a olhar para mim. Baixo mais a cabeça, limpo a cara e concentro-me na tarefa.

Dedos-Papudos levanta-se para reabastecer de pérolas a nossa travessa e aproveito para fazer uma pausa. Volto-me para contemplar a árvore, que me faz recordar o meu lugar favorito à beira do lago, onde sonhava ser rei e montar a cavalo. Se naquela altura era capaz de construir castelos no céu, também devo poder fazer o mesmo aqui. Posso ir até lá em espírito, para admirar o pôr-do-sol em Matheran e as montanhas que rodeiam a nossa aldeia. Nem Mercado nem Dedos-Papudos podem impedir-me de sonhar, ou preparar a minha fuga.

## 12

Do meu lugar não posso ver a rua, mas ouço o barulho do trânsito. Interrogo-me a que distância ficará a casa de Jama.

Marcado sobe as escadas e traz um lápis consigo. Dedos-Papudos ajuda-o a colocar os quadros prontos numa caixa de cartão, que ambos levam para baixo, deixando-nos sozinhos aos cinco.

— Quem foi o primeiro a vir para aqui? — murmuro.

Ninguém responde.

— Não podemos falar?

Cambalhota sacode os caracóis pretos.

— Se falares, tem cuidado — cochicha numa voz sumida.

— Tenho cuidado? O que é que...

— Chiu... Vem aí alguém.

Todos sustêm a respiração. Dedos-Papudos chega e acende a luz, uma mera lâmpada despida, debaixo da qual se senta. Tenho sorte em partilhar a mesa dele, porque o resto da oficina está quase às escuras, e Cambalhota pisca continuamente os olhos.

— Se nos sentássemos de forma diferente, todos podíamos ter luz — proponho.

— Toca a trabalhar! — ordena Dedos-Papudos, que logo me ameaça:

— Não perdes pela demora.

Prefiro não perguntar o que se passa. Espalho a cola, pego numa pérola e fixo-a. Repito isto tantas vezes que o trabalho de carregador de bagagens em Matheran me parece agora um autêntico passeio. Lá, era livre de me movimentar, e alguns turistas generosos davam-me boas gorjetas ou dividiam a refeição comigo.

Tenho de encontrar depressa uma forma de fugir daqui. Mercado bate palmas.

— É hora de jantar — traduz Dedos-Papudos.

Cambalhota é o primeiro a levantar-se. Espreguiça-se e começa a descer as escadas. Como conseguirá não se sentir entorpecido?

As minhas pernas anquilosadas mal me deixam mexer.

— Despacha-te! — grita Dedos-Papudos, descendo atrás de mim.

É ele o primeiro a lavar as mãos, embora tenhamos chegado antes dele. Como exerce o papel de capataz, tem direito a um tratamento especial. Não consigo sentar-me de pernas cruzadas: dobro as pernas e encostos os joelhos ao peito. Dedos-Papudos cochicha qualquer coisa ao ouvido de Mercado. Não faço ideia do que se trata, mas olham ambos para mim. Mercado dá-me duas vezes menos comida do que aos outros.

— Quem não sabe estar calado é castigado.

— Mas...

— Tens muita sorte em não ficar sem jantar. É o que fariam outros patrões — diz.

Quantos patrões como ele haverá neste mundo e quantas crianças trabalham assim? Nem todas fazem quadros. Algumas vendem *chai* nas estações. Penso que, se não tivéssemos deixado a nossa aldeia, talvez estivesse a trabalhar para o nosso credor a partir pedra na

pedreira. Há grandes explorações agrícolas que contratam miúdos para colher algodão ou outras plantas. Lembro-me de o Senhor Advale ter criticado as fábricas de fogo-de-artifício que empregam crianças, por causa do perigo que isso representa para as suas vidas. Há miúdos que lavam loiça, trabalham na indústria do vestuário, ou recolhem trapos para vender. Se tiverem um patrão como Marcado, não são certamente bem alimentados.

— Despachem-se e voltem para o trabalho — grita Marcado.

Nem acredito no que ouço: temos de trabalhar depois do jantar? Todos se concentram na refeição. Dedos-Papudos enche a boca com uma bola de arroz e agarra noutra logo de seguida. Termina de comer antes de nós, apesar de ser o que mais comeu. Ainda mal comecei. Encho a boca de arroz com *dal*: a mistura tem exatamente o mesmo gosto daquilo que comemos de amanhã. Qualquer coisa range debaixo do meu molar. Cuspo uma pequena pedra para a palma da mão.

Marcado bate-me nas costas.

— Se volto a ver-te cuspir comida, ficas sem refeição durante dois dias. Volta a meter isso à boca.

A contragosto, lá engulo as últimas colheres de *dal* com pedras.

— Vou sair daqui a pouco. Fechem as persianas antes de se deitarem — ordena Marcado quando vamos para cima.

Quando o relógio bate as dez horas, Dedos-Papudos assobia e toda a gente para o que está a fazer. Depois, empurramos os bancos de madeira contra a parede. Dedos-Papudos entrega-me um saco de juta que, seguindo o seu exemplo, estendo no chão no sítio onde estava sentado.

Dedos-Papudos pega no meu impermeável azul.

— É teu?

— É.

— Deixa ver se me serve.

Como se não bastasse ter sido vigarizado por Jatin e ter sido feito prisioneiro por Marcado, agora Dedos-Papudos rouba-me o casaco! Mas as mangas ficam-lhe demasiado curtas e não consegue abotoá-lo.

— É demasiado pequeno para mim — diz, franzindo o nariz, enquanto eu sustenho a respiração.

Acaba por mo devolver e dobro-o num pequeno retângulo para me servir de almofada.

Dedos-Papudos fecha as persianas e todos os miúdos se deitam com a cabeça contra a parede. Tenho de esperar que todos adormeçam antes de tentar escapar. Porém, o sono é tanto que acabo por adormecer.



Acordo a meio da noite. A chuva martela o telhado de chapa e o vento assobia, feroz. A tempestade está mesmo por cima das nossas cabeças.

Onde está Aai? Levanto-me de repente, mas bato no pé de alguém. Vejo a oficina, e lembro-me de Jatin, Mercado, Dedos-Papudos... Afinal, tudo o que aconteceu não foi apenas um sonho mau. É a realidade. Os rapazes estão imóveis. O barulho da chuva não parece incomodá-los.

É o momento de fugir. A porta está fechada à chave, mas talvez haja forma de me escapar por alguma janela. Tenho medo de sair com esta chuva, mas não tenho escolha. Atravesso lentamente o compartimento, dirigindo o feixe de luz da minha lanterna para o centro. Ao desligá-la, dou-me conta de que me esqueci do impermeável. Mas mais vale ficar molhado do que ser descoberto.

Viro-me para descer, mas em vez de um degrau, o meu pé encontra o vazio. Ligo a pilha por uns instantes, e constato que a escada desapareceu. É impossível saltar sem fazer uma algazarra terrível, e ainda me arrisco a ficar magoado.

À luz de um relâmpago, vejo um rapaz levantar-se.

— Que estás a fazer? — murmura.

Mesmo no escuro, percebo que é o rapaz dos olhos cinzentos.

— Tenho de ir à sanita — respondo, em pânico.

— Agora?

— Sim.

— É impossível. Tens de esperar que o patrão volte amanhã de manhã. Vem deitar-te.

Avanço lentamente sem acender a lanterna. Ainda bem que ele não a viu, pois, se Mercado descobrir que tenho uma lanterna, há de tirar-ma.

A cama de juta arranha-me a pele, mas este incómodo não é nada em comparação com o que sinto no meu coração.

O rapaz das pestanas longas que dorme a meu lado fala durante o sono, numa língua que desconheço. Deve vir de muito longe. Embora não compreenda o que diz, reconheço o tom triste e suplicante, como se tivesse feito algo de errado e estivesse a pedir perdão. Toco-lhe na testa, o que parece acalmá-lo. Viro-me de lado e tento limpar as minhas lágrimas com o dorso da mão.

O vento sopra com força e faz tremer todo o quarto. Também eu tremo.

Se a precipitação e a falta de inteligência me conduziram até aqui, o certo é que só me libertarei à custa de paciência e astúcia. Tenho de perceber como funciona este sítio e preparar a minha evasão com cuidado. Enquanto estiver vivo, posso sempre fugir: por Aai,

por Baba, e pelos meus irmãos. Sobretudo pelo meu pai. Se ainda estiver vivo, a notícia do meu desaparecimento pode destruí-lo. Se estiver morto, compete-me a mim tomar conta da minha família.

Tenho de fugir daqui e hei de fazê-lo. É apenas uma questão de dias.

## 13

A manhã começa por uma breve ida à sanita antes de recomeçar o trabalho. Dedos-Papudos atribui-me uma mesa de trabalho e uma travessa de pérolas só para mim, mas faz-me sentar a seu lado para me controlar. Vejo que não tem os dedos tão ágeis como os meus, e que perde mais tempo a apanhar as pérolas com a agulha romba. Em contrapartida, tem experiência e é organizado. Agarra numa pérola com a mão direita e coloca-a no quadro. Enquanto a segura com a mão esquerda, vai buscar outra. Trabalha depressa. Tento imitá-lo, mas tenho dificuldade em usar a mão esquerda.

Quando Mercado chega, já estamos a trabalhar há muito. Ouvimo-lo dar corda ao relógio. Minutos depois, bate palmas e descemos para tomar chá. As janelas estão fechadas, tal como a porta da entrada e a das traseiras. Pergunto-me se Mercado as abrirá durante o dia, quando estamos lá em cima. Hei de vir cá abaixo verificar.

— Despachem-se a beber se não querem apanhar um *kanpatti*.

Deve ser uma espécie de castigo. Toda a gente engole o chá o mais rápido possível e sobe a correr. Uma hora depois, ouve-se cantar. Mercado deve ter ligado a televisão. Percebo as palavras e tento seguir a história, mas isso faz-me andar mais devagar. Tento concentrar-me no trabalho.

Contudo, não consigo deixar de pensar em formas de fugir daqui. Resolvo descer para observar as portas e as janelas: se houver alguma aberta, talvez possa esgueirar-me. Levanto-me de costas curvadas, com as mãos nos rins. Sinto algum alívio, depois de tantas horas dobrado sobre a mesa.

Dedos-Papudos vira para mim a sua agulha romba.

— O que estás a fazer?

— Tenho de ir à sanita.

— Não podes ir assim dar uma volta. Tens de pedir licença.

— *Accha*. Posso?

— Senta-te — ordena-me.

À minha volta, todos mantêm a cabeça baixa.

— Mas eu preciso de ir.

— Vai trabalhar. Imediatamente!

O meu primeiro reflexo é voltar a sentar-me. Mas tenho de fazer frente a Dedos-Papudos, se quiser fugir daqui. Vem-me à memória a estátua de Annaheb Kotwal no parque de Matheran. Em 1942, Kotwal bateu-se contra os Britânicos pela independência da Índia. Quando o exército britânico chegou para o prender, Kotwal refugiou-se na mata do vale de Matheran. Nunca se rendeu e acabou por ser morto. A lição a retirar da sua história é que nunca se deve recuar.

Não me mexo.

— Não ouviste? — pergunta-me.

— Só me sento depois de ir à sanita.

Os outros interrompem o trabalho. O rapaz de pestanas grandes levanta os olhos aterrorizado, Cambalhota pousa a agulha de madeira sem deixar de se balançar, e o rapaz de olhos cinzentos mostra um sorriso malicioso, como se tudo aquilo o divertisse.

— Deixa-o ir, *Yaar* — diz o mais jovem, o que tem a covinha no queixo.

— Cala a boca! E não me trates por *yaar*, não sou teu amigo.

Covinha-no-Queixo retoma o trabalho. Ponho-me a saltitar com se estivesse prestes a molhar as cuecas.

— Vai lá. Mas despacha-te.

Atravesso o espaço o mais lentamente possível.

— Despacha-te!

Continuo no mesmo ritmo. Não me vou deixar tiranizar pelo braço direito de Mercado.

Passado algum tempo, Mercado grita:

— *Oai ladka*, ainda estás na sanita?

— Estou.

— Então mexe-te.

Saio do quarto-de-banho. A porta de trás está aferrolhada por fora: deve estar sempre assim. As portadas de madeira estão abertas, mas as janelas estão protegidas com grades de ferro: é impossível passar por ali. Dou uma olhadela à porta de entrada enquanto me dirijo para a escada. Também está fechada à chave. Não há possibilidade de escapar.

Diante da televisão, Mercado come não sei o quê, mas o cheiro a cebola e alho que enche o compartimento faz-me crescer água na boca. Um pedaço grande escorrega-lhe das mãos, bate no banco de madeira e cai no chão. O rosto contraí-se-lhe ao aperceber-se da minha presença.

— Olha o que fizeste! O meu *rôti* caiu ao chão por tua causa. Não olhes assim para mim — diz. — Apanha esse pedaço e come-o. Não quero que o teu mau-olhado me deixe doente.

Antes que mude de ideias, pego no pedaço de *rôti* recheado de cebola e alho.

— Come-o aqui! — ordena-me num tom intimidatório, quando viro as costas para subir a escada. — Não tenho que chegue para dar a todos.

Penso em Cambalhota, que me agarrou a mão quando eu ia a cair, e em Covinha-no-Queixo, que quis defender-me contra Dedos-Papudos. Gostaria de poder dividi-lo com eles. Mercado observa-me enquanto pigarreia. Meto o pedaço de *rôti* à boca; os pedaços macios de cebola frita fazem-me lembrar os *bajra* de Aai.

Subo lentamente a escada e acabo de mastigar antes de chegar ao cimo. Dedos-Papudos inspira a plenos pulmões.

— Cheira a cebola. Roubaste comida?

Tem o nariz pequeno, mas um bom olfato.

— Não.

Receio que me reviste os bolsos e que encontre a minha lâmpada de bolso.

— O patrão deu-me um pouco de *rôti* — digo, ao sentar-me.

— Mostra cá as mãos.

Mostro-lhe as palmas das mãos suadas. Quando desvia os olhos para os meus calções, bufo-lhe para o rosto:

— Cheiro a cebola.

O cheiro acre fá-lo erguer as narinas, provocando risos abafados. Varre o compartimento com o olhar e todos baixam a cabeça.

— Basta! Ao trabalho! — grita.

Obedeço, e lanço um olhar disfarçado a Covinha-no-Queixo e a Cambalhota. Mas nem um nem outro levantam o nariz.

Desci na esperança de poder fugir e só encontrei um pedaço de *rôti*. Não há forma de poder escapar daqui. Gostava de saber se já alguém tentou. Isso explicaria o facto de a porta estar sempre fechada à chave. Como é que os outros vieram parar aqui? Onde estão as suas famílias? Terão sido compensadas? Não sei a quem fazer estas perguntas que me dão volta à cabeça. A amabilidade não é o forte deles e parecem desconfiar todos uns dos outros.

Dedos-Papudos é o chefe, o *chota*, mas nem pensar perguntar-lhe o que seja. Covinha-no-Queixo faz-me lembrar Naren, talvez daí a impressão de o conhecer. O rapaz que fala de noite, de pestanas longas, nunca levanta a cabeça, por timidez ou por medo, ou talvez pelos dois motivos. Chamou-me a atenção a meticulosidade com que aplica as pérolas, a maneira

como a camisa está cuidadosamente metida nas calças, e os cabelos impecavelmente penteados. Deve trazer um pente no bolso. Não sei nada do rapaz de olhos cinzentos, apenas que tem o sono leve. Cambalhota é simpático. É, sem dúvida, o único com quem eu poderia falar.

É difícil trabalhar em silêncio: o tempo parece estender-se lenta e penosamente. Os vapores da cola picam-me os olhos. Apenas o perfume das folhas do *nimba* sacudidas pelo vento me traz um pouco de conforto.

Postado no meio da escada, Mercado passa a cabeça pelo alçapão e faz sinal a Dedos-Papudos para o seguir. Mal eles desaparecem, ponho-me a cochichar com Cambalhota:

— Como te chamas?

Lança-me um olhar perplexo, repleto de tristeza. Suspiro.

— Tens nome?

Olha na direção da escada e faz que sim com a cabeça.

— Diz-mo ou passo a chamar-te Cambalhota.

Covinha-no-Queixo põe-se a rir. Pouso um dedo nos lábios.

— Gosto do nome Cambalhota. Pode ter esse?

— Já te arranjei um muito bonito: Covinha-no-Queixo.

— É melhor do que Cambalhota?

— Fica-te bem, porque és o único que tem uma covinha no queixo.

Como Cambalhota não me responde, dirijo-lhe um sorriso encorajador, mas ele continua teimosamente silencioso.

— Chama-lhe Cambalhota — sugere Covinha-no-Queixo.

O rapaz de olhos cinzentos inclina-se para ele e dá-lhe uma bofetada.

— Na terra dos tagarelas, tu és rei!

Os dois dentes da frente que lhe faltam deixam ver umas gengivas amarelas. Como é aquele o mais próximo da escada, pergunto-lhe:

— Vem alguém a subir?

Olha para mim.

— Como te chamas? — pergunto baixinho.

— Aqui não há nomes — sibila.

— Aqui, somos *anamik*, não temos nome — digo eu.

— Já que tens tanto jeito para arranjar nomes, porque é que não me pões um?

Fico a pensar. Tem os ombros arqueados e uns olhos cinzentos cheios de raiva.

— Que tal Nuvem Cinzenta? Ou NC para ser mais curto?

— Nem tentes falar comigo.

— Está bem. Enganaste-te no teu motivo, mas não vou dizer nada.

— Onde? — pergunta-me, olhando para o quadro que tem na mão.

Os outros riem à socapa, até mesmo Falador-Noturno. NC fica louco de raiva.

— Vou fazer queixa ao Chefe, que o dirá ao patrão. Vais ter problemas.

— Por que o tratas por patrão e não pelo nome? Queres que também lhe atribua um?

— *Chote muh, badi baat mat ker.*

— Percebo que a minha boca devia falar menos, mas porque não te diriges diretamente ao patrão?

— Vais pagá-las. Não perdes nada por esperar.

— Porque havia de ter medo? Não tenho nada a perder.

— Já cá estou há mais tempo do que tu e garanto-te que tens muito a perder, *pakka*.

Coisa que só descobrirás quando a tiveres perdido, mas aí já é demasiado tarde.

Morde os lábios como se tivesse tocado numa corda demasiado sensível, reavivando uma lembrança dolorosa. Mais do que o que acaba de dizer, é a tristeza da sua voz que me choca.

Depois de Marcado ter saído e aferrolhado a porta, Dedos-Papudos volta a subir lentamente a escada e vem sentar-se entre mim e NC. Erguendo ligeiramente o queixo, NC faz um sinal discreto de cabeça na minha direção. Dedos-Papudos vira-se para mim e sorrio-lhe. Dirijo um sorriso ainda maior a NC, para lhe mostrar que não tenho medo da sua artimanha. Dedos-Papudos parece perplexo e NC desiludido.

— *Tea se jvada nai kitati garam hai* — acaba por dizer NC a Dedos-Papudos.

Que significará esta frase: “O novo fervedor de água é mais quente do que o chá”? Querá dizer que o rapaz novo se porta mal?

Cambalhota está sentado de olhos baixos, mas não lhe escapou nenhum pormenor da cena. Põe-se a tamborilar com a mão direita no bordo da mesa de madeira.

Talvez seja a sua forma de me dizer “Tem cuidado.”

Pego num quadro e espalho cola num dos bordos. Enquanto preparo as pérolas, penso numa forma de apanhar Dedos-Papudos. Uma coisa é certa. Embora seja o menino lindo de Marcado, não é o mais esperto. Não é capaz de dissimular as suas emoções. É como Naren: basta olhar para a cara dele e vemos logo o que está a tramar. O facto de poder ler nele como num livro aberto dá-me uma vantagem. Passa já do meio-dia e Marcado ainda não voltou.

— São horas de comer — anuncia Dedos-Papudos, quando ouve o relógio a bater as treze.

Faço movimentos circulares com a cabeça para descontrair o pescoço. Quando vou para me levantar, Dedos-Papudos empurra-me para trás.

— Tu ficas aqui. Hoje não há comida para ti.

— Porquê?

— Sabes bem porquê.

— Não, não sei.

De pé, no meio da escada, Cambalhota tem um olhar preocupado. Falador-Noturno parece paralisado de terror, e Covinha-no-Queixo olha-nos a todos alternadamente.

— O que é que eu fiz? — pergunto, engolindo o medo.

Dedos-Papudos dirige um olhar cúmplice a NC, que permanece de pé, de braços cruzados sobre o peito.

— Quando o patrão não está, quem manda sou eu.

— E podes decidir castigar-me porque não gostas da minha cara ou da minha maneira de sorrir?

— Ou da tua maneira de falar e de andar — acrescenta NC com um sorriso de satisfação.

Estou tentado a pedir-lhe que não se meta na conversa, mas contenho-me. Se é capaz de convencer Dedos-Papudos a privar-me da refeição sem ter de pronunciar a menor palavra, é mais perigoso do que eu imaginava.

— Ficaste colado aos degraus ou quê? Avança! — grita Dedos-Papudos a Cambalhota.

Dedos-Papudos é o último a abandonar o espaço. No momento de descer, diz:

— Não percas tempo. Continua a trabalhar.

Este lugar já é atroz que chegue sem que seja preciso que Dedos-Papudos e NC me maltratem. Tenho de quebrar familiaridade entre ambos seja como for. Embora não me ajude a sair daqui, pode evitar que eu seja privado de refeições, e que fique demasiado fraco para me escapar quando chegar o momento certo.

Por volta das quinze horas, tenho dores nas nádegas e o estômago às voltas. A dor irradia para a nuca, para os ombros e para os braços. Tenho de desentorpecer o corpo, de andar. Tenho de descobrir um meio de me levantar e depressa. Que faria Birbal no meu lugar? Birbal era demasiado esperto para se encontrar neste tipo de situação. Passo mentalmente em revista algumas das suas histórias, em especial a que contei há dias aos gémeos. Birbal enganou toda a gente. Também tenho de enganar estes miúdos. O vento começa a soprar e ouço um ruído abafado. Um ramo do *nimba* deve estar a roçar na parede ou no telhado. O ruído ouve-se novamente. NC lança um olhar inquieto à sua volta.

— Que barulho é este? — pergunta.

Cambalhota, que também ouviu, para de se balançar.

— Escuta — diz NC a Dedos-Papudos.

Dedos-Papudos varre o compartimento com o olhar.

— Não ouço nada.

Como se não bastasse ser lento, também é duro de ouvido.

— O barulho.

Uma ideia surge de repente no meu espírito. Se resultar, talvez possa comer.

— Parece um rato dos grandes — digo.

Os olhos de Dedos-Papudos parecem saltar das órbitas. Debruço-me sobre a bandeja para apanhar uma pérola amarela. À exceção do ruído das nossas mãos, não se ouve só um ruído no compartimento.

— Não sei. Pareceu-me ter ouvido rangidos — diz NC.

Falador-Noturno levanta a franja das pestanas e fixa o ângulo oposto. Covinha-no-Queixo levanta-se de um salto, com o queixo a tremer de medo.

— Não quero ser mordido por uma ratazana.

Dedos-Papudos aponta o dedo gordo para baixo.

— Vem sentar-te ao meu lado. Não há...

O ruído faz-se ouvir de novo.

— Vou ver donde aquilo vem — propõe NC.

— Cuidado. O meu tio foi mordido por uma ratazana e teve de tomar injeções — alerta.

O rosto de NC fica da mesma cor dos olhos. Todos se põem de pé, menos eu.

— É melhor irmos lá para baixo — sugere o nosso chefe.

NC já tem um pé na escada quando me levanto. Sabe bem uma pessoa levantar-se, esticar as pernas, e poder descer para ir ao quarto-de-banho.

— O que é que fazemos? — pergunta Dedos-Papudos a NC.

— Não sei. Tu é que mandas. Devias ir lá ver.

Dedos-Papudos fica zangado com NC.

— Tens razão, sou eu que mando: vai ver o que se passa.

— *Meri billi mujka meow?* — pergunta NC, furioso.

Gosto daquela resposta. “Vira-se o bico ao prego?” Faço um grande esforço para reprimir o sorriso que aflora aos meus lábios, mas que não escapa a NC.

— Manda o novo.

Dedos-Papudos aprova a proposta.

— Vai lá acima ver — ordena-me.



Quero obedecer, mas também receber alguma coisa em troca.

— Só vou se prometeres dar-me de comer e...

— Não tenho de te dar nada.

— Então, não vou.

Alguns minutos depois, acrescento.

— O patrão vai querer saber porque é que fizemos tão poucos quadros. Não vai ficar contente.

— Queres comer e que mais? — pergunta.

— Quero que prometas que não nos denuncias ao patrão. Caso contrário, vou dizer-lhe que tens medo de uma ratazana.

— *Accha*. Vai lá agora.

Quando chego ao segundo degrau, viro-me:

— Preciso de alguém que me ajude. Acompanha-me — digo, apontando para NC.

Leio o pânico no seu olhar.

— Nem pensar.

— Vai tu — ordena Dedos-Papudos a Cambalhota.

Cambalhota hesita.

— Não tenhas medo. Anda! — digo, estendendo-lhe a mão.

Segue-me. Chegados ao alto da escada, coloco um dedo nos meus lábios.

— Não há ratazanas — digo baixinho. — É apenas o roçar de um ramo conta a fachada ou no telhado.

— Como sabes?

Levo-o até junto da janela.

— Espera que haja vento e já vais ver.

A brisa levanta-se e volta a ouvir-se o mesmo ruído. Com as duas mãos a tapar a boca, Cambalhota reprime uma gargalhada.

— Vais denunciar-me? — pergunto-lhe.

— Nunca — responde sem pestanejar.

Pelo seu olhar franco e intenso, não duvido de que vai cumprir a sua palavra. É claro que vai ter de ultrapassar a troça e o espicaçar de Dedos-Papudos e de NC. Os seus traços finos, o seu corpo frágil e os olhos meigos fazem dele uma presa fácil. Eis a explicação para o seu ar tão angustiado.

— Mas como é que vamos explicar o barulho?

Aprecio que nos considere uma equipa. Daqui em diante, Dedos-Papudos e NC estarão de um lado, e Cambalhota e eu do outro.

— Que quer dizer *Tea se jyada nui kitali garan hai?*

— Quer dizer que te consideras mais esperto do que és.

Depois acrescenta com um pequeno sorriso:

— Mas tu és mesmo esperto.

Mudamos os quadros de sítio para despistar. Alguns minutos depois, voltamos a descer.

— Procuramos por todo o lado e não vimos nada. Acho que são os ramos a bater na fachada. Podemos subir que não há perigo. Mas primeiro tenho de comer.

— Deixa-te de brincadeiras, sim? — pede NC.

— Porque é que havíamos de mentir? Julgas que temos vontade de ser mordidos por uma ratazana?

Depois acrescento, voltando-me para Dedos-Papudos:

— Tenho fome.

— Nós comemos a tua parte.

— Todos?

— Eu sozinho. Mas vou ver se há alguma coisa que tenha ficado.

Dedos-Papudos desencanta um pedaço de *rôti* ressequido. Está seco e a desfazer-se, mas não vou recusá-lo. É melhor do que nada. Todos esperam por mim, enquanto acabo de comer e beber. Sou o primeiro a subir. NC e Dedos-Papudos são os últimos. NC coloca-se diante da janela e olha lá para fora para confirmar o que eu tinha dito. Só se senta depois de uma ventania forte sacudir de novo as folhas.

Mal chega, Mercado bate palmas para descermos. Tenho receio de que Dedos-Papudos me denuncie, mas ele cumpre a palavra.

Como Mercado não teve tempo de preparar o *dal* de arroz aguado, dá a cada um dois pedaços de pão e pickles de limão. Quando acabo de comer, dou comigo a lambar os dedos, tal como Covinha-no-Queixo. Os nossos olhos cruzam-se e ele sorri. Mercado observa-nos, mas é-me indiferente: um sorriso de Covinha-no-Queixo vale bem mil dos seus olhares odiosos.

— Tu ficas aqui, porco sujo — grita Mercado para Covinha-no-Queixo, quando nos preparamos para voltar a subir.

Trepo pela escada, a tremer perante a ideia de Mercado poder castigar aquele rapazinho por se ter sentido feliz por uma fração de segundo e me ter sorrido.

Estremeço ao ouvi-lo gemer e deixo cair uma pérola. Cambalhota apanha-a e põe-na na palma da mão. Covinha-no-Queixo acaba por subir, de faces húmidas e olhos pregados no chão. Os lóbulos das suas orelhas parecem ensanguentados.

Fico muito mais irritado com Mercado do que quando me bateu, porque Covinha-no-Queixo é da idade dos meus irmãos. Até mesmo Dedos-Papudos parece contrariado e deita-lhe um olhar cheio de compaixão. Preferia que Dedos-Papudos me tivesse denunciado a Mercado. Este teria descarregado a sua raiva sobre mim e deixado Covinha-no-Queixo em paz. Tratá-lo desta forma é, sem dúvida, uma forma de Mercado se fazer temer. Se era essa a sua intenção, conseguiu-a plenamente: o terror reina entre nós.

— Tu atraís problemas. Faz o teu trabalho e trata de nunca mais olhares para os outros nem sorris — avisa-me Dedos-Papudos, depois de Mercado ter ido embora.

— Mas eu não tenho culpa se o patrão bateu...

— Claro que tens — replica ele, apontando para Covinha-no-Queixo. — Ele foi castigado porque o patrão julga que és amigo dele. Se queres ter problemas, isso é contigo, mas deixa os outros de fora.

— Quer dizer que te é indiferente que o patrão me bata e me faça passar fome?

— Sim. Porque haveria de me incomodar?

— E porque te incomodas quando se trata dele? — pergunto, referindo-me a Covinha-no-Queixo.

— Eu... Eu não... — gagueja.

Dedos-Papudos fica desarmado e um pouco assustado. Os outros interrompem o trabalho, na expectativa do que irá dizer.

— Não tenho de te prestar contas. Faz o que te digo. Não discutas.

Trabalhamos ainda durante duas ou três horas, e não cesso de me perguntar por que motivo Dedos-Papudos se mostra tão protetor em relação a Covinha-no-Queixo. Talvez tenha acabado por se afeiçoar a ele, ou que ele lhe faça lembrar o seu próprio irmão. Ou talvez lhe custe suportar que seja o mais novo a ser castigado.

Pouco importa o motivo. Fugir não é tão simples como julguei, e mais vale manter-me à parte. Só vejo uma forma de escapar durante o dia. Se Mercado me pedir para o ajudar a encaixotar os quadros. No momento em que levar os quadros para fora, aproveito para fugir. Mas, para isso, é preciso que Mercado tenha confiança em mim: nunca mais vou sorrir para Covinha-no-Queixo, e não manifestarei simpatia para com ninguém. É um desafio difícil, porque gosto de Covinha-no-Queixo e detesto Mercado, mas não tenho outra opção. Tenho

de fazer de conta que este ser detestável é tão simpático como o meu professor, o Senhor Advale.

## 14

Estou aqui há uma semana e Mercado ainda não me pediu que o ajudasse. Esteve muito calor esta noite e, mesmo cansado, acordei várias vezes por causa dos mosquitos. Pela manhã, tenho as pernas e os braços vermelhos e inchados, e o tempo quente não ajuda nada.

Quando estamos prisioneiros, cada dia se assemelha à véspera. Contudo, hoje a monotonia quebra-se porque é dia de banho. Mercado dá-me umas cuecas limpas, mas não me dá uma camisa. Lavo-a e estendo-a no fio, e ela seca depressa. Seja como for, quando chegar o inverno, já cá não estarei.

Temos de nos lavar em grupos de três para economizar água: Covinha-no-Queixo, Cambalhota e eu de um lado; NC, Dedos-Papudos e Falador-Noturno do outro. Quando NC pede para se lavar sozinho, Mercado aceita.

Servimo-nos todos do mesmo balde de água. Covinha-no-Queixo fica em roupa interior e molha o corpo com meio copo de água. Depois, esfrega-se com o pedacinho de sabão e enxagua-se com dois copos. Enquanto se seca com uma toalha pequena, Cambalhota entra em ação.

Quando chega a minha vez, fecho os olhos e mergulho os dedos no balde. Deixo as mãos flutuar no líquido, sem tocar no bordo. Sempre de pálpebras fechadas, imagino que esta celha é um charco cuja superfície se estende a perder de vista. Sinto o suave marulhar, posso até sentir a sua frescura. Sorrio. As lembranças fazem-me voltar atrás no tempo. Ou quase.

— És muito lento. O patrão vai ficar furioso.

A voz de Cambalhota traz-me de novo à realidade. Antes mesmo de lhe responder, ouve-se um silvo sonoro que me deixa petrificado. Os outros dois já se vestiram e esperam por mim.

— Guarda um pouco de água para lavarmos a roupa — murmura Cambalhota.

Apresso-me a arranjar-me. Molhamos as peças de roupa, torcemo-las e estendemo-las na corda do quarto-de-banho. Cinco minutos depois, estamos de regresso ao andar de cima.

A ideia de ter de esperar uma semana pela próxima lavagem deixa-me triste. Talvez não tenha de esperar tanto tempo. Toda a gente tem um ar limpo e fresco, mas Falador-Noturno é o mais bem arranjado de nós todos, pois está sempre bem penteado.

E continuamos a colar pérolas: de manhã, de tarde e à noite. Até voltarmos a ficar sujos e exaustos.

Nestes últimos dias, não tem havido chuva, pausas, ou possibilidades de fugir. As portas estão permanentemente fechadas, quer Mercado esteja presente ou não. A princípio, julguei que poderia escapar-me, mas agora tenho as minhas dúvidas.

Dedos-Papudos arranjou-me um lugar afastado dele, o que é bom: agora, quando ergo a cabeça para aliviar a nuca e as costas, vejo uma nesga de céu e um ramo de *nimba*. Os frutos compridos como dedos ficaram amarelos. Gostava tanto de poder colher um punhado deles, metê-los à boca e deixar o suco agridoce espalhar-se sobre a minha língua.

Mercado distribui novos modelos.

— A questão, rapazes, é que os vossos quadros vão ter de ter qualidade de exportação. Recebi uma encomenda grande, que tem de estar terminada a tempo da época turística, por isso mãos à obra! Não vou tolerar nenhum erro.

— Que quer dizer “qualidade de exportação”? — pergunto.

— Julguei que fosses mais esperto. Então não sabes o que significa? — troça NC.

Dedos-Papudos levanta a mão gorda.

— Trabalhem em vez de se insultarem. “Qualidade de exportação” quer dizer que tens de fazer o melhor que puderes porque estes artigos serão vendidos no estrangeiro.

Dedos-Papudos está mais cordato desde que fui certificar-me de que não havia ratos, e que Covinha-no-Queixo foi castigado.

— Em que países? — pergunta Covinha-no-Queixo.

— Não sei o nome, mas estou-me nas tintas para isso e tu devias fazer o mesmo. A única coisa que conta é ter a encomenda pronta.

Encho a minha travessa de pérolas, espalho a cola no quadro, e reproduzo o modelo o mais rápido possível. Tenho as palmas das mãos tão húmidas que a agulha está sempre a escorregar-me dos dedos. Limpo-os regularmente aos meus calções, o que faz abrandar o meu ritmo. O único aspeto positivo é que somos todos tratados da mesma maneira.

Até onde viajarão estes quadros? Atravessarão o mar de barco ou de avião? Irão ter a salas sumptuosas como as que entrevimos na revista de Mohan? Quem será o feliz proprietário? Algum deles irá aterrar certamente no quarto de uma menina que nunca saberá que este quadro foi feito, à custa de muito suor e lágrimas, por um rapaz da sua idade que chora longe da família.

Levanto o braço para limpar as lágrimas que deslizam pela cara e dou-me conta de que não trago camisa.

— Amanhã, é dia de cortar o cabelo — anuncia Dedos-Papudos, à noite, ao arrumarmos as mesas e as pérolas.

— É o patrão que nos corta o cabelo?

— *Mamu palerma* — diz NC. — Então, achas que o patrão vai pôr as mãos na tua cabeça piolhosa?

— Eu não tenho piolhos — protesto — e...

Dedos-Papudos levanta a mão.

— Temos de estar a pé às cinco horas. Por isso, todos para a cama.

Não me sai da cabeça a ideia de que vamos começar a trabalhar mais cedo para nos poderem cortar o cabelo. A quem caberá esta tarefa? E se Marcado nos levasse ao barbeiro? Eu aproveitava logo para me escapar. Pensando bem, parece-me pouco provável: ele nunca gastaria dinheiro connosco, e muito menos se arriscaria a que alguém descubra que trabalhamos para ele.

Ainda é noite escura quando começamos a trabalhar. Depois do chá, Marcado manda-nos todos para o andar de cima, exceto Falador-Noturno e Dedos-Papudos. Pouco depois, chama NC e Dedos-Papudos sobe: tem o cabelo cortado e acabou de tomar um duche. Quando manda Cambalhota para baixo, deduzo que NC deve estar a lavar-se. Por último, chega a minha vez. Enquanto Covinha-no-Queixo se lava, Falador-Noturno corta-me o cabelo. A tesoura não é muito grande, mas está bem aguçada. Colocado ao nosso lado, Marcado observa, batendo nervosamente o pé.

Falador-Noturno penteia e corta, penteia e corta, com pequenos gestos sucessivos. Quem me dera poder ver-me ao espelho. Quando Covinha-no-Queixo sai do quarto-de-banho, já estou pronto.

— Vai lavar o cabelo. Despacha-te em cinco minutos — diz-me Marcado.

— Está bem, patrão.

Só resta menos de meio balde de água para lavar a cabeça e o corpo o mais rápido possível. Quando abro a porta para sair, Falador-Noturno está à espera para entrar. Será que cortou o seu próprio cabelo, ou terá sido Marcado a fazê-lo?

Com este calor, ter o cabelo curto é uma bênção: transpiramos menos e não precisamos de nos pentear. Gostava bem de o manter sempre deste tamanho, mas não vale a pena sonhar. Quando aqui cheguei, todos o tinham muito mais comprido. Será que só temos direito a novo corte daqui a vários meses? Daqui até lá, não sei ainda como, já terei saído daqui.

Por volta da uma da tarde, Marcado entrega-nos uma banana e *rôtis*. Dir-se-ia que a encomenda que recebemos o torna mais generoso. Em contrapartida, ficamos sem *bhaji* ou

*dal.* Depois do almoço, sinto os olhos a fecharem-se. O tempo dá-me vontade de dormir e tenho de lutar contra o sono. De tarde, Mercado traz-nos água, coisa que nunca fez. Uma coisa é certa: não quer deixar-nos morrer à sede.

Mal começo a beber, Mercado arranca-me o copo das mãos.

— Julgas que tenho um poço? Bebe só o necessário para te manteres acordado e continua a trabalhar.

Não posso esquecer que a única coisa que Mercado distribui gratuitamente são insultos.

O trabalho monótono recomeça, entrecortado por pequenos goles de água.

— Tu também és um Cambalhota — segreda-me Covinha-no-Queixo.

Parece que, sem me dar conta, me comecei a balançar para a frente e para trás. A verdade é que, quando me levanto, não me sinto tão entorpecido como de costume. Será que este movimento basculante permite conservar uma certa leveza? Isso explica o fato de Cambalhota ser sempre o primeiro a pôr-se de pé.

— Tenho de ir entregar estes quadros e já não volto — anuncia Mercado por volta das sete. — Deixo-vos comida, mas só podem tocar-lhe por volta das oito. Até lá, não parem de trabalhar. Se algum de vocês se atrasar, serão todos castigados. E lembrem-se: se não houver quadros, não há comida.

É um verdadeiro desafio fixar pérolas com o suor a escorrer pelas costas despidas. E saber que ainda é preciso esperar duas horas antes de comer! O tempo passaria mais depressa se pudéssemos contar histórias. Penso em todos as *kahanis* de Aai. Quando os gémeos implicavam um com o outro, ou um deles estava doente, eu inventava histórias. Sentado no meu ramo de *nimba* junto do lago, imaginava-me Shahanshah Akbar, Birbal ou um qualquer guerreiro. As *kahanis*, tal como o céu, são infinitas. Podemos contar hoje as de outrora, podemos criar novas, e até reinventar as antigas para as tornar mais engraçadas, mais terríveis ou mais suaves. “As *kahanis* são as tuas melhores amigas, porque nunca te abandonam,” dizia Aai.

— E se contássemos *kahanis*? — proponho.

— *Tea se jyada nai kitali garam hai.*

NC continua a repetir a cada instante que me considero mais inteligente do que realmente sou.

— Aposto que as tuas histórias se parecem contigo: imaginárias, falsas e *faltu*, fúteis.

— Lembras-te de quando pensaste que era uma ratazana que fazia aquele ruído e correste para baixo como um carneiro apavorado? Com as histórias, passa-se o mesmo. Podem não ser reais, mas o que nos fazem sentir é bem real.

— Eu quero ouvir uma *kahani* — pede Covinha-no-Queixo, inclinando-se para mim. —  
*Please.*

O seu rosto resplandece de orgulho por ter pronunciado uma palavra em inglês e a covinha parece encher-se de satisfação.

Espero que Dedos-Papudos se pronuncie, mas ele continua a colar pérolas sem levantar os olhos. O que significa que não tem nada contra. Há tantas histórias que me vêm à mente! *Kahanis* sobre gigantes, fantasmas, anjos... Deixo-as desfilar e, depois, escolho a que conheço melhor e que me emociona mais.

— É a *kahani* de um rapaz e de um brigão — começo, enquanto aplico cola no novo quadro. — Era uma vez um rapaz que vivia num vale rodeado de montanhas. Trabalhava no campo com os pais, e andava pela aldeia com os amigos.

— A tua história de miúdos não presta para nada sem nome! — intervém NC.

Continuo.

— O rapaz pensava que viveria sempre ali. Um ano, as chuvas foram tão abundantes que os camponeses da aldeia ficaram radiantes. As cebolas não paravam de crescer. Quando o campo se cobriu de folhas amareladas, chegou a hora da colheita. O rapaz ajudou a arrancar as cebolas grandes, enquanto pensava no dinheiro que ganhariam e nas coisas que podiam comprar com ele. O pai do rapaz tinha-lhe prometido umas sandálias novas, um livro, e até talvez roupa. De mãos e braços cobertos de terra vermelha, o rapaz via-se já a ler o livro aos irmãos mais novos.

— Que livro era? — pergunta Covinha-no-Queixo, pousando a agulha.

— Que te interessa isso se nem sabes ler? — diz NC com ar de troça.

— Mas tu sabes, não é verdade? — diz Covinha-no-Queixo, de olhos postos em mim.

— Sei.

— Trabalha! — ordena Dedos-Papudos a Covinha-no-Queixo.

Continuo.

— O rapaz e os pais encheram de cebolas os sacos de juta. Depois, foram vender a produção. Mas não fizeram grande dinheiro, porque, como a colheita tinha sido boa para toda a gente, havia cebola em excesso no mercado. Os preços baixaram e lá se foram os sonhos do rapaz.

Ao pronunciar esta última frase, sinto uma bola de tristeza apertar-me a garganta e espero um instante até ela se dissipar.

— E depois, o que aconteceu? — apressa-se a perguntar Covinha-no-Queixo, compondo uma flor vermelha com as pérolas.



Conto-lhe a partida da família para a cidade, o desaparecimento de Baba, e a maneira como o rapaz se deixou enganar por um desconhecido.

— E é assim que o rapaz dá por si a trabalhar numa oficina de pérolas — concluo.

Silêncio total.

— É a tua própria *kahani, na?* — murmura Cambalhota.

— Sim. Podes contar-nos a tua?

— Não me lembro de grande coisa — diz, numa voz longínqua e fria como a de um fantasma. — Mas sei que...

— Basta de histórias! — intervém Dedos-Papudos. — Fazem-nos andar mais devagar e não me agrada nada ficar sem comida.

— Concordo perfeitamente! — aprova NC.

— São quase oito horas. Vamos jantar! — diz Dedos-Papudos.

Comemos o resto dos *rôtis* em silêncio. Depois trabalhamos até nos irmos deitar. A história desta tarde deixa-me um vazio doloroso no peito. À exceção de Covinha-no-Queixo, nenhum deles merece ouvir as minhas histórias, e nunca mais lhas ofereço.

Farei melhor em trabalhar mais rapidamente e melhor do que eles. Assim, darei um pretexto a Mercado para fazer de mim chefe e me chamar para o ajudar a embrulhar os quadros. E então, mal surja uma oportunidade, escapo-me.

## 15

Nos dias seguintes, dedico-me inteiramente ao trabalho, esforçando-me por ignorar as picadelas de mosquitos, os grunhidos de Dedos-Papudos, os insultos de NC, os alertas de Cambalhota, a timidez de Falador-Noturno, a sopa de lentilhas com pedras de Mercado, e até o sorriso de Covinhas-no-Queixo.

Aos poucos, vou aperfeiçoando um método que me permite trabalhar mais depressa. Fico excitadíssimo no dia em que consigo executar dois quadros a mais do que os outros. Dedos-Papudos recolhe a nossa produção antes de descer.

— Como conseguiste fazer tantos? — fulmina-me com o olhar.

Encolho os ombros.

— Era um motivo simples.

— Não me parece — opina NC.

Cambalhota examina a minha pilha. De lábios a tremer, conta os quadros e depois põe-se a bater no bordo da mesa. Falador-Noturno fica de olhos arregalados: se é de surpresa ou de medo, não sei.

Mal Mercado bate palmas, Dedos-Papudos apressa-se a descer e eu fico à espera, ansioso. Até agora, Mercado não notou o quanto me apliquei no trabalho, mas talvez fique contente por ver que fiz dois quadros a mais do que os outros. Ouço as vozes de Mercado e de Dedos-Papudos, mas não consigo captar o que dizem.

Dedos-Papudos volta a subir a escada. Traz um sorriso radiante nos lábios e pisca o olho a NC. Que terá ele dito a Mercado? Estou tão tenso que até transpiro mais do que o habitual. Tenho de me acalmar e esperar que Mercado me chame. Mas ele não o faz. À hora do almoço, chama-nos a todos.

Estou convencido de que quando estivermos lá em baixo, Mercado vai dar-me uma porção maior, ou perguntar-me como consegui trabalhar tanto. Contudo, ele nem sequer olha para mim e, em vez disso, serve uma dose dupla de comida a Dedos-Papudos e a NC.

Fico irritado e passo a tarde a tentar perceber o que se passou. Mercado bem viu que se tratava do meu modelo. Por que razão não ficou contente comigo? Dedos-Papudos deve ter mentido e atribuído a si e a NC o mérito do meu trabalho.

— O que disse o patrão quando viu os meus quadros? — pergunto a Dedos-Papudos durante as duas últimas horas de trabalho do dia.

— Nada — responde, levantando as sobrancelhas.

— Impossível. Deve ter...

— Estás a chamar-me mentiroso? Sabes o que te espera?

— O que ele quer é ocupar o teu lugar. Não te deixes enganar — diz NC.

— Nem pensar. Só quero que reconheçam o meu trabalho.

— Julgas que vais ser condecorado se nos fizeres passar por caracóis preguiçosos? Para com as tuas reivindicações, ou torço-te os dedos de tal forma que não serás capaz de trabalhar.

Covinha-no-Queixo tapa os ouvidos.

— Não discutam, por favor, não discutam!

— Cala a boca, miúdo! — grita NC.

Dedos-Papudos olha para Covinha-no-Queixo.

— Não vai acontecer nada. Para de choramingar e de gemer como quando eras bebé.

— Como é que sabes o que ele fazia quando era bebé? — pergunto.

Dedos-Papudos olha para nós alternadamente.

— O que eu queria dizer é que todos os bebés choram, não? Deixem-me em paz.

Naquela semana, enquanto tomávamos banho, Cambalhota segredou-me:

— Por favor, não trabalhes tão depressa, ou o patrão vai exigir o mesmo de todos. E se não conseguirmos, vai castigar-nos. *Sacch nā?*

— *Sacch*, é verdade — respondo-lhe.

Covinha-no-Queixo acocora-se num canto.

— Eu não quero *kanpatti*.

— Se eu abrandar o meu ritmo, o patrão não irá zangar-se comigo? — pergunto.

Cambalhota, que está a esfregar-se, interrompe o movimento e sacode a cabeça.

— Não. Uma vez que o mérito não é teu, também não serás castigado. *Sacch nā?*

— Sim, sim — aprova Covinha-no-Queixo em voz alta enquanto passa a camisa por água.

Tapo-lhe a boca com a mão para que Mercado não o ouça.

— Vamos embora, antes que nos maltrate — digo eu.

Seguindo o conselho de Cambalhota, abrando a minha cadência, o que me permite olhar de vez em quando para a árvore, para as nuvens, para o céu e aliviar a nuca.

Quando vem recolher os quadros seguintes, Dedos-Papudos lança-me um olhar interrogativo.

— Fizeste tantos como nós. O que se passou?

Limito-me a encolher os ombros. A presença de Mercado em baixo impede-o de me fazer demasiadas perguntas.

Pouco depois de Dedos-Papudos ter descido, chega até nós a voz de Mercado.

— Nada de desculpas. Quero que trabalhem como no outro dia e que façam mais quadros!

Certo de que NC me está a observar, debruço-me sobre a mesa para disfarçar o meu sorriso. Dedos-Papudos volta para cima de semblante carregado e evita olhar para mim.

Ao almoço, Mercado está mal-humorado. Depois de servir a cada um de nós a mesma porção, incita-nos a despacharmo-nos e a voltar lá para cima depressa. Dirijo um olhar triunfante a Cambalhota, cujo rosto desprovido de expressão parece indiferente ao que se passa. Talvez seja esta a chave da sua sobrevivência: dar a impressão de não saber nada sobre coisa nenhuma, e permanecer calado.

Passo o dia a rezear o momento em que, com Mercado fora dali, NC e Dedos-Papudos descarreguem a sua raiva sobre mim. O silêncio deles surpreende-me e acho-o aterrador. Depois de alguns dias de angústia, deixo de me preocupar. Aquando do banho semanal, Cambalhota explica-me que NC e Dedos-Papudos formam um bloco e que, se deixam Falador-Noturno em paz, é porque sabem como seria fácil ele feri-los “por descuido” no momento de cortar o cabelo.

— E tu? — pergunto.

Cambalhota despeja na cabeça o conteúdo do copo.

— Eu era o *bakra* deles, o bode expiatório preferido até...

— Até à minha chegada.

— Não. Pararam antes de chegares. Um dia, quando eles precisavam de cola, fiz uma mistura errada e, de repente, as pérolas caíram todas. O patrão ficou furioso e bateu-lhes. Desde esse dia, nunca mais se meteram comigo.

Depois pergunta a Covinha-no-Queixo:

— *Saah nã?*

— *Saah* — aprova Covinha-no-Queixo, que está a limpar as costas. — O Chefe nunca é mau para mim — acrescenta com orgulho.

Esfrego os dedos dos pés com uma côdea de sabão.

— Mesmo antes de eu chegar?

— Nunca.

— Ele só está aqui há poucos meses, mas o Chefe sempre foi amável para com ele — confirma Cambalhota. — Talvez por ser muito novo.

O banho está quase a acabar, e tenho de me despachar antes que Marcado comece a berrar.

— Talvez — respondo, acabando de me preparar.

Acho estranho que Dedos-Papudos trate Covinha-no-Queixo de forma diferente, mas tenho de admitir que é verdade. Só não sei porquê.

Tal como fez Cambalhota, também meti em apuros Dedos-Papudos e NC. Dir-se-ia que, da mesma maneira que o deixaram em paz depois do seu engano voluntário, também já não me importunam desde que retomei a cadência normal, e os pus em causa aos olhos do patrão. Tenho de descobrir uma forma de criar problemas entre NC e Dedos-Papudos.

O resto do dia decorre sem surpresas. Ao deitar-me no meu saco, constato que é lua-cheia, como na última noite que passamos na aldeia. E concluo que há quase um mês que estou aqui. Quantos ciclos lunares terei ainda de suportar até encontrar a liberdade?

Seria mais fácil escapar numa noite de lua-cheia: o luar ser-me-ia precioso. Mas a lua ilumina pouco na cidade.

Sejam quais forem as circunstâncias, o que me interessa é sair daqui.

Doem-me os dedos, tenho as costas hirtas e os joelhos doridos.

Sei que preciso de dormir, mas ando obcecado com a ideia da fuga.

Uma noite, vem-me à mente a ideia de redigir uma mensagem e lançá-la pela janela. Pode ser que alguém a leia e me venha libertar.

Marcado tem um lápis; já o vi escrever na agenda e colocá-lo atrás da orelha em seguida. Desencantar um pedaço de jornal limpo não deve ser difícil, mas como conseguir o lápis? Só é preciso de ser paciente e estar atento.

Habitualmente, Marcado sai às vinte horas, mas hoje vem ao andar de cima por volta das dezassete.

— Na televisão anunciaram uma tempestade, por isso vou já embora. Não se esqueçam de fechar as portadas antes de se deitarem. Se algum quadro apanhar água, faço-vos numa *murga*.

Não estou a ver como é que poderia transformar-nos em frangos mas, perante a cara que os outros fizeram, não fico com vontade de descobrir.

À noite, há nuvens escuras que chegam de oeste. O céu ameaçador transporta-me até ao dia em que tivemos de abandonar a correr o nosso abrigo debaixo da ponte. Não são tanto as nuvens que me assustam, mas o vento. Estamos sempre a olhar para a janela, quando, de repente, um relâmpago, seguido de um ribombar de trovoadas, percorre em ziguezague o céu negro. Dedos-Papudos fecha as portadas e liga a lâmpada. Covinha-no-Queixo tapa os ouvidos com as mãos e vai acocorar-se a um canto. Dedos-Papudos refugia-se perto dele: enrolado sobre si mesmo, pousa a cabeça nos joelhos, e treme de medo. Com os lábios a mexer sem cessar, e as pálpebras hermeticamente fechadas, Falador-Noturno parece rezar. Até os olhos cinzentos de NC estão inquietos. Só Cambalhota continua a trabalhar e a balancear-se. Quanto a mim, cravei as unhas nas palmas das mãos.

Não distinguimos nada através da janela, mas ouvimos a chuva a cair com força. Dedos-Papudos levanta a cabeça.

— Vamos comer já — diz numa voz forte a sobrepor-se ao barulho da tempestade.

Desta vez, Covinha-no-Queixo é o primeiro a pôr-se de pé.

— Onde está a escada? — grita.

Marcado deve tê-la retirado. Talvez se tenha esquecido de que ainda não tínhamos comido. Contudo, a verdade é que ele não quer saber de nós. Dedos-Papudos esquadrinha o espaço vazio.

— E agora, o que fazemos?

Ficamos todos a refletir em silêncio.

— Eu poderia descer por um saco de juta se dois de vocês o segurarem por uma ponta — proponho, torcendo o tecido para fazer dele uma corda.

Dedos-Papudos e NC agarram numa extremidade. Deixo-me deslizar até ao fundo e dou um salto para o chão. Começo por observar se Marcado não terá deixado o lápis, mas não há nada em cima do banco de madeira.

— Que estás a fazer? Traz a escada — grita NC.

Embora pareça leve, não consigo movê-la. É demasiado comprida e pesada para eu poder deslocá-la sozinho.

— Temos de ser dois.

A cabeça de Cambalhota aparece na abertura, com alguns caracóis a dançar na testa.

— Eu desço — diz.

Conseguimos ambos deslocar a escada e os outros podem descer.

Todos falam, exceto Falador-Noturno. Nunca o ouvi pronunciar uma única palavra, a não ser quando está a dormir. Faz-me pensar em Naren, para quem estar calado é uma maneira de lutar contra o medo.

Os meus olhos pousam na televisão e, de repente, fico em pânico: Marcado não a desligou da ficha e pode haver um incêndio. Rastejo até ao fio. O chão e o teto estão secos, mas o que acontecerá se a televisão apanhar água? Será que vou receber uma descarga elétrica ao puxar pela ficha? Como a madeira não é condutora, pego no rolo da massa, faço deslizar uma das extremidades entre os dois pernos da tomada e puxo. Nada acontece.

— Que estás a fazer? — pergunta Dedos-Papudos.

— A tentar desligar esta ficha.

Em menos de nada, põe-se ao meu lado e tenta impedir-me de continuar.

— Para! — grito.

Inspiro profundamente e explico-lhe que o fio deve estar sob tensão. Volto a passar o rolo de madeira entre os pernos e faço força para arrancar a ficha com um esticão.

— Já não há perigo — informo.

Ouve-se um enorme estalido e um estrondo surdo, como se um ramo de árvore se tivesse desprendido. A chuva duplica de intensidade.

— Obrigado, Gopal. Já podemos comer? — pergunta-me Covinha-no-Queixo.

Não respondo. Falador-Noturno levanta a sua franja de pestanas e olha para nós alternadamente. NC olha para Dedos-Papudos de olhos arregalados. Covinha-no-Queixo não só se limitou a tratar-me pelo nome, como me pediu autorização para comer, em vez de se dirigir a Dedos-Papudos.

Depois de um silêncio perturbador, Dedos-Papudos encolhe os ombros e vira-se. Deixo escapar um suspiro de alívio. Covinha-no-Queixo lembrou-se do meu nome, que até agora nunca se atrevera a pronunciar. É um rapaz inteligente, mas não devia ter provocado Dedos-Papudos daquela maneira. NC tratará de deturpar tudo e de espicaçar Dedos-Papudos.

Marcado deixou-nos um pedaço de pão para o jantar e no fundo de um tacho há um pouco de leite que deve ter sido deixado por esquecimento.

— E se eu fizesse chá para todos? — proponho a Dedos-Papudos.

— O patrão não vai gostar.

— Amanhã de manhã, o leite já vai estar estragado. Porque não havemos de o acabar hoje?

— Claro! Porque não havemos de o acabar hoje? — repete NC a imitar-me.— Estás com vontade de receber uma tarefa do patrão?

— Se o acabarmos, assumimos todos o que fizemos, *na?* — diz Cambalhota.

— Isso é uma provocação? — pergunta NC.

— O que quero dizer é que não é só Gopal que...

— Já te esqueceste da tarefa que apanhaste? Queres outra?

Os olhos cinzentos do NC faíscam de raiva. De lábios cerrados, Cambalhota faz um esforço por conter a cólera. Digo:

— Deixa lá. Não vale a pena discutir por causa disso.

Cambalhota vira-se para Dedos-Papudos.

— Lamento mesmo que Gopal tenha encontrado forma de descermos e de desligar a televisão. No outro dia, quando todos tínhamos medo da ratazana, foi ele que foi verificar do que se tratava. Da próxima vez que tiveres problemas, não te vai ajudar e eu também não.

Dedos-Papudos cala-se, mas NC encosta Cambalhota à parede.

— Julgas que precisamos do teu amigo? Arranjávamo-nos muito bem antes dele vir para aqui, e tu portavas-te muito melhor.

Cambalhota tenta afastá-lo, mas NC é mais forte. Agarra no colarinho da camisa e aperta-lhe o pescoço. Se não interviermos rapidamente, vai estrangulá-lo.

Ponho os braços à volta do pescoço de NC e puxo-o para trás. Larga, volta-se, e dá-me uma valente bofetada. Quando se prepara para o golpe seguinte, Dedos-Papudos interpõe-se.

— Nada de lutas. Se voltas a erguer a mão contra um de nós, denuncio-te ao patrão — ameaça-o.

— Não te atreverias.

— Não penses que te deixo implicar com quem quer que seja. Sabes o que acontece se o patrão vem a saber? Dá cabo de mim. Por isso, toca a baixar essa mãos. Ouviste bem?

Dedos-Papudos treme de raiva.

— Traidor — exclama NC.

— Isso é mentira e tu sabe-lo bem — replica.

Depois vira-se para mim e diz:

— Faz o chá. O chefe sou eu e eu é que mando.

Estão abertas as hostilidades entre eles. Tenho de ficar atento, porque, ao invés de NC, Dedos-Papudos é um pouco simplório.

Todos molhamos o pão no chá para o amolecer, exceto NC, que prefere comê-lo seco.

— A...a... chu...chuva! — exclama Falador-Noturno numa voz aguda, apontando para a porta traseira.

É a primeira vez que fala. Olho para ele antes de virar a minha atenção para a água que assoma por debaixo da porta. Por ora, está a infiltrar-se lentamente no compartimento, mas, se continuar a chover desta maneira, pode vir a inundar tudo.

— Devíamos levar os quadros lá para cima — digo.

— Só porque sua excelência decidiu? — replica NC antes de se virar para Dedos-Papudos. — Porque deixas pisar-te por este sabichão?

Admira-me que NC volte à carga. Certamente porque sabe que nada tem a temer.

De olhos fixos na água, Dedos-Papudos parece desamparado.

— Não sei. Não! Sim!

Falador-Noturno pôs-se em bicos de pés, como se assim pudesse escapar à água. Com a camisa a sair das calças, põe-se a coçar a cabeça. Quando abre a boca, vejo-lhe uma dentição tão perfeita e regular como se cada dente tivesse sido colado no sítio certo.

— Se... se os quadros se estragam, o pa... patrão vai dar cabo de nós — acaba por articular.

É evidente que os castigos de Marcado o aterrorizam, pois nunca tinha lido um tal pavor no seu olhar. Não admira que nunca diga nada: quer evitar as represálias da cólera de Marcado.

Apetece-me fazer algo que os espicace, mas o clima já está demasiado tenso. Tal como eles, limito-me a ver a água subir.

— É preciso levar as caixas para cima — diz NC.

— Essa era a ideia de Gopal — volta a intervir corajosamente Cambalhota.

NC faz uma cara de desagrado.

— E então?



— Então, não te armes em chefe — exclama Covinha-no-Queixo.

NC agarra-lhe na mão.

— Queres que te torça as orelhas, o nariz, os braços?

Dedos-Papudos afasta-o com força.

— Tira daí as patas!

Dedos-Papudos já o tinha proibido de levantar a mão fosse a quem fosse, mas não o julgava capaz de uma reação tão pronta. Porque se mostra ele tão protetor para com Covinha-no-Queixo, se não reagiu quando NC se atirou a Cambalhota?

Enquanto Covinha-no-Queixo e NC amuam cada um no seu canto, Dedos-Papudos, Cambalhota, Falador-Noturno e eu empurrámos as caixas pesadas até à base da escada. Quatro delas contêm quadros com pérolas coladas e quadros sem pérolas.

— Como vamos fazer para as levarmos para cima? — interroga-se Dedos-Papudos.

Quando Baba trabalhava na pedreira, explicava que os operários organizavam uma cadeia para as cargas mais pesadas, de forma a que cada um não tivesse que a suportar mais do que um curto instante.

— Se fizermos uma cadeia na escada, conseguimos.

— Tens sempre boas ideias — elogia-me Dedos-Papudos.

— Vamos lá ver se essa ideia brilhante dá resultado — diz NC com ar de troça.

Como Dedos-Papudos é o mais forte, é ele que fica em baixo, enquanto me coloco no segundo degrau. Levanta uma caixa, entrega-me e passo-a a Cambalhota, colocado dois degraus acima, que, por sua vez, a passa a Falador-Noturno. No andar de cima, Covinha-no-Queixo recebe a caixa e pousa-a. NC não participa.

Com as caixas todas a salvo, voltamos para cima.

Trabalhamos há cerca de meia hora quando a trovoada ronca e um relâmpago faísca de imediato. A lâmpada simples e amarelada explode, deixando o compartimento mergulhado em trevas. Covinha-no-Queixo solta um grito.

— Estamos aqui. Estamos todos juntos — sossega-o Dedos-Papudos.

Ninguém diz palavra. Espero em vão que os meus olhos se habituem ao escuro para distinguir qualquer coisa. A nossa lâmpada não foi a única a explodir. O bairro inteiro ficou sem eletricidade e não há luar. Estamos envoltos numa noite de breu.

Toco ao de leve na minha lanterna de bolso, questionando-me se será pertinente tirá-la. Posso certamente confiar em Dedos-Papudos, mas não sei o que pensar de NC. Se falar a Mercado da minha lanterna, o patrão vai confiscar-ma. Não vale a pena arriscar. Só temos de

esperar que esta noite escura chegue ao fim. Alguém começa a chorar, e os soluços tornam-se cada vez mais audíveis e pungentes.

— Quem está a chorar? — pergunta Dedos-Papudos.

— Eu não — responde Covinha-no-Queixo.

— Quero saber quem é.

Ouvem-se soluços redobrados.

— Que adianta? Não sabemos os nomes uns dos outros — digo.

— Sabemos que te chamas Gopal — intervém Covinha-no-Queixo.

— Quem chora como uma *lagki*? — rosna NC.

Como se fossem só as raparigas a ter medo do escuro. Naren sempre teve medo do escuro, ao contrário de Sita.

— S...S... Sou eu. Roshan. N...N... Não consigo respirar — murmura Falador-Noturno, ou seja, Roshan, numa voz trémula.

— Para lá com isso ou faço queixa ao patrão. Dá-te uma tal sova que te faz logo esquecer o medo do escuro! — grita NC.

— Não vale a pena estares a ameaçá-lo só porque... — diz Dedos-Papudos em voz trémula.

— Também tens medo? — pergunta NC, provocador.

Apalpo a minha lanterna e, mal a ligo, faz-se silêncio. É Covinha-no-Queixo quem o rompe.

— Onde a arranjaste?

— Foi um amigo que ma deu.

— Como se chama?

— Chachaji.

— É o teu tio?

— Não.

— Qual o verdadeiro nome dele?

— Não sei.

Jama nunca mo disse.

— Aposto que a roubaste — afirma NC, sorrindo.

Faço incidir o feixe de luz sobre a sua cara e o sorriso desvanece-se.

— Gopal não roubou esta lanterna — afirma Cambalhota.

Antes que eu pudesse acrescentar algo, NC atira-se a ele.

— Vou tratar de ti e vais ficar com as costelas ainda mais salientes do que agora.

Dedos-Papudos cala-se. Enquanto NC vomitar ameaças, mas não fizer mal a ninguém, ele nada fará.

— N... n... não podemos trabalhar, mas isso não é motivo para discutirmos e nos agredirmos — diz Roshan, que parara de chorar.

Ninguém diz nada. Sem luz, é impossível trabalhar. É o momento ideal para contarmos histórias, mas depois do que se passou da última vez, não tenho vontade de o fazer.

Deixo a tempestade e a escuridão do exterior estenderem-se pelo meu interior.

## 17

Falador-Noturno choraminga e geme a dormir: está claramente preocupado e assustado. Quando ele se acalma, adormeço eu.

A água infiltrou-se na casa de Jama e os gémeos debruçam-se para a examinar, como se nunca tivessem visto tal coisa. Aai protege os nossos haveres, colocando-os na prateleira por cima da televisão. A água continua a subir. Aai e eu não paramos. Apanhamos a água com tigelas que despejamos num balde, e, quando este está cheio, Aai despeja-o pela janela, que fecho logo de seguida. Apesar disso, o nível da água não baixa. Não faço ideia de quantos baldes despejamos até que Aai, levantando os braços ao céu, diz num lamento:

— Assim não conseguimos.

— Vejam! Tenho água pelos tornozelos — diz Naren, muito admirado.

Faz círculos na água com o pé esquerdo, salpicando tudo à sua frente.

— Para — diz Sita. — Se ao menos pudéssemos refugiar-nos no cimo dum monte — acrescenta numa voz cheia de medo.

Não vale a pena dizer-lhe que aqui não há árvores nem montes para escalar, pois ela sabe-o bem.

Quando acaba de comer, sento-a em cima da pilha de colchões e almofadas amontoados em cima do banco de madeira. Depois faço o mesmo com Naren. Aai limpa-lhes os pés com um pano seco.

— E se a água sobe até aos colchões? — pergunta Sita.

— Isso não vai acontecer — respondo.

— Como sabes?

— Fazes ideia da quantidade de água que teria de chover para a água subir tão alto?

— Muita?

— Exatamente. Brinquem aí em cima.

Passo-lhes o jogo que nos deu o homem-das-cartas. Sentam-se contra a parede de pernas cruzadas e distribuem as cartas.

Aai e eu continuamos a apanhar água para o balde. Quando vou despejá-la pela janela, recuo de repente, surpreendido pela calma com que me deparo. Uma luz deslumbrante inunda a casa.

— Aai, a chuva parou.

A minha mãe olha para os gémeos, entretidos a jogar, e aproxima-se. Cedo-lhe o lugar em frente à janela.

— Não vale a pena preocupá-los — diz-me.

A rua deserta não parece uma rua. Na realidade, o nível da água não baixou e, se estivesse lá fora, dar-me-ia pelo joelho. Enquanto observo os remoinhos por baixo da janela, vejo um tacho de alumínio que balança à tona de água.

— Queres que o apanhe, Aai?

— Não, é demasiado perigoso.

Ficamos os dois a ver o tacho afastar-se. A água já não entra dentro de casa e o perigo já passou.

A voz doce de Aai apaga-se e acordo. A tela de juta rugosa contra as minhas costas, o cheiro a cola, as novas picadas dos mosquitos, eis tudo o que me resta. Volto a fechar os olhos para deslizar de novo para o meu sonho e tocar no rosto de Aai, mas ela já não está lá.

Queria tanto estar junto dela, mas ainda não encontrei maneira de sair daqui. Será que a vou descobrir ou serei como o bode que anda à roda no prado, procurando em vão um pequeno buraco na rede para se escapar?

## 18

Deitado na minha esteira, incapaz de adormecer, penso na rua onde mora Jama, na ponte, e na loja de Chachaji. De repente, o relógio bate as seis horas. Dedos-Papudos abre as portadas e a visão de um ramo partido de *nimba* faz-me vir lágrimas aos olhos. Para cúmulo, está um dia cinzento e pesado. Passamos rapidamente pelo quarto-de-banho e bebemos um pouco de água antes de começarmos a trabalhar.

Três horas depois, Mercado ainda não chegou. É difícil continuar a trabalhar sem tomar chá. Porém, não temos escolha. Se o trabalho não estiver feito, seremos privados de refeição. Já tenho quatro quadros prontos quando ouço tilintar as chaves e a porta a abrir-se rapidamente. Mal Mercado entra, põe-se logo a vociferar:

— Estou arruinado! Estou arruinado!

Em seguida, sobe a escada pesadamente.

— O que fizeram às caixas? — pergunta, alucinado. — Se algum quadro estiver estragado, mato-vos — ameaça.

— Trouxemo-las para cima — responde Dedos-Papudos.

O rosto de Mercado descontrai-se e olha em volta.

— Bom trabalho. Como é que o fizeram? — pergunta, dirigindo-se às caixas.

Dedos-Papudos olha para NC, que o desafia com o olhar.

— Todos ajudámos — diz Dedos-Papudos.

— A ideia foi minha — acrescenta NC com um sorriso de satisfação.

— Tu és esperto, lá isso és. Hás de ir longe — diz-lhe Mercado.

Depois dá-lhe umas palmadas nas costas com tanta força que NC até estremece. Cambalhota para de se balancear e olha para Mercado.

— Não foi ele... — começa, mas Mercado já desceu para ir buscar o relógio.

— Se dizes uma palavra, faço-te em picado — ameaça NC.

Percebo por que motivo Dedos-Papudos receia NC, e que é por isso que não lhe faz frente.

Como Mercado está convencido de que foi NC quem levou as caixas para lugar seguro, vai nomeá-lo chefe. Não posso deixar que isso aconteça; tenho de ultrapassar o medo e explicar a Mercado que a ideia foi minha. Então terá confiança em mim, e pedir-me-á para o ajudar a embalar os quadros. É uma forma de eu poder ter um pouco mais de liberdade. E quanto mais liberdade tiver, mais hipóteses terei de me escapar daqui.

Esperamos que nos chame para o chá, mas não o faz. Porque haveria de nos alimentar se trabalhamos bem sem ele? À hora do almoço, aproveito o momento em que NC está no quarto-de-banho para dizer a Mercado:

— Fui eu que tive a ideia de deslocarmos as caixas.

— E queres fazer-me acreditar nisso, malandro?

— É a verdade. Pergunte-lhes — digo, apontando para os outros.

Mercado levanta-se e avisa:

— Fiquem a saber, rapazes, que, se disserem alguma mentira, pagarão caro.

Fico à espera. Os outros olham para os pés sem responderem. Como se tivessem engolido a língua. Mercado põe-se diante de cada um deles e repete a pergunta. Falador-Noturno meneia a cabeça, assim como Dedos-Papudos. Covinha-no-Queixo levanta os olhos e volta a baixá-los. Imagino que tenha medo de ser castigado outra vez.

— Ele diz a verdade — acaba por murmurar Cambalhota.

— Tens verrugas na língua ou quê? Fala mais alto! — grita Marcado.

— Ele diz a verdade — repete Cambalhota, apontando o dedo para mim.

Naquele momento, NC sai do quarto-de-banho.

— Vão todos lá para cima menos vocês os dois — anuncia Marcado, referindo-se a Cambalhota e a mim. Vou dar-vos uma lição para vos ensinar a não mentir.

— Dissemos a verdade — afirmo.

NC sobe e não posso ver a expressão do seu rosto, mas tenho a certeza de que está encantado por irmos ser castigados.

Marcado sacode um tubo comprido de borracha castanha.

— Estão a ver este pedaço de tubo? Vai meter-vos na ordem.

Cambalhota inclina-se para a frente, mete os braços por entre as pernas e agarra os dedos dos pés com as mãos. Marcado brande o tubo, que se abate sobre Cambalhota. Este contorce-se sob a vergastada, mas permanece em silêncio. O chicote cai de novo e, desta vez, sou quem lança um grito de dor.

— Isto é só para ver se está a funcionar bem — diz Marcado, pousando o chicote no banco de madeira.

Ficamos nesta posição durante uma hora. Estou furioso com Marcado que nos castigou, mas mais ainda com a mentira de NC. O meu cérebro entra em ação e salta de um pensamento para outro, como um macaco de ramo em ramo. Marcado castigou-nos sem sequer procurar saber o que se tinha passado. Claro que deve confiar mais em NC, que conhece há muito tempo, do que em mim. Contudo, creio que o seu sorriso fingido escondia algo. Penso que sabia que eu dizia a verdade, mas que queria pôr os outros à prova. Talvez para ver se se atreviam a defender-me.

O meu plano não funcionou, e é este NC desonesto e manhoso que vai ser o *chamcha* de Marcado. Só de pensar nisso, a minha dor reaviva-se. Se fico muito tempo nesta posição, vou partir as costas. Uma mosca vem pousar na minha cara e sacudo a cabeça para a enxotar.

— Porque estás a sacudir a cabeça? — pergunta Marcado.

Ignoro por que motivo parece ansioso.

— Por causa de uma mosca.

— Ah!

Aparentemente aliviado, começa a empacotar os quadros.

Liga a televisão e levanto a cabeça. Não é simples fazê-lo com o corpo dobrado, mas consigo esticar as costas e a nuca ao máximo.

Marcado leva alguns segundos a aperceber-se do meu truque.

— Para de olhares fixamente dessa forma.

Esperamos que o ecrã se ilumine, mas nada. É então que me lembro de ontem à noite ter desligado a televisão.

Marcado fica perplexo ao ver a ficha pendurada e olha para mim.

— O que é isto? Porque está desligada?

Baixo a cabeça. Quer dizer que não faz a menor ideia do que se passou? Será que pensa que o que se passou tem a ver com meu olhar? No dia em que me deu um pedaço de cebola recheada e pão, o seu rosto tinha a mesma expressão de medo. Não agira por generosidade, mas porque temia que a sua refeição lhe tivesse escapado das mãos por causa de mim, temia que eu lhe tivesse lançado um feitiço. Deve pensar que o meu olhar diabólico desligou a ficha da televisão. Se é supersticioso a esse ponto, é bom que continue a acreditar nos meus poderes misteriosos. Levanto a cabeça e encaro-o de frente.

— Porque não paras de fazer isso? — pergunta numa voz trémula.

Continuo a fixá-lo e a mexer os lábios, como se murmurasse qualquer coisa. O seu rosto altera-se. Sem pestanejar, ponho-me a mexer os lábios com mais rapidez.

— Estás a lançar-me algum mau-olhado? Para com isso! Vai lá para cima, imediatamente!

Levanto-me.

— Os dois?

— Não, só tu.

Estou cheio de medo, e penso em Kotwal de Matheran para me dar coragem.

— Isso é impossível — digo, cruzando os braços sobre o peito.

— Vão-se embora. Os dois. Imediatamente.

Cambalhota tem os olhos abertos, mas não me parece que saiba o que acaba de acontecer.

— Fui eu que tive a ideia de pôr os quadros em lugar seguro.

Marcado olha alternadamente para a televisão e para mim, sempre com ar preocupado. Dirijo-me para a escada a sorrir. O nosso castigo durou menos de uma hora e espero encontrar um NC pálido de raiva. Uma ponta de surpresa atravessa os seus olhos cinzentos, mas não tem um ar furioso.

Covinha-no-Queixo resplandece de alegria.

— Eu sabia que vocês viriam depressa.

Perdoo-lhe o não me ter defendido, pois é demasiado jovem e Marcado é demasiado autoritário e aterrador. Ainda o deve aterrorizar mais do que a mim. Passo-lhe a mão pelo cabelo e sento-me. Falador-Noturno, ou seja, Roshan, não levanta a cabeça. Gostaria que tivessem dito a verdade, como Cambalhota teve a coragem de fazer. Cambalhota é o meu

único amigo. NC e Marcado nunca poderão vergá-lo. Ou talvez já esteja tão vergado que já nada o afeta.

Trabalhamos em silêncio durante o resto do dia, mas a tensão é palpável.

## 19

Custa-me a acreditar que já passaram mais de três semanas desde a tempestade, e que continuo aqui. Todas as manhãs, acordo com a esperança de poder fugir. É uma luz que brilha todo o dia para se extinguir todas as noites, no momento em que Marcado fecha a porta à chave. Desde a operação de salvamento dos quadros que já não retira a escada à noite. Se ao menos eu tivesse poder para abrir a fechadura com um clique.

Tenho de encontrar um meio de provocar o destino, com a ajuda dos meus colegas. O maior problema é NC, que nunca nos vai deixar criar uma frente unida. Porém, não tenho outra escolha senão tentar encontrar uma oportunidade.

Às dez da noite, arrumamos as pérolas. De maxilares serrados, Roshan alisa a sua juta com a palma da mão, uma e outra vez, para retirar a menor dobra. A tela de juta é tão áspera que não vejo de que forma o seu cuidado poderá adiantar de muito. Como fala pouco, eu pensava que Falador-Noturno fosse um dos últimos a revelar o nome, mas, afinal de contas, foi o primeiro. Imagino que foi o imenso medo que sentiu na noite em que NC perguntou quem estava a chorar que o levou a fazê-lo. Se quero ter o apoio do grupo, tenho de descobrir os seus nomes e conquistar a sua amizade.

— Como te chamas? — pergunto a Cambalhota.

Aperta o saco de juta contra o peito e, hesitante, dá uma olhadela a NC. Pousa-lhe a mão no ombro.

— Gostaria de te chamar pelo teu verdadeiro nome.

Fixa por um instante os pés.

— Chamo-me Sahil — diz, levantando os olhos. — Disseram-me que queria dizer “chefe”.

— Um chefe? Tu? — desata a rir NC. — É o mundo à *oulta*, ao contrário!

— Deixa-o em paz — intervém Dedos-Papudos.

Dir-se-ia que começa timidamente a fazer-lhe frente.

— Prefiro isso a Cambalhota — asseguro-lhe.

— Sahil é um lindo nome — confirma Covinha-no-Queixo. — Eu sou Amar, mas há muito tempo que não me chamam assim.



Dou uma olhadela a Dedos-Papudos, que continua em silêncio, como se nada se passasse à sua volta. Enquanto não me disser para parar, tenho de continuar.

— Amar quer dizer “eterno, para sempre”.

— É verdade, Gopal? Não sabia que tinha um significado. Quero que me chamem Amar — assevera.

Mas logo acrescenta numa voz reduzida a um murmúrio:

— Se o patrão ouvir, vai ficar furioso.

— Nós nunca falamos diante dele — recordo-lhe.

— Tens razão.

— Queres que te conte a história de Amar?

— A que inventaste ou a verdadeira? — pergunta NC.

— O meu pai dizia que eu era malandro e que era por isso que me batia, para eu me portar melhor. Isto só acontecia quando ele voltava para casa com muito mau hálito e a dizer palavrões. Depois ia deitar-se e dormia até o sol o acordar — conta Amar .

— Onde estava a tua mãe? — pergunta Sahil.

— Morreu, quando eu tinha três anos. Tinha uma madrasta que tratava dos meus irmãos e irmãs, que se portavam sempre bem. Pelo menos, era o que ela dizia ao meu pai. Mesmo quando eu era simpático, as coisas corriam mal. Eu nunca fazia nada que estivesse bem.

A sua voz não passa de murmúrio.

— Tu eras um bom rapaz — intervém Dedos-Papudos.

NC, que está a desenrolar o seu saco, para:

— Como sabes?

— Não achas que era demasiado pequeno para saber o que queria dizer ser mau?

NC agita a mão.

— *Accha, accha*, não tenho tempo a perder com explicações que não têm fim. Vamos dormir.

— Há muito tempo que não ouvimos uma história — constata Amar.

Vira-se para mim e pede:

— Gopal, podes contar-nos uma, esta noite? Gostava tanto...

Gostava de poder dizer-lhe que sim. Mas abano a cabeça.

— Por que não? Gostei tanto da última. Gostava de a ouvir outra vez. Por favor!

Interrogo Dedos-Papudos com o olhar, mas ele vira-me as costas. Amar abraça as pernas com os braços, puxa-as contra o peito e pousa a cabeça nos joelhos. Já não lhe vejo a

cara, apenas os ombros arqueados. Parece tão abatido, nesta posição. Quando vou sentar-me a seu lado, levanta os olhos húmidos para mim, com o rosto cheio de esperança.

— Não chores, Amar. Vou contar-te uma história.

Dedos-Papudos e NC podem opor-se e ir fazer queixa a Mercado, mas não me importo.

— A luz não pode ficar acesa; não quero que o patrão, ao ver a fatura da eletricidade, se aperceba de que ficamos acordados até tarde. Ia obrigar-nos a fazer horas extraordinárias — avisa Dedos-Papudos.

Apagamos a lâmpada e colocamo-nos em círculo. Deitado no seu saco, NC é o único que se encontra afastado. Antes de começar, tiro a lanterna do bolso, ligo-a e pouso-a no meio do círculo.

— A minha época preferida eram as férias de verão, porque passava os dias em Matheran. Todas as manhãs, levantava-me às quatro horas, e meia hora depois iniciava a subida até Matheran com a minha mãe. Os meus amigos Mohan e Shiva acompanhavam-nos com as mães deles, e divertíamos-nos muito. Matheran quer dizer “a floresta do alto”, e aquela zona estava coberta de árvores e povoada de pássaros, macacos, serpentes e outros animais. Era uma longa caminhada; demorávamos perto de duas horas a subir a montanha. Chegávamos antes do primeiro comboio, que trazia os viajantes provenientes de Bombaim. O melhor momento da nossa expedição era a partida, quando as estrelas brilhavam no céu e a lua resplandecia como uma flor de oleandro. Quando chegávamos ao cimo, as estrelas e a lua tinham desaparecido e o céu tomara a cor rosada de um grande tamarindo, enquanto o sol surgia atrás das montanhas.

— Que lindo! — suspira Roshan.

— Não o interrompas, *yaar* — protesta Amar.

— Quando o comboio chegava, levávamos as bagagens dos turistas até aos hotéis chiques. Depois, deambulávamos pela zona dos táxis e do estacionamento; os comboios despejavam os turistas a horas fixas, mas os carros e os táxis chegavam durante todo o dia. Para nós, eram boas oportunidades de fazer algum dinheiro.

— Com tanto dinheiro que ganhaste, devias estar rico, Gopal. Esconde-lo nos bolsos, ao lado da lanterna? — espicaça NC.

— Não. Tudo o que ganhava dava-o a Baba e a Aai, que precisavam dele.

— Eras um bom filho — intervém Dedos-Papudos.

Fico tão surpreendido com o seu comentário que até me esqueço do que estava a dizer.

— Si-si-sim — aprova Roshan.

— Estás a ouvir? — pergunto a Sahil, dirigindo para ele o feixe de luz, enquanto retomo o fio à meada.

Diz que sim, num movimento de cabeça.

— Nas tardes de grande calor, ia almoçar com Shiva e Mohan debaixo de um *nimba*, perto do lago Charlotte. Se estivesse mais fresco, instalávamo-nos num rochedo. O lago criado pelo homem e as montanhas criadas por Deus formavam um quadro harmonioso que todos admirávamos. Havia muitos turistas a andar a cavalo, e um dos proprietários do picadeiro era da nossa aldeia. Quando não tinha clientes, deixava-nos montar.

— De que cor eram os cavalos? — pergunta Amar.

— Verdes como os papagaios — replica NC, rindo do seu próprio gracejo.

Os outros calam-se, como se um aluno tivesse tido o atrevimento de interromper o professor quando este explicava algo de importante e interessante.

— Um cavalo era cor de canela e o outro era preto. Prince era o meu preferido. O seu pelo era de um preto brilhante, e tinha uma gota branca entre os olhos. Sentia que gostava muito de mim porque, mal me aproximava, esticava a cabeça como que a saudar-me.

— Porque ouvem essas tolices e mentiras? — questiona NC.

— Se... se as ouvimos, é-é por-porque as mentiras va-valem mais do que a no-nossa rea-realidade. Se-se tiveres melhores, ta-também te ou-ouvimos. Mas até lá, ca-cala a bo-boca — diz Roshan a gaguejar, numa voz incisiva, agudizada pela irritação.

NC fica calado.

— Então, tu gostavas do cavalo preto e ele também gostava de ti, *na*? — pergunta Sahil.

A história agrada-lhe.

— O cavalo preto era o mais meigo e divertido, mas, quando alguma coisa o contrariava, tornava-se carrancudo e ameaçador. Certo dia, quando eu o montava, assustou-se com um ruído e desatou a galopar. Como havia nevoeiro, eu já me via disparado em direção a uma falésia e esmagado no fundo do vale.

Amar inclina-se, com o rosto pousado nas mãos juntas.

— E foi isso que aconteceu?

— Se tivesse acontecido, ele não estava agora aqui para o contar — comentou NC.

— Tentei abrandá-lo e, quando finalmente se acalmou, segredei-lhe ao ouvido que continuava a gostar dele, apesar de me ter pregado um grande susto. Desde então, mostrou-se sempre muito meigo comigo. Quando o montava, sentia o vento no meu cabelo, via a poeira vermelha que ele levantava e as montanhas que me rodeavam. Era maravilhoso. O meu sonho era vir a ter um cavalo como aquele, um dia.

Fecho os olhos e, de repente, lá está Prince a saltitar à minha frente. Até ouço o seu relinchar.

— Continuas a ter esse sonho?

Não sei quem fez a pergunta.

— Sim. Um dia, gostava de ter um cavalo como Prince.

NC levanta-se e vem colocar-se à minha frente.

— Tu, teres um cavalo? Tu estás aqui, dentro desta prisão, a trabalhar como um escravo e a sonhar como um príncipe. E gostas dum cavalo chamado Prince! Os teus sonhos não passam de poeira sob os cascos dum cavalo.

— Nunca sonhei vir parar aqui e, no entanto, foi o que me aconteceu. Quem sabe o que será o futuro?

— O dia de amanhã será como o de hoje: recheado de cola, pérolas e quadros.

— É melhor ter sonhos que possam vir a concretizar-se. Se não tiveres nenhum sonho, então nada mais te resta. Diz lá o que é melhor: ter alguma coisa ou não ter absolutamente nada? — pergunto-lhe.

— Não sei. Nunca tive nada — diz NC em surdina.

— O que queres dizer com isso? Fala-nos da tua família.

NC bate o pé no chão.

— Não tenho nada e tu também não, Gopal. Para de falar de Aai e de Baba. Eles não existem, tal como a tua aldeia e os teus amigos não existem. Tu nunca na vida viste um cavalo. E contas todas essas histórias para te gabares e nos rebaixares, não é? — diz, arrancando-me a lanterna das mãos. — Diz-me que nada disso existe ou desfaço-a contra a parede.

Avanço a mão para lhe tirar a lanterna, mas NC, que é mais alto do que eu, levanta o braço acima da cabeça. O feixe de luz que iluminava o teto começa a vacilar. De repente, alguém agarra na lâmpada e entrega-ma. Deve ser Dedos-Papudos: é o único da altura de NC. São horas de deitar.

Estou triste e furioso, ao mesmo tempo, com o que disse NC, e estes dois sentimentos misturam-se no meu espírito como cores dum berlinde. Sinto tristeza por NC considerar este lugar a sua casa, e por querer agradar a Mercado a todo o custo, apesar da malvadez do nosso patrão.

Estou furioso por me acusar de inventar histórias e de não ter família. Se NC não estivesse aqui, seríamos um verdadeiro grupo.

Acabaram-se as histórias. Todas as noites, Amar faz abanar o dente solto, e lança-me um olhar suplicante. Quer ouvir *kahanis*, mas nada posso fazer. Todos apreciávamos esses serões, exceto NC. Creio que até Dedos-Papudos tem saudades desses momentos, mas não o manifestará enquanto NC se mostrar contra.

Um dia, Mercado manda NC descer para o ajudar a embalar os quadros. É a primeira vez que o faz desde que estou aqui. Quererá isto dizer que NC é o encarregado daqui em diante? Será que contou algum dos nossos segredos a Mercado? Tenho as minhas dúvidas.

Os frutos oblongos do *nimba* ficaram amarelos, e preciso de aproveitar a ausência de NC para os colher. Levanto-me, passo as mãos pelas grades, e colho o mais que posso.

— Quem quer provar? — pergunto em surdina.

Todos querem. Apesar de muitos frutos ficarem fora do meu alcance por causa das grades, consigo colher um bom punhado para cada um.

— Despacha-te a comer! — murmura Dedos-Papudos para Amar.

— Não posso mastigar mais rápido do que isto. Os frutos são amargos e prendem-me a boca.

O seu comentário faz-nos rir.

— Eu sei, Amar — concordo. — Mas a minha Aai diz que os *nimbas* evitam as doenças e fazem bem à saúde.

— A tua Aai sabe muitas coisas. Podes contar-nos outra história das dela, por favor?

— NC não gosta delas.

— Quem é NC? — pergunta Dedos-Papudos, que não estava presente quando NC se recusou a revelar o nome.

— O que desceu agora chama-se Nuvem-Cinzenta — diz Amar. — Não é?

— É.

— Só-só ele é que não gosta dos *kahanis* — protesta Roshan.

— Sim, mas... — começa Dedos-Papudos.

— E se fizéssemos uma votação? — sugiro de repente.

Sahil para de se balancear e de trabalhar, e pergunta:

— O que é isso?

— É quando se pergunta a cada um o que pretende. Depois faz-se o que a maioria aprovou. Se NC for o chefe, de certeza que não está de acordo. Mas acho que devemos experimentar.

— Não é pelo facto de Marcado ter chamado hoje NC para o ajudar que ele passa a ser o chefe — diz Dedos-Papudos.

Mordo o lábio, arrependido de ter sugerido que NC tinha passado a chefe.

— Desculpa — digo.

— Vamos votar esta noite — propõe Amar com um sorriso rasgado.

Dedos-Papudos lança-me um olhar severo.

— Isso significa aliarmo-nos contra NC, o que não me agrada.

Não me esqueci de que ele e NC me trataram muito mal quando cheguei. Contudo, este não é o momento de lho recordar.

— Se NC concordar, não haverá problema — digo.

Depois desta conversa em surdina, Amar tem dificuldade em manter-se quieto. Agita-se com tanta impaciência depois do regresso de NC, que este lhe diz para se acalmar. Sempre que os nossos olhares se cruzam, Amar agradece-me com um sorriso tal que até parece que lhe prometi uma visita à feira.

— Temos direito a uma *kahan*? — pergunta Amar, quando estende o saco no chão nessa noite.

Espero pela oposição de NC, mas este limita-se a ignorar a pergunta.

— Roshan, contas-nos uma história?

— Eu-eu-eu não sei, e não sou capaz de in-inventar. Se-se não, contar-vos-ia que ando todos os dias de e-e –elefante — diz ele a rir.

— Não tem importância. Conta-nos a tua própria história — sugere Dedos-Papudos.

Roshan inspira várias vezes, o que parece ajudá-lo a não gaguejar tanto.

— Tenho oito irmãos e irmãs, e sou o terceiro. Os me-meus pais não tinham muito dinheiro, mas vivíamos junto de uma floresta onde encontrávamos a maior parte das coisas de que precisávamos. De-desde os seis anos que acompanhava as minhas irmãs na ida à floresta. Co-colhíamos frutos, apanhávamos lenha para o lume e até plantas medicinais. Aquilo de que-que mais gostava era apanhar bagas de acácia selvagem, amarelas como ouro e um pouco adocicadas. Não ficavam muito longe de casa, e eu enchia a barriga com quantas queria. Quando já estava saciado, enchia os bol-bolsos para levar bagas para os meus irmãos e irmãs.

De repente, vejo-me a colher bagas, juntamente com Mohan e Shiva.

— Quan-quando estava calor, as minhas irmãs protegiam a cabeça com lenços e também me punham um. A folhagem das acácias oferecia um pouco de frescura, e por vezes eu até adormecia junto de uma.

— Com centenas de leques por cima de ti — murmura Sahil.

NC faz troça.

— *Bakvas bandh kero!* Parem de dizer o que vos vem à cabeça, Koshan e Sahil!

— Eu s-só dig-o-o a verdade. E a verdade é que ia apanhar bagas de acácia selvagem com as minhas irmãs — insiste Roshan, como se recusasse que NC lhe arranque as lembranças queridas da memória.

— Não gosto das acácias. Têm espinhos — afirma NC.

— Como é que vieste ter aqui? — pergunto a Roshan.

Não responde de imediato.

— T-Tinha cerca de oito anos quando abateram muitas árvores para abrirem uma estrada. No lugar da floresta, surgiram lojas, edifícios e casas. Era preciso comprar comida no mercado, mas nós, o povo da floresta, não tínhamos dinheiro. Um dia, apareceram por lá umas pessoas com um me-me-megafone para nos dizem que iam arranjar trabalho bem pago na grande cidade. O me-me-meu Baba perguntou-lhes quanto eu poderia ganhar e eles responderam:

— O te-teu filho ganhará o suficiente para alimentar toda a família, e ainda poderá ir à escola, além de visitar a cidade.

— Mas tu não ganhas um cêntimo, não vais à escola, e nada viste da cidade — constata Dedos-Papudos. — Como todos nós, aliás.

— Mercado envia o di-di-dinheiro que ganho à minha família.

— Isso é uma mentira que não o patrão nos conta — explica NC.

— O que-que-queres dizer com isso?

— Depois de ele descontar a tua comida e dormida, julgas que fica alguma coisa para mandar aos teus pais?

Sei que NC tem razão. Mercado tinha prometido que eu ganharia tanto como os outros, mas, tal como eles, nunca recebi a mais pequena rupia.

Roshan suspira.

— Talvez o patrão esteja a guardar o dinheiro todo para ele, mas as pessoas que me trouxeram para a cidade deram algum ao meu Baba, e disseram-lhe que, mais tarde, lhe enviariam mais. Mandaram-me subir para um camião com outros rapazes e, ao fim de alguns dias, dei por mim num lugar onde faziam roupa.

— Sabes coser? — pergunta Dedos-Papudos.

— Só co-cosíamos botões, cen-centenas de botões. Um dia, avisaram o dono de que a polícia ia fazer uma rusga, e ele transferiu-nos imediatamente. Éramos cinco, mas não sei para onde foram os outros. A única coisa que sei é que vim parar aqui.

— Tens saudades deles, *na?* — pergunta Sahil.

— N-n-não. Nunca fomos amigos.

Amar encosta-se a ele:

— Mas tu és nosso amigo, não és?

Ficamos à espera, suspensos dos seus lábios:

— Sim, sou vosso amigo.

Para minha surpresa, não gagueja ao dizer isto.

— Meu amigo não és — atira-lhe NC.

— Mesmo assim, sou teu amigo.

— Porquê?

— É melhor do que ter-te como inimigo.

— Tens medo de mim, não tens?

A malvadez de NC é um desafio permanente para nós, porque faz com que ele nos crie problemas para ficar bem visto perante Marcado. Apetecia-me apontar-lhe o feixe de luz à cara, mas contenho-me.

— Tu não me metes medo, tu és um dos nossos — diz, lenta e claramente, Roshan.

— Eu não faço parte do vosso círculo.

— Fazes, porque ouves as nossas *kahanis* — insiste Sahil.

— É mentira.

— Tu comenta-las e critica-las, *na?*

— Não posso tapar os ouvidos nem sair do compartimento quando começam a contar as vossas histórias, não achas?

Aproveito a oportunidade para tomar a palavra.

— É assim tão grave partilhar histórias? Nós vivemos, trabalhamos e comemos juntos. Então, porque não partilhar também *kahanis*?

— As minhas histórias guardo-as para mim. Não quero que ninguém as vá contar ao patrão.

— Eu nunca faria uma coisa dessas, *yaar* — defende-se Amar.

— Tu és demasiado novo para saber o que te convém. Põe-te à margem disso, ou ainda vais ter chatices com o patrão — replica NC.

— Se denunciasses Amar ou qualquer outro de nós ao patrão, talvez ele te dê um pouco mais de chá ou uma colherada de arroz, mas nada mais. Quando dirigir os seus favores para outro, chegará a tua vez de seres privado de comida — digo-lhe.

— Temos de nos unir — declara Sahil.



Desta vez não acrescenta “*sacch na?*”, porque se sente seguro de si. Todos se calam e é Amar quem rompe o silêncio.

— Somos como uma família. Podes contar-nos mais coisas sobre os teus irmãos e irmãs, Roshan?

Amar é inocente e confiante, como Naren. Fez bem pedir a Roshan para continuar com a sua história, porque isso ajuda a quebrar a tensão.

— Além do que já vos contei, não tenho muitas recordações das minhas duas irmãs. Começaram a trabalhar quando eu ainda era pequeno. Saíam de casa antes do sol nascer e só voltavam à noite. O meu irmão mais novo não andava bem e nunca largava a minha Aai. Não posso dizer que conheci os meus outros irmãos: eram ainda bebés.

— Mas disseste que eram oito: só conto seis até agora — observo.

— És bom a matemática — admira-se Amar. — Se um dia ganhar muito dinheiro, és tu que me vais fazer as contas.

— Tu não vais ganhar nada. Nem agora nem nunca. E nós também não — remata NC. Felizmente que Amar não ouviu o seu comentário.

— Os m-m-meus irmãos mo-mo-morreram antes de terem um ano. Ma-ma-mal me lembro deles.

Amar começa:

— Mas *yaar*, como é que não te lembras...

— Pa-pa-para de me chamar *yaar* e para de me aborrecer! — exclama Roshan. — Não sou t-t-teu...

E desata a chorar.

— Basta de histórias! — decreta NC. — Não interessam a ninguém e fazem-nos perder tempo. Até aqui passávamos muito bem sem elas. Se não pararem de as contar, falo ao patrão da lanterna de Gopal, e digo-lhe que ficam acordados até tarde para contarem *kahanis*.

— Se repetires os nossos segredos, nós ...

Sahil não é capaz de acabar a frase e Amar mete a cabeça entre as mãos.

— Acabaram-se as histórias, ouviram? — repete NC num tom triunfante.

— Basta de discussões. Todos para a cama! — ordena Dedos-Papudos.

Pego na lanterna de bolso e apago-a. O serão acabou e cada um se deita no seu saco. Os soluços abafados de Roshan ecoam ainda no compartimento depois de termos esticado longamente os braços e pernas. O luar filtrado através das grades da janela permite-me ver Amar a afagar-lhe o cabelo.

— A minha Aai esfregava-me o cabelo com óleo — murmura Sahil. — Só que eu não lhe chamava Aai.

É a primeira vez que Sahil evoca a mãe. Se me disser como a tratava, talvez descubra donde vem.

— Como é que lhe chamavas? — pergunto-lhe baixinho.

— Maa. Estava sempre com ela na nossa loja, que cheirava a pimenta e a curcuma.

Sahil não só se lembra da mãe, como da loja que tinham. A família dele devia ter mais dinheiro do que a minha.

— E quando foi isso?

— Eu era mais novo do que Amar nessa altura — explica.

Depois de uns momentos de silêncio, acrescenta:

— Ela tinha uma trança comprida, escura e grossa. Recordo-me de que os seus cabelos eram mais escuros do que os meus, porque eu dizia, “Maa, olha como os teus cabelos são escuros”.

Afago-lhe a mão.

— E o teu Baba?

Sacode a cabeça e vira-me as costas. Devia ter escutado sem interromper. Como terá vindo parar aqui? Onde estará a sua família? Sahil respira ruidosamente. Agora que evocou o passado, vai talvez sonhar com a casa e com a mãe. E, da próxima vez, talvez nos conte um pouco mais.

*Temos de dar as mãos uns aos outros. Somos como uma família.* As palavras de Sahil e de Amar ecoam na minha cabeça. Vivemos juntos e estamos ligados uns aos outros pelo trabalho e pela prisão, mas também através das histórias e das emoções que partilhamos. Se formos capazes de nos reconfortarmos mutuamente, é porque formamos uma família. Contudo, depois das ameaças de NC, receio que não tenhamos mais oportunidades de partilhar as nossas histórias.

Viro-me de costas para Sahil. Com as pálpebras fechadas, esforço-me por visualizar o rosto arredondado de Aai, mas não consigo obter uma imagem nítida. Como não quero que NC me ouça chorar, meto uma ponta de tecido grosso e áspero na boca para abafar os soluços. Mas nada posso fazer contra a dor que me destrói o coração; é como se fizesse *murga*. Para sempre.

De repente, eis-me a caminhar em direção ao lago, atrás de Mohan e de Shiva. É a estação da monção e a paisagem à nossa volta é tão verde como a plumagem de um papagaio. A terra exala um cheiro forte. Tento tocar nos meus amigos, mas sinto que

qualquer coisa invisível me segura as mãos. Quero falar, mas as palavras ficam retidas no fundo da garganta. Mexo as pernas, mas não consigo aproximar-me deles. Passa-se algo de estranho, pois não consigo dizer o que quero, nem ir onde desejo. ,

Mohan e Shiva desvanecem-se, e são substituídos por Dedos-Papudos, Amar, Sahil, Roshan e NC, que conversam entre si como se eu não existisse. Agito freneticamente os braços e as pernas, tentando emitir um som. O meu grito acorda-me.

## 21

À luz da manhã, fixo os olhos no tronco do *nimba*, e no buraco deixado pelo vento quando quebrou o ramo. Aquele buraco assemelha-se ao vazio que ocupa o meu coração desde que fui separado da minha família.

Com o intuito de nos vigiar melhor, Mercado chega cedo e só sai quando o relógio bate as oito. Num dia de trabalho particularmente árduo, vem espreitar-nos para confirmar que estamos a trabalhar bem, e vê-se rodeado por uma nuvem de mosquitos, que vai matando como pode.

— Temos mais uma grande encomenda — anuncia, abrindo os braços.

— Por que motivo há mais mosquitos aqui do que lá em baixo? — pergunta, como se tivéssemos sido nós a convidá-los.

Aguentamo-los há tanto tempo que acabámos por nos habituar.

— Acho que sobem durante a noite — explico.

— Não vos devem deixar trabalhar muito rapidamente. O que se há de fazer?

Como nenhum de nós faz a menor ideia, Mercado responde à sua própria pergunta.

— Amanhã vou trazer uma bomba de pesticida.

Tal como nos dizia o Senhor Advale, alguns inseticidas são muito perigosos. Não quero que Mercado traga para aqui alguma coisa que nos faça mal, e tenho de encontrar a melhor maneira de o dissuadir.

— É preciso pulverizar todos os dias para ser eficaz. Isso vai custar-lhe uma fortuna — previno-o.

— Tens alguma ideia melhor, já que és tão esperto? — pergunta, franzindo os olhos.

— Alguns ramos frescos de *nimba* dentro de um balde e um ventilador conseguem afastar os mosquitos.

Mercado fixa os olhos na árvore.

— Essa é uma boa ideia, mas o problema é que é preciso pagar o ventilador.

— Se comprar um usado, fica mais barato do que uma bomba de inseticida — digo, com medo de que nos mande fazer horas suplementares.

No dia seguinte, Marcado traz uma ventoinha velha, com um botão partido, e palas amarelecidas e cobertas de gordura. Traz também um balde cheio de ramos de *nimba*. Os frutos maduros e carnudos fazem-me crescer água na boca.

— Só usam a ventoinha quando não aguentarem os mosquitos. À noite, desligam-na, pois não tenciono gastar o meu lucro em eletricidade — adverte Marcado.

É agradável trabalhar com uma ventoinha, embora velha e ruidosa. O perfume do *nimba* espalha-se pelo compartimento. Mal a desligamos, regressa logo o cheiro a cola.

À noite, colho os frutos e todos comemos, exceto NC. Amar, Dedos-Papudos e Sahil preferem os amarelos, mais maduros e menos amargos. Roshan é o único a apreciar, como eu, os que estão ainda meio-verdes.

Agora que temos a ventoinha, Marcado quer que trabalhemos uma hora mais por dia e decidimos reparti-la entre a manhã e a noite: levantamo-nos meia hora mais cedo e deitamo-nos meia hora mais tarde. Tenho a nuca sempre comprimida e, apesar de me esticar, o mal-estar que sinto não abranda.

Os nossos dias assemelham-se a uma vereda mil vezes calcada, tristes e repetitivos. Desde as ameaças de NC que não partilhámos mais as nossas histórias. A única novidade é a dor que sinto nos cotovelos, nos joelhos e nos ombros. Enquanto no início só pensava na minha fuga e na melhor forma de enganar Marcado, isso agora é-me indiferente.

O que sei é que é difícil adormecer com o espírito agitado e o corpo martirizado. E que me custa muito acordar.

Esta manhã, o sol brilha, resplandecente, e Marcado chega a tremer. Liga logo a televisão para poder ouvir os festejos de Ganesh, que se celebram no final do mês de agosto. Recordo-me de que, no ano passado, fomos todos ouvir o sacerdote cantar no templo da aldeia. Levámos flores de hibisco vermelho e alguns grãos de arroz como oferenda, e o sacerdote deu-nos pastéis, pedaços de noz de coco, e rebuçados de açúcar.

Lembro-me de uma história do deus Ganesh que Aai me contava. Um dia, Ganesh e o irmão, Kartikeya, começaram a discutir sobre qual dos dois era o mais sensato. Como não conseguiam chegar a acordo, foram ter com os pais, que moravam no Monte Kailash, nos Himalaias. O deus Shiva e a deusa Parvati mandaram-nos dar a volta ao mundo, e disseram que o primeiro a chegar ao ponto de partida seria o mais sábio. O deus Kartikeya montou imediatamente no seu pavão, enquanto Ganesh descreveu um círculo à volta dos pais. Depois disto, fez uma vénia e disse:

— Cheguei.

Shiva disse:

— Mas, meu filho, tu não deste a volta ao mundo.

— Pois não, mas dei a volta em torno dos meus pais, que a meus olhos representam todo o universo.

O deus Shiva e a deusa Parvati reconheceram, então, que Ganesh era o mais sábio. Aai dizia que Ganesh é o deus da sabedoria, da inteligência e da prosperidade. Talvez ele me ajude se lhe dirigir algumas orações. Todavia, quando as festividades chegam ao fim, continuo no mesmo lugar.

## 22

A monção acalmou e deu lugar a uma chuva miúda. Dentro de algumas semanas, a estação vai mudar. Para mim, contudo, nada mudará. Estou aqui há quase três meses, e a cada dia que passa, sinto-me mais prisioneiro deste lugar.

Ao almoço, Mercado dá-nos couve com *da/* e arroz, mas Sahil não toca na comida.

— O que se passa? Estás a fazer greve de fome, ou é a ementa que não te agrada? — pergunta Mercado num tom brusco.

— Não me sinto bem — responde Sahil sem tirar os olhos do chão.

— Pareces-me muito bem! — riposta Mercado. — Não julgues que me enganas!

Sahil não levanta a cabeça.

— Se não queres comer, vai trabalhar, imbecil.

Sahil dirige-se para a escada e vejo-o cambalear.

— Despacha-te! — grita Mercado.

Apetecia-me dar algumas bofetadas a Mercado por causa da sua total indiferença. Sahil está aqui há tanto tempo que já deve ter feito centenas de quadros. Agora que está doente, Mercado é incapaz de mostrar a menor compaixão por ele. Estou tão indignado que até me custa engolir a comida.

Quando volto para o andar de cima, fico atento a Sahil que, durante a tarde, começa a ficar com a cara vermelha.

— Parece que Sahil está com febre. Tem de descansar — digo baixinho a Dedos-Papudos.

Este abana a cabeça e continua a trabalhar.

— Nem pensar — comenta.

— Olha para ele — insisto, num tom de voz mais elevado.

Toda a gente levantou a cabeça.

— Se o patrão cá vem acima, apanhamos todos uma boa reprimenda — diz Dedos-Papudos, depois de lançar uma olhadela a Sahil.

— E se piora? E se mais algum de nós fica doente? E se adoecemos todos?

NC diz:

— Eu fico atento o patrão. Vamos deixar Sahil descansar.

Esta oferta de ajuda nem parece dele. Talvez esteja desagradado com o comportamento de Mercado em relação a Sahil, ou então tem medo de apanhar uma doença. O que importa é que se proponha ajudar Sahil.

— Fecha os olhos e faz uma pausa — aconselha Dedos-Papudos a Sahil.

— Vou ficar atrasado, *na*?

— Vamos repartir por nós o teu trabalho — digo, para o acalmar.

— Bo-boia ideia — aprova Roshan.

De cabeça apoiada contra a parede, Sahil fecha os olhos. Estaria melhor deitado, mas, enquanto Mercado não for embora, é demasiado arriscado fazê-lo. Trabalhamos com um tal frenesim que não damos pela sua chegada.

— O que estás a fazer tão perto da escada? — pergunta a NC.

Roshan dá um salto para esconder Sahil, e dar-lhe tempo fingir que trabalha. Contudo, ao sentar-se, vira a bandeja, e as pérolas espalham-se por todo o compartimento.

— Seu desajeitado! Olha o que fizeste! Anda cá! — ordena-lhe Mercado.

Roshan aproxima-se e Mercado prega-lhe uma violenta bofetada na face direita. Com os lábios a tremer e lágrimas nos olhos, Roshan baixa-se para apanhar as pérolas.

— Hoje vou embora mais cedo — anuncia Mercado. — Deixo ficar pão e pickles na cozinha e a escada no sítio. Mas, depois de jantar, ninguém desce. Ouviram, seus bandidos? — pergunta.

Em seguida, aponta para Roshan e sentencia:

— Aquele vai trabalhar uma hora mais para aprender a não ser desastrado.

— Fique descansado — sossega-o Dedos-Papudos com uma voz tão débil que Mercado fica a olhar para ele.

Quando Mercado sai, estendo o saco de Sahil no chão e preparo-lhe a cama.

— Tem de tomar algum medicamento para fazer baixar a febre — digo em voz alta.

— E onde o vamos arranjar? — pergunta Dedos-Papudos.

Sahil está deitado, de olhos fechados.

— Pelo menos, temos de lhe pôr toalhas húmidas na testa — resmungo.

Vou lá abaixo encher o meu copo de água e junto-lhe sal, tal como vi Aai fazer quando Naren estava doente. Quando regresso, peço que me arranjam um pano, e Dedos-Papudos entrega-me a sua segunda camisa.

— Se usarmos as toalhas, não vão secar até amanhã de manhã e o patrão vai desconfiar — explica.

É uma camisa escocesa de mangas compridas que ele deve usar no inverno. Mergulho uma manga na água e torço-a antes de a colocar na testa de Sahil. Ao fim de alguns minutos, repito a operação com a outra manga.

— Gopal, vais atrasar o teu trabalho — alerta-me Dedos-Papudos.

— Vamos deixá-lo tratar de Sahil. Fazemos nós um pouco mais de serão — intervém NC.

Olho para ele, incrédulo. NC é egoísta por natureza. Se está a colaborar connosco, é porque tem medo de apanhar a doença de Sahil. Passado o perigo, voltará a ser o mesmo.

Ao fim de meia hora, graças à água salgada e fresca, a febre de Sahil parece baixar um pouco, sem, no entanto, desaparecer.

— Achas que o patrão tem medicamentos guardados? — pergunto a Dedos-Papudos.

— Vamos ver lá em baixo, junto do banco de madeira, porque me recordo de o ver tomar um comprimido para a dor de cabeça.

Esquadrinhamos tudo, mas não encontramos qualquer medicamento. Furiosos pelo facto de Mercado não ter sequer dado um comprimido a Sahil, dou um murro no banco:

— Odeio Mercado. Odeio-o! — grito.

De olhos esbugalhados, Dedos-Papudos afasta a mecha de cabelo.

— Quem é Mercado?

Sustenho a respiração, mas Dedos-Papudos exhibe um sorriso de orelha a orelha.

— Gosto desse nome. Assenta-lhe que nem uma luva.

— Não quero que isto chegue aos ouvidos de NC.

— Não te preocupes. Ele está do nosso lado.

Que quererá dizer com esta afirmação? Eu nem sequer tenho a certeza de que o próprio Dedos-Papudos esteja do nosso lado.

— Não confio nele. Ameaçou-me e proibiu-nos de contarmos histórias.

— É certo, mas nunca falou ao patrão da tua lanterna de bolso — disse, olhando-me nos olhos. — Tu não o conheces como eu. Quando aqui cheguei, era lento. O patrão zangava-se comigo e queria mandar-me para uma fábrica de fogo-de-artifício, um sítio muito

perigoso. NC ajudou-me a que isso nunca acontecesse. Quando o patrão soube, deu-lhe uma sova valente.

— Mas tu agora és muito rápido.

— Podes acreditar em mim. NC salvou-me, e isso custou-lhe alguns dentes. Mas fica descansado, que não lhe direi nada. O que vamos fazer por Sahil?

— Temos de esperar que a febre baixe sem medicamento — digo.

Roshan está a alimentar Sahil com os frutos e as folhas de *nimba* que colheu.

— Tem mesmo de ser? — protesta Sahil.

Roshan encoraja-o com um sorriso.

— Sim. Só mais um bocadinho.

— Julgas que ele é uma cabra? — pergunta Dedos-Papudos, indignado.

— Fica tranquilo. A minha Aai dava-nos o mesmo quando estávamos doentes — informo-o.

Instalamos as nossas camas, enquanto Sahil acaba de mastigar as folhas tenras e amargas, sempre a fazer caretas.

— Se ao menos pudéssemos contar histórias — suspira Amar.

Sahil abre os olhos.

— Uma história ia fazer-me bem, e até me ajudava a esquecer este gosto horrroso, *na?*

Todos os olhares se dirigem para NC.

— Se isso não nos fizer baixar o ritmo de trabalho — diz ele, encolhendo os ombros.

— Não — intervém Dedos-Papudos. — A história vai fazer-nos trabalhar mais devagar, e ainda temos de fazer o trabalho de Sahil.

— Podemos deitar-nos um pouco mais tarde — sugere NC.

— Queres contar-nos uma história, Gopal, por favor? — pede Amar.

Não desligamos a lâmpada, não acendemos a lanterna, e continuamos a colar as pérolas durante o serão, para não nos atrasarmos. Conto-lhes a história de Gigante, o touro que tinha de fazer girar a nora de madrugada. Preguiçoso como era, capturou seis vitelos para realizarem a tarefa em seu lugar. É uma história que nunca ouvi, e que vou inventando à medida que vou contando.

— Penso que...

— Cala-te. Quero ouvir a história — diz Dedos-Papudos a NC.

— *Suna*, conta, Gopal.



*Gigante obriga os vitelos a empurrar a roda durante o dia inteiro, batendo-lhes quando param para descansar, e dando-lhes só o feno necessário para poderem trabalhar.*

- E também os obriga a tra-trabalhar durante a noite? — quer saber Roshan.
- Não. De noite deixa-os dormir, para poderem trabalhar no dia seguinte.
- Po-porque não aproveitam a noite para fugir?
- Porque Gigante os deixa presos à manjedoura.
- Coitados — suspira Amar.

*Um dia, um dos vitelos recusa-se a obedecer a Gigante. Fica parado e manifesta a sua fúria. Gigante chicoteia-o. Naquela noite, os outros vitelos tratam do ferido e organizam um plano de fuga, que só poderá ser posto em prática quando o vitelo magoado ficar bem.*

- Oxalá consigam fugir — diz Sahil.

*Uns dias depois, todos fingem estar doentes. Gigante pensa que foram atingidos por uma misteriosa maldição, e evita aproximar-se deles. Nessa noite não os prende, e eles aproveitam para fugir.*

— Os vitelos voltam para a família ou continuam juntos? — pergunta Amar quando a história acabou.

Não sei que resposta lhe dar, pois não esperava por aquela pergunta.

— O que te parece? — sugiro.

— Eu acho que voltam para as suas famílias, mas que continuam amigos.

— É um fim bonito.

— E se algum deles não tiver família? — pergunta NC.

— Imagino que seja acolhido pela família de um dos seus amigos.

NC fixa o olhar no teto. Encolhido sob o peso da tristeza, pega numa pérola violeta que cola no quadro.

Enquanto arrumamos os tabuleiros, Sahil põe-se a tartamudear:

— Tínhamos muitas cabras e três camelos. E o meu pai era dono de uma loja.

Tem os olhos fechados, como se estivesse a sonhar com a infância.

— O que aconteceu a essas cabras e a esses camelos?

— Não sei — diz, tapando o rosto com as mãos. — Um dia, quando eu estava na escola, a terra começou a tremer e o edifício ruiu. Enquanto fugia, vi-me preso na areia.

Refere-se a um tremor de terra e a uma tempestade de areia. Deve vir da zona desértica do Gujarat ou do Rajastão, onde há areia e camelos.

— Eras bom rapaz ou eras como eu? — pergunta-lhe Amar. — A minha madrasta estava sempre a dizer que eu era mau.

— A tua madrasta mentia — intervém Dedos-Papudos. — Sei que é uma mentirosa.

Amar levanta a cabeça:

— Como sabes?

Ficamos todos suspensos dos lábios de Dedos-Papudos, que franze o sobrolho.

— Amar, tu e eu vimos da mesma cidade. As nossas mães eram irmãs — acaba por revelar, depois de um curto instante de hesitação.

Tapo a boca com a mão.

— A minha verdadeira mãe?

— Sim.

— Então, tu e eu somos primos?

— Sim, somos primos direitos.

— A sério?

— Sim, *pakka*, a sério. Eu brincava contigo quando só tinhas a altura desta janela. Como não conseguias pronunciar o meu nome, Barish, chamavas-me Ish. Não te recordas?

Fico arrepiado. Afinal, Dedos-Papudos, ou seja, Barish, conhece Amar desde pequeno. Quando Amar chegou aqui, deve tê-lo reconhecido imediatamente. Como é que fez para manter este segredo durante tanto tempo?

— Quando o teu Baba se pôs a bater na tua mãe, deixei de ir a vossa casa — continua Barish.

— Não! — exclama Amar, levantando-se de um salto. — Não digas isso do meu Baba!

— É verdade. O teu Baba embebedava-se uma vez por semana, no dia em que recebia.

Amar dá um murro a Barish, que lhe segura a mão.

— Não me batas por te dizer a verdade.

Amar desata a chorar e Sahil estende-lhe a mão.

— Vem sentar-te.

— Cheguei na primavera passada. Porque não me disseste nada naquela altura? — pergunta Amar entre soluços.

— Não queria que o patrão soubesse.

— Então porque mo dizes agora? Porquê?

— As histórias que os outros contaram levaram-me a recordar. Procurei manter tudo em segredo, mas hoje não fui capaz. Precisava de to dizer.

— E o que vai fazer o patrão se souber? — pergunto.

NC responde:

— Livra-se de um dos dois, pois não gosta que membros da mesma família trabalhem juntos. Podiam unir-se contra ele e criar-lhe problemas. Barish sabe-o bem, não é verdade?

— Não falemos disso — pede Dedos-Papudos.

— Não fui eu que inventei essa regra, mas imagino que a conheces tão bem como eu.

— Sei isso muito bem — suspira Barish numa voz trémula, como se NC acabasse de lhe deitar um balde de água gelada na cabeça.

— Tu chamas-te Barish, ou seja, “chuva”. Não admira que nunca quisesses revelá-lo! — diz NC a rir.

Em vez de se irritar com NC, Barish desata a rir.

— Na noite em que nasci, chovia tanto que logo me chamaram Barish.

Sorrio e até Amar se ri. Agora já conhecemos os nossos verdadeiros nomes, menos o de NC. Será que algum dia o vai revelar? Oxalá não atraia Barish e Amar, revelando a Marcado o seu parentesco. Devem ter sido trazidos pela mesma pessoa. O que quer dizer que Jatin pode trazer os gémeos para aqui. Ou, pior ainda, levá-los para outro lugar qualquer. Contudo, neste momento, tenho de me concentrar nos problemas reais e pôr de lado os hipotéticos.

Naquela noite, Barish fica a vigiar Sahil. Quando abro os olhos de manhã, vejo que Roshan o substituiu, e pergunto-lhe porque não me acordou.

— Não era preciso — responde-me com um sorriso.

— Se ao menos pudéssemos contar histórias enquanto trabalhamos — suspira Amar.

Marcado ainda não chegou, o que é bom. Assim, podemos conversar e o tempo passa mais depressa. Mas oxalá não demore demasiado, porque precisamos de tomar o nosso chá.

— Podemos conversar enquanto o patrão não chegar — aprova NC.

— E depois continuamos, mas baixinho.

— Não. Se o patrão se dá conta de que perdemos tempo a falar, amordaça-nos.

Aterrorizado, Amar tem um movimento de recuo.

— Não te preocupes, ele nunca fez isso — sossega-o Dedos-Papudos.

— Não sejas ingénuo, *bindaas*. O meu antigo patrão amordaçou-me com farrapos velhos cheios de óleo. E olha que não tem piada nenhuma ser abafado com um tecido a cheirar mal — diz NC, com o olhar cinzento velado de tristeza.

— Acho... — começa Barish.

NC corta-lhe a palavra.

— Nenhum de vocês sofreu como eu, e não fazem ideia da crueldade de que é capaz um patrão como ele. Esperem até que alguma coisa não corra bem e logo cairão sobre nós bofetadas, pontapés, chicotadas e privações. O patrão não sentiu qualquer compaixão por Sahil, que está doente e que trabalha para ele há muito tempo. Não se mostrará mais meigo com Amar, só porque é o mais novo, nem contigo por seres o chefe. Ele próprio tem de prestar contas a um patrão e, se as coisas não correrem bem, não hesitará em culpar-nos e castigar-nos. O que pensam que teria acontecido se não tivéssemos protegido os caixotes com os quadros no dia da tempestade?

— Mas Sahil e eu fomos castigados.

— Eu não devia ter falado mal de ti. Desculpa — diz NC, baixando a cabeça.

— Mentiste! — protesta Sahil. — A ideia era de Gopal e ele não ganhou nada com isso.

Evito olhar para NC, com medo de ver raiva nos seus olhos, e prefiro escutar o que tem para dizer.

— Pensei que o patrão ficasse furioso comigo por ter sido um novo a ter aquela ideia, e não eu. Tive medo de ser castigado. Lamento.

A chave gira na fechadura e a porta abre-se de rompante. Calamo-nos todos e concentramo-nos no trabalho. Marcado dá corda ao relógio e depois bate palmas para nos chamar. Sou o último a descer, atrás de Sahil.

— Continuas a fingir que estás doente? — pergunta a Sahil, aos gritos. — Tens de ganhar o dinheiro que gasto com a tua alimentação.

Será que não vê os olhos vermelhos de Sahil, o seu rosto febril?

— Ficaré melhor se lhe der um medicamento — atrevo-me a aconselhar.

— E quem paga esse medicamento, *tera baap*? Isto não é um dispensário!

Tenho de o convencer a tratá-lo, porque só um medicamento fará baixar rapidamente a febre.

— Alguns comprimidos bastarão para o pôr de pé — digo, relutante quanto à sua reação.

— Manteve o ritmo de trabalho?

— Sim — responde Barish.

Marcado semicerra os olhos e franze o sobrolho.

— Bem. Vou dar-lhe um medicamento.

— *Thank you* — diz Amar.

Marcado olha para ele.

— Primeiro, o novo que quer que eu compre comprimidos para o doente, e agora o miúdo agradece-me em inglês. O que é que se passa aqui? — pergunta, puxando a orelha de Barish.

Barish vai ter que dar voltas à cabeça para arranjar uma explicação plausível que afaste a desconfiança do Mercado.

— Nada, patrão — intervém NC. — O novo tem medo de também ficar doente.

Mercado larga a orelha de Barish e volta-se para NC.

— A tarefa de vocês dois é zelarem pelos meus interesses, perceberam?

— Sim — respondem em uníssono Barish e NC.

De repente, ouvimos uma ária conhecida. Olhamos à nossa volta. Exibindo um sorriso tão gordo como ele, Mercado tira do bolso um minúsculo telefone.

— Está? Está? — grita para o aparelho, como se a pessoa do outro lado fosse surda. — Está bem, patrão. Os quadros estão prontos. Levo-lhos mal os tenha embalados. Imediatamente. Tem razão. Não podemos deixar que fiquem todos doentes. Vou mandar um dos garotos comprar.

Quando acaba o telefonema, carrega na tecla vermelha do telefone e vira-se para mim.

— Gopal, és bom a matemática?

Meio atordoado, limito-me a acenar com a cabeça.

— Vai à farmácia comprar um medicamento para ele.

O meu corpo treme de excitação, mas o meu entusiasmo é de curta duração.

— Acompanha Gopal — diz Mercado a NC.

NC põe-se de pé.

— Pode contar comigo, patrão.

Mercado aperta-me o ombro com tanta força que a dor se espalha pelo braço.

— Ouve bem o que te digo. Se tentares fugir, arranco-te a pele das costas. Se te escapares, volto a trazer-te para aqui, dou-te um corretivo e ficas sem comer. Que não te passe pela cabeça pedires ajuda. A cidade é enorme, e ninguém tem tempo a perder com um catraio como tu. Se te atreveres a desobedecer-me, não és só tu a pagar, mas também a tua família.

Sinto o peso do seu olhar sobre mim.

— Estás esclarecido?

Consigo articular:

— Sim.

— Dou-vos vinte minutos: quinze para ir e vir e cinco para comprar os medicamentos. Se demorarem mais do que isso, terão direito a uma valente tarefa e ficam sem jantar.

Marcado entrega o dinheiro a NC, mas pede-me para ser eu a conferir o troco, receber o medicamento, e entregar tudo a NC.

— Vá lá, despachem-se — diz.

Dando uma palmada nas costas de Barish, ordena-lhe:

— Ajuda-me a encaixotar estes quadros. Mal eles voltem, vou entregá-los.

Um minuto depois, NC e eu estamos na rua. Há três meses que não saio da quele lugar. Os raios do sol acariciam-me os braços e as pernas despidas. Quem me dera poder levá-los comigo para o sótão. Respiro o ar que, apesar da poluição, me parece mais fresco do que o cheiro da cola. Sinto-me ébrio de felicidade.

O nosso edifício fica ao fundo de uma rua sem saída. As outras construções são mais recentes e mais sólidas. O barulho aumenta à medida que avançamos, e a multidão corre apressada pelas ruas.

— Despacha-te, assim não chegamos a tempo.

— E se houver fila?

— Seremos castigados.

NC caminha tão chegado a mim que o braço dele toca no meu. Tento desviar-lhe a atenção.

— O nosso edifício deve ser o mais antigo do bairro — digo.

— Sim. Há uns anos atrás, havia aqui uma fábrica. Quando ardeu, a maior parte das construções vizinhas foram destruídas pelo incêndio. Só escapou a nossa. Os preços dos terrenos são tão elevados que o proprietário preferiu construir de novo a fábrica fora da cidade. Não sei como é que o patrão se desenvencilhou para recuperar aquela velha barraca.

Enquanto NC continua a tagarelar, decifro os anúncios: MERCADO SWEDSHI, BRACELETES CHANDANI, BATIDOS DE FRUTA PIYUSHI. Nada que possa indicar-me onde estou.

Dou uma olhadela a NC. Se eu fugisse, seria capaz de me apanhar? É mais alto do que eu e é certamente também mais rápido.

Um autocarro buzina. Uma idosa derruba um carrinho de bananas ao afastar-se do veículo. NC segura-a pelo braço. Enquanto pratica uma das raras boas ações da sua vida, continuo a avançar, acelerando sempre o passo. Esgueiro-me a toda a velocidade por entre a multidão. Se o autocarro parar, salto para dentro. Até o motorista me pedir o bilhete e me pôr fora do autocarro, já estarei a duas paragens daqui. Escondo-me atrás dum camião para retomar o fôlego e esquadrinhar a rua. Vou esperar um pouco aqui e, quando passar um autocarro, corro até à paragem e entro nele.

De repente, alguém me agarra por detrás.

— Porque não esperaste por mim? — pergunta NC, cujos olhos cinzentos lançam faíscas. — Não quero denunciar-te, mas se repetires o que fizeste, não hesito. Se não nos despacharmos, o patrão vai descarregar a fúria sobre Sahil, Barish, Roshan e Amar. É isso que pretendes? Se fugires, pagarás caro, e a tua família também.

Ouço o tubo de borracha a flagelar as costas dos meus amigos por minha culpa, e penso em Jatin, que sabe onde vive a minha família, Se eu conseguisse fugir, Marcado não teria dificuldade em se vingar.

NC aponta o dedo para a loja do outro lado da rua.

— A loja é mesmo aqui.

Segura-me firmemente pela mão enquanto atravessamos aos ziguezagues por entre os carros. Compramos uma caixa de Dudarshan e NC paga. Confiro escrupulosamente o troco que o vendedor me entrega, e depois coloco tudo na palma da mão de NC.

No caminho de regresso, atrevo-me a perguntar:

— Porque não fugimos os dois?

— Não se pode pensar em fugir quando se está há tanto tempo sem família, como eu. Não há lugar para onde ir, nem ninguém para nos receber.

As suas palavras são tão fustigantes como as chicotadas de Marcado a caírem nas minhas costas.

— E se eu fugir?

Dirige-me um sorriso triste e um olhar vazio.

— O patrão assegura-me abrigo e mesa. Não é grande coisa, mas é melhor do que ficar na rua, ao frio e à chuva.

— Porque é que não te mandou sozinho fazer esta compra?

— Não sei ler, nem escrever, nem contar. O patrão sabe que és inteligente, que trarás o medicamento adequado e o troco certo.

NC é capaz de comprar sozinho o medicamento certo, mas ignoro porque não mo quer dizer. Quando regressamos, Marcado está de saída. NC entrega-lhe o talão, o medicamento e o dinheiro. Ele confere o troco, dá-me um comprimido para Sahil, e guarda o frasco e as moedas no bolso.

No momento de passar a soleira da porta, reconsidera e pousa o saco cheio de quadros. Tira o frasco do bolso e dá-me mais alguns comprimidos.

— Toma, caso ele precise de mais. ou se mais alguém ficar doente.

— Está bem, patrão.

— Aquele preguiçoso tem de trabalhar. Vigia-o.

— Sim, patrão.

Pega no saco e vai-se embora. A chave gira na fechadura com um estalido.

## 23

Nos dias seguintes, administro os comprimidos a Sahil, enquanto Roshan lhe dá folhas tenras de *nimba*. A febre começa a baixar. Roshan insiste para que todos mascemos folhas de *nimba*, como precaução.

— Não sou nenhum bode nem vitelo — protesta Amar. — Porque hei de comer isso?

O seu comentário faz-nos rir, mas fazemos questão de que as engula.

Sahil retoma o trabalho. É difícil saber se perdeu peso, de tão magro que já era. Barish deixa-o dormir um pouco mais de manhã, e, sempre que Mercado se ausenta durante o dia, Sahil aproveita para descansar.

Todas as noites conto histórias que invento. NC mostra-se simpático, mas eu, ao invés de Barish, continuo a não confiar nele.

Anseio por que Mercado me mande fazer alguma compra. Nessa altura, vou interpelar alguém que passe na rua, e pedir-lhe que venha em nosso socorro. Uma coisa é certa: está fora de questão que os meus amigos sejam castigados por minha causa. Que sentido fazia estar livre e eles serem maltratados por causa disso?

Nos primeiros dias que se seguiram à nossa ida à farmácia, receei que NC me denunciasse. Contudo, não o fez; caso contrário, eu teria sido logo castigado. Mercado continua a chamar-me pelo meu nome, e até me confiou mais missões. Às vezes, preparo o chá da manhã e a seguir lavo a loiça; outras vezes, conto os quadros e faço multiplicações, cujo resultado ele anota num pedaço de papel que mete ao bolso, juntamente com o lápis. Realizo estas tarefas com todo o cuidado, na esperança de ganhar a sua confiança e de poder sair para ir fazer outra compra.

NC vai-se integrando progressivamente no grupo. Embora nunca nos tenha revelado a sua história, ouve com atenção os nossos relatos. Trabalhamos o dia inteiro, mas, à noite, quando acendemos a lanterna de bolso para o serão, tenho a sensação de que formamos uma família, e sonho com uma maneira de escaparmos todos juntos. Agora que NC está do nosso lado, deve ser fácil delinear um plano e pô-lo em prática.

— Tenho uma história nova — anuncio um dia.

— Como se chama? — pergunta Amar a bater palmas.



— *As Formigas e o Chacal.*

— Já a contaste? — deseja saber Roshan.

— Conte-i-a aos meus irmãos muitas vezes.

Sentamo-nos em círculo e acendo a minha lanterna de bolso.

*Era uma vez uma colónia de formigas que vivia à beira de uma floresta, debaixo de um nimba enorme. Um dia, chegou um chacal e disse às formigas:*

— *Saiam daqui que eu quero instalar-me.*

*As formigas ficaram muito contrariadas.*

— *Já vivemos aqui há muito tempo. Nunca incomodamos ninguém e ninguém nos incomoda. Também há espaço para ti.*

*O chacal sorriu, mostrando uns dentes aguçados.*

— *Acaso acham que podem dizer-me o que devo fazer? Quero instalar-me no lugar onde está a vossa casa e, por isso, ponham-se a andar! E que não vos volte a ver!*

*As formigas ficaram aterrorizadas.*

— *Não podemos fazer nada contra um inimigo deste tamanho — opinou uma delas.*

— *Não temos outra alternativa a não ser deixar a nossa casa e procurar outro local — acrescentou outra.*

*Chegou a hora de dizer adeus à árvore e partir. Quando estavam a agradecer ao nimba por as ter acolhido durante tanto tempo, este perguntou-lhes:*

— *Não gostam de estar aqui? Porque querem ir embora?*

*Então as formigas falaram-lhe do chacal.*

— *É grande e nós somos pequenas. Se não lhe obedecermos, esmaga-nos debaixo das suas patas.*

Amar mexe nervosamente as pernas.

— E depois? — apressa-se a perguntar.

*A árvore sacudiu suavemente as folhas e disse:*

— *É verdade que o chacal é grande e vocês são pequeninas, mas ele é só um e vocês são muitas.*

*Intrigadas, perguntaram:*

— *Em que pode isso ajudar-nos?*

— *Ataquem-no como se fosse um homem e vencê-lo-ão — propôs o nimba.*

*A ideia agradou às formigas, que organizaram um plano. No dia seguinte, o chacal, furioso por ver que elas ainda lá continuavam, aproximou-se do formigueiro. Contudo, as formigas estavam à espreita e, antes que ele pudesse dizer ou fazer o que fosse, subiram por ele acima aos milhares e puseram-se a picá-lo da forma combinada.*

*— Parem! Deixem-me em paz — gritou o chacal.*

*Mas as formigas continuaram. O chacal avançava e recuava, sacudindo-se em todos os sentidos. Tentou dar saltos, mas de nada adiantou.*

*— Por favor, peço-vos, por favor! — suplicou. — Eu vou-me embora e não volto mais. E foi assim que as formigas se livraram do chacal.*

— As formigas somos nós e o patrão é o chacal que temos de picar, é isso? — interrompe-me NC.

Há qualquer coisa na voz dele, um tom de desafio, que me deixa nervoso.

— Isto é só uma história — respondo-lhe eu.

— Não é uma história inocente, Gopal. Tu queres que nos libertemos do patrão.

— Tu nunca partilhas nada connosco e queres explicar-me o sentido das minhas histórias? O que tu queres é que eu tenha chatices com o patrão.

— Isso é impossível. Tornaste-te o seu *chamcha*. Até te chama pelo nome.

— Não lhe pedi nada.

— Realmente, não. Tu é que traçaste o teu rumo e não desistes até o alcançar. Agora que Gopal usurpou o teu lugar, Barish, continuas a ter a impressão de que formam uma família?

Barish não responde. Quer tenha ou não ciúmes de mim, o remoque de NC é suficiente para o irritar.

— Por-porque estão a discutir? — pergunta Roshan a NC.

— Gopal enfeitiçou-vos a todos. Um dia ele foge e deixa-nos. E nós é que vamos apanhar.

Aterrorizado, Roshan pestaneja furiosamente.

— Eu-eu não quero que isso aconteça.

— Gopal nunca fará uma coisa dessa — protesta Amar, batendo com o punho.

Deito-me sem saber o que fazer. NC mostra-se amigável desde que Sahil adoeceu, mas a forma como reagiu esta noite preocupa-me. Aterrorizou Roshan e tentou convencer Barish de que estou a tentar conquistar o lugar dele. Também receio a reação deste último.

Mal chega na manhã seguinte, Mercado chama-me. O seu tom de voz provoca-me angústia. Todos olham para mim. Os dedos de Sahil põem-se a tamborilar. Como NC não viu Mercado esta manhã, esta chamada não tem nada a ver com a história que contei ontem à noite. Sinto-me perplexo.

Mercado anda para a frente e para trás. Mal me vê, pega nos quadros pousados em cima do banco e coloca-os nas minhas mãos.

— Olha-me só para este desleixo! Lembras-te de quem os fez?

Os três quadros têm o mesmo motivo, mas quem os fez utilizou pérolas de um verde-azulado que não condizem com a cercadura. Foi Sahil.

— Fui eu.

— Estás a mentir?

— Não — digo, olhando-o nos olhos por um breve instante.

— Nunca mais voltas a cometer um erro destes.

A opressão no peito desapareceu e volto a respirar fundo.

— Juro que não.

Quando me viro para subir, sinto qualquer coisa a fustigar-me as pernas despidas. Os meus joelhos dobram-se, a minha cabeça bate na escada e caio por terra. Mercado mantém-se de pé, com um sorriso sinistro nos lábios. Os seus olhos vinhos lembram-me o dia em que cheguei e causam-me terror.

— Já perdeste muito tempo!

Cerro os dentes e subo lentamente a escada, a esfregar a testa para evitar ficar com um papo. Um gesto inútil, pois já sinto o inchaço. Retomo o trabalho, com a dor e a irritação a palpitem na minha cabeça. Juro que Mercado vai pagar pelo que me fez.

Chama NC e Barish para irem ajudá-lo. Será que vai interrogá-los acerca dos quadros? Talvez não devesse ter-lhe mentido. Fico à escuta, mas não ouço nada.

— Vai lá abaixo. O patrão quer que lhe cortes o cabelo — diz Barish a Roshan.

É a primeira vez desde que aqui estou que Mercado requisita Roshan. À hora do almoço, noto a careca e os cabelos compridos e espaçados, penteados de forma a esconder a calvície. O resultado não é famoso.

Depois de nos dar de comer, Mercado sai imediatamente, avisando que não demora. Quando desço para trazer os quadros que fizemos, vejo debaixo do banco de madeira um lápis que deve ter deixado cair. Apresso-me a apanhá-lo e a metê-lo ao bolso.

NC surge atrás de mim.

— Não devias — diz.

— Não devia o quê?

— Mentir em relação aos quadros — responde. — Disseste que tinhas sido tu, mas foi Sahil.

— Não sabia que...

— O patrão sabe. Ele sabe sempre tudo. Estava a testar-te.

— Também fez a mesma pergunta a ti e a Barish?

Não responde, mas tenho a certeza de que Marcado os interrogou.

Começo a trabalhar, segurando as pérolas com a mão trémula.

— Todos cá para baixo! Tenho uma coisa para vos mostrar — grita Marcado mal entra.

Enquanto fazemos um círculo à sua volta, dá uma olhadela à porta das traseiras, trancada como de costume. As janelas também estão fechadas. Marcado tem na mão o tubo de borracha castanho de que se serviu para nos chicotear, a Sahil e a mim. Recuo.

— Lembram-se disto? Vou ensinar-vos a serem honestos.

Ergue o braço e depois baixa-o com um golpe seco. A borracha bate no chão com um estampido. Cerro os punhos, reunindo o pouco de coragem que ainda me resta.

— Do que vocês precisam é de algo que vos avive a memória. Gopal, anda cá — ordena.

Um dos meus amigos abafa um grito. Aproximo-me de Marcado, que levanta de novo o braço.

— Vira-te, sobe a camisa e inclina-te para a frente.

Obedeço e fico de frente para o grupo. Fecho os olhos, sustendo a respiração. O tubo abate-se nas minhas costas nuas. Gemo.

— Não! — grita Sahil.

— Por tua causa, vai levar outra chicotada!

A dor aguda dilacera-me as costas e as lágrimas soltam-se dos meus olhos cerrados.

— Foi Gopal que fez estes quadros? — resmunga Marcado.

Silêncio.

— Digam a verdade ou serão todos castigados.

NC avança.

— Patrão, não foi ele que fez estes quadros.

Marcado ergue o tubo de borracha. Tenho direito a mais duas chicotadas. As minhas costas estão em brasa, atravessadas por uma dor lancinante. Sinto o sangue a escorrer. Quando abro os olhos, tenho de me apoiar na parede.

— Se voltas a fazer outra como esta, faço-ta pagar a ti e à tua família. O que achas de eu bater no teu irmão e na tua irmã, os gémeos Naren e Sita? Ou preferes que venham trabalhar para aqui contigo? — grita Marcado.

Como soube da existência deles? Foi Barish ou NC quem lho disse. Porque confiei neles? Porque lhes contei as minhas histórias? Como posso ter sido tão imprudente e ingénuo? Pus em perigo a vida dos gémeos. Se Marcado lhes disser que sabe onde me encontro, virão atrás dele como cachorrinhos.

Marcado dá-me nova chicotada e reúno as forças que me restam para não cair. O telefone dele toca. Tira-o do bolso e encosta-o ao ouvido, atirando o chicote ao chão. Solto um suspiro de alívio.

— Não há problemas com a encomenda. Vou certificar-me de que ele os faz.

Prime o botão vermelho, pousa o telefone em cima do banco e volta a enrolar o tubo.

— Toca a trabalhar! Todos!

Dou um passo em frente e Marcado segura-me pelo braço.

— Fica aqui.

Quando já todos estavam lá em cima, entrega-me um copo de água.

— Tenho um recado a confiar-te amanhã — diz-me, depois de eu ter engolido dois goles. — Não me deixes ficar mal.

Atreve-se a pedir-me que não o deixe ficar mal depois do que acaba de me fazer? Gostava de lhe atirar com o copo à cara, e deixá-lo a escorrer sangue como o fez a mim. Em vez disso, fico de olhos cravados nas suas sandálias engraxadas. Não desejo de modo algum que vá dar uma volta pelo bairro de Jama. Marcado fez-me sofrer, mas ainda me pode fazer sofrer mais, se maltratar Naren e Sita. Engulo o medo e respondo numa voz segura:

— Pode ficar tranquilo.

Marcado fica a observar-me enquanto pego na camisa e no copo. Subo lentamente a escada.

Não vesti a camisa para evitar roçar o tecido na pele em carne viva. Mas sei que o coração ainda me dói mais. Marcado feriu-me, mas são feridas que vão cicatrizar. Mas aquele que falou de Naren e Sita a Marcado ainda me feriu muito mais.

Todos estão abatidos, exceto NC. Sahil prepara um novo tacho de cola e o perfume do *nimba* não chega para afastar o cheiro nauseabundo. Para nos distrairmos, esforçamo-nos por respirar o ar poeirento. Reina um silêncio gelado neste espaço abafado. A nossa tristeza é densa e pesada.

Marcado liga a televisão. Vê um filme cómico e o seu riso sobe até nós. Depois de ele sair, Amar passa os braços em redor do meu pescoço e é então que sinto as suas lágrimas molharem-me a pele.

— Porque foste dizer a Marcado que Gopal tinha mentido? — pergunta a NC, de olhos fixos nele.

— Não tinha outra opção.

Barish é o único que não disse palavra, o que me faz pensar que os dois estão de conluio. Sahil estende o meu saco de juta, que Barish cobre com a sua camisa de mangas compridas.

Apagamos a lâmpada antes de nos deitarmos, e estendo-me de barriga para baixo. Já não formamos um grupo. Sinto-me tão mal como no dia em que fui apanhado por Jatin e me deixei trazer até aqui. esta noite, não há lanterna de bolso, nem *kahanis* ou risos.

Porque partilhei as minhas histórias com eles? Pensava que nos iriam dar força para resistir, mas só serviram para tecer uma teia na qual me encontro agora preso.

— Gopal, estás a dormir? Gopal? — pergunta baixinho NC.

Silêncio.

— Se não dormes, responde-me, por favor. Posso explicar tudo — implora.

Os outros dormem e ele não pode falar alto. Ao fim de três tentativas, ouço-o suspirar.

À luz do luar que entra pela janela, vejo-o levantar-se e aproximar-se de mim.

— Vamos conversar, Gopal — suplica.

Não digo nada.

— Lamento que Marcado te tenha batido.

— Não lamentas nada. Não tinhas nada que...

— Ouve-me — pede secamente, antes de continuar numa voz mais suave. — Eu tinha que te denunciar a Marcado, porque ele sabe que Sahil e tu são amigos, e que se protegem mutuamente. Marcado observou a reação de cada um de nós quando te deu a primeira chicotada. Amar fechou os olhos; Roshan tapou a boca com as mãos para não gritar, e Barish ficou perturbado. Um de nós tinha de enganar Marcado. Deixei-te numa situação difícil, mas sabia que assim dissiparia a desconfiança dele. A última coisa que desejo é que se dê conta que nos tornámos amigos. Se o soubesse, separava-nos imediatamente. E é melhor deixá-lo acreditar que não nos entendemos entre nós.

Esta afirmação deixa-me perplexo.

— Estou cansado — digo, antes de voltar a deitar-me de barriga para baixo.

NC volta para a cama e, só quando ouço a sua respiração profunda e regular, é que tiro do bolso o lápis para o guardar no impermeável dobrado. Fecho os olhos, mas as minhas

costas doridas fazem-me ficar muito tempo acordado. Revejo mentalmente a nossa conversa, como fazia com a tabuada de multiplicar diante do Professor Advale.

Não pode ter sido Barish a falar de Naren e Sita a Marcado, porque certamente não quer que eu revele o seu segredo. Portanto, só pode ter sido NC. Tenho quase a certeza.

A dor lancinante obriga-me a fechar as pálpebras para não gritar. Quando amaina, tento pensar na forma como fugir. Se escrever um pedido de socorro e o atirar pela janela, haverá alguma probabilidade de alguém o apanhar e vir libertar-nos? É pouco provável, mas tenho de tentar. Mal tenha uma oportunidade, tenho de arranjar um pedaço de papel limpo. Talvez seja a única esperança de liberdade. Acabo por cair num sono profundo e sem sonhos.

Ao acordar, sinto uma dor lancinante. Viro-me de lado, puxo as pernas para cima e sento-me lentamente.

— A tua pele! — alarma-se Sahil. — Está mais vermelha do que ontem.

— E também mais irritada — acrescenta Amar.

NC desce e volta a subir com um líquido amarelo.

— Bebe, é água com curcuma: vai ajudar a cicatrizar mais depressa. É um remédio que aprendi com a minha avó.

Roshan colhe em silêncio folhas de *nimba*, que desfaz em água antes de aplicar o líquido nas minhas costas. Sento-me junto do ventilador para que elas sequem mais rapidamente. Em seguida, enfio a camisa e desço para lavar o copo antes de Marcado chegar.

Marcado entrega-me um novo lote de quadros para decorar. A madeira é de qualidade e as pérolas são transparentes e lisas.

— Se ficar satisfeito com o teu trabalho, serás recompensado — diz-me.

Não quero nenhuma recompensa. Tudo o que desejo é ser livre.

— Estás a ouvir-me?

— Sim, patrão.

— Só tens interesse em trabalhar depressa e bem.

Lanço-me ao trabalho com aplicação e frenesim. Esqueci a dor, mas não posso ignorar a atmosfera de desconfiança lúgubre e sufocante que pende sobre o nosso grupo. O que tornava este local um pouco suportável era a impressão que tínhamos de ser uma família unida.

Um dia, quando estou a ajudar Marcado a embalar os quadros que acabei, encontro um pedaço de jornal. Meto-o de imediato ao bolso. Mal surge a ocasião, pego no lápis que está no impermeável e meto-o também ao bolso. Só vejo um lugar onde posso redigir

tranquilamente a minha mensagem: o quarto-de-banho. Espero pela hora do almoço para poder lá ir. Tiro o papel e o lápis, e escrevo à pressa, numa letra quase ilegível: “Somos crianças aprisionadas no prédio perto do *nimba*. Venha libertar-nos”.

Apresso-me a acabar a refeição para ser o primeiro a subir. Roshan segue-me. Embora ele não represente uma ameaça, a minha iniciativa tem de continuar secreta. Estico discretamente a mão fechada até ao ramo do *nimba*. Depois abro-a, deixando escapar o pedaço de papel que voa. Só espero que Mercado não dê com ele. O meu coração palpita na esperança de que alguém o encontre, o leia, e venha em nossa ajuda. Só espero que Mercado não dê com ele.

De tarde, olho pela janela. O papel não chegou ao chão; está retido num ramo. Rezo para que um sopro de vento o leve, e escondo o lápis no impermeável antes de me deitar.

No dia seguinte, o papel desapareceu.

Durante dois dias, espero em vão que alguém se manifeste. A única alternativa que me resta é que Mercado me mande fazer uma compra.

Nessa altura, o meu único objetivo será fugir, sem pensar em nada nem em ninguém. O dinheiro que o Mercado me entregar chegará para apanhar um autocarro ou um comboio. Sei a direção de Jama, portanto não corro o risco de precisar de perguntar o caminho. No dia em que sair daqui, vou para junto da minha família.

## 25

Cada dia que passa, o ar fica menos pesado e o céu mais claro. As minhas costas vão cicatrizando lentamente. Os abraços de Amar alegraram os meus dias, os unguentos de Roshan permitiram que a ferida não infetasse, e durmo sobre a camisa que Barish me emprestou. Sahil, por seu turno, encarrega-se de preparar o meu tabuleiro de pérolas facilitando-me alguns minutos a mais de sono. Quanto a NC, trouxe-me todos os dias água com curcuma. Que teria sido de mim sem eles?

Mercado não me incumbiu de mais nenhuma missão, e pergunto-me se ainda poderei sair daqui, apanhar um autocarro e fugir. Nestes últimos dias, todos me ajudaram de tal forma que senti, de novo, que éramos amigos. Se conseguir escapar, Mercado vingar-se-á neles. Não posso fazer Amar, Sahil, Roshan e Barish passar por isso. Nem mesmo NC.

Quando Mercado chega no dia seguinte, fica espantado ao ouvir-me dizer que já acabei a encomenda de que me tinha incumbido.

— Faz-nos chá, Gopal.



Foi a primeira vez que pediu para Iho preparar desde que me chicoteou. Passa a pente fino cada um dos quadros antes de os embalar em papel de jornal.

— Fizeste um bom trabalho. Sem dúvida. Toma uma chávena de chá comigo.

Não tenho gosto em fazê-lo, mas mais vale obedecer. Ponho mais leite e água a aquecer e espero que ferva.

— Quanto é cinquenta e dois vezes quarenta e quatro? — pergunta-me.

Faço os cálculos de cabeça enquanto deito o chá na mistura a ferver.

— São dois mil duzentos e oitenta e oito.

Ele sorri, puxa de uma caneta prateada e anota o resultado num pedaço de jornal, que guarda no bolso. Será que ganha assim tanto? Deve ganhar. Caso contrário, não teria substituído o lápis por uma esferográfica tão bonita.

Apesar do tempo encoberto e da morrinha constante, Mercado está bem-humorado. Talvez devido aos novos quadros que faço ou à festa Diwali. A televisão, da qual nos chega apenas o som, difunde publicidade a pastéis, saris e joias.

Na antevéspera de Diwali, Mercado fica doente. Tem os olhos injetados de sangue, o rosto corado e as têmporas a luzir de transpiração.

— Gopal — chama, batendo suavemente as mãos.

Quando desço, aponta para a cozinha.

— Sim, patrão.

— Hoje é dia de festa: preciso de guloseimas — murmura, enquanto avanço para o fogão para aquecer água.

Enquanto nos dá apenas o suficiente para não morrermos à fome, pede doçarias! Precisava era de medicamentos, mas para que hei de dizer-Iho?

— Deita-lhe leite para que não fique demasiado claro.

Contrariamente ao nosso?

— E faz um pouco a mais, para beberes também um gole ou dois.

Pega-me nas mãos no momento em que pouso a chávena de inox.

— Vai comprar-me guloseimas. Hoje é Dhanteras e as festas abrem-me o apetite.

Tira do bolso uma nota de cinquenta rupias e dá-me a direção. Depois, afunda-se na cadeira com uma respiração ruidosa e fecha os olhos.

Tenho dificuldade em reprimir um grande sorriso. Mercado deu-me dinheiro e mandou-me ir sozinho à loja. Deve ser a febre que o faz delirar, caso contrário nunca teria feito isto. Aqui está, finalmente, Eis o momento por que sempre esperei.

— É capaz de chover. Posso levar o meu impermeável? — pergunto.

Abençoo o tempo nublado que me oferece este pretexto.

— Sim, mas despacha-te e vai buscar-me as guloseimas! Depressa!

Subo a escada a correr e pego no impermeável. Ignoro os olhares cravados em mim. É natural que, depois de eu sair, Marcado tenha mandado NC seguir-me. Lanço uma olhadela sobre o ombro, mas não o vejo. À minha frente, passa um autocarro que para no cruzamento. Há pessoas a subir. Ignoro o seu destino, mas pouco importa: vai levar-me para longe daqui.

Desço a rua a correr, ponho-me na fila e espero a minha vez de subir.

Os rostos de Sahil, Amar, Roshan e Barish aparecem diante dos meus olhos. Como posso abandoná-los? Todavia, esta é a minha única oportunidade, e talvez nunca venha a ter outra.

As pessoas empurram-me e tenho de avançar.

Marcado vai castigá-los e vou sentir remorsos. Se fugirmos todos ao mesmo tempo, ninguém terá de pagar as consequências. Tenho de pedir a alguém que nos ajude.

Não consigo avançar mais. Salto a tempo para fora do autocarro.

Limpo as mãos suadas ao calção, certifico-me de que o dinheiro continua no bolso, e faço um esforço para parar de tremer.

A rua está a abarrotar e os transeuntes de humor festivo. A quem vou pedir ajuda? Àquele homem que leva um saco de cabedal? Em quem posso confiar? Naquela mulher que está a comprar legumes? Se conseguir que alguém olhe para mim e me sorria, poderei entabular conversa.

Observo os homens e as mulheres que passam diante de mim num passo apressado. Uns levam crianças pela mão, outros carregam sacos de compras. Cheguei diante da loja e, até agora, ninguém olhou para mim.

A loja parece ter sido tomada de assalto. Tenho de falar com alguém, mas quem me dará ouvidos no meio deste frenesim? E se escrevesse um bilhete e o fizesse chegar ao comerciante? Talvez seja tão simpático como o dono do Deepak. É então que me lembro de que tenho um lápis no bolso do impermeável. Falta o papel. De repente, surge-me uma ideia. E se escrevesse o pedido de ajuda na nota de cinquenta rupias? Olho para a rua para ter a certeza de que NC não está por ali.

Afasto-me, tiro o lápis do bolso e tento escrever no lado da nota que tem a fotografia de Mahatma Gandhi. Tremem-me tanto as mãos que tenho de inspirar profundamente repetidas vezes. *Venha em nosso socorro, por favor. Somos seis rapazes fechados no velho*

*edifício a três ruas daqui, perto do nimba que tem um ramo partido. Venha depressa, suplico-lhe.*

Volto a guardar o lápis no bolso do impermeável e coloco-me entre um homem em *kurta-pajamas* brancas e uma mulher de sari vermelho.

— Eh, tu! O que é isso? Sai daí!

Olho para quem falou.

— Não te faças de inocente. Julgas que não sei porque te meteste ao nosso lado? — grita-me a mulher de vermelho.

— Quero comprar guloseimas — digo-lhe.

— Comprar ou roubar?

— Deixe a criança em paz neste dia de festa — diz o homem de *kurta-pajamas* branca.

— Ainda não olhou bem para ele! Se fosse a si, tinha cuidado com a carteira.

Fico vermelho de vergonha, pois nada fiz de mal.

Recuo um passo. O homem pousa a mão no meu ombro.

— O que queres? — pergunta, inclinando-se um pouco sobre mim.

— Uma caixa de bolos sortidos.

— Uma caixa grande de bolos sortidos — pede ele.

Antes que eu pudesse protestar, o vendedor entrega-me a caixa e estende a mão para receber o dinheiro.

Tenho cinquenta rupias e creio que não é suficiente para pagar uma caixa tão linda.

— Não tenho que chegue...

— Estão a ver, o que é que eu dizia? E agora, quem vai pagar? — diz, com ar de escárnio, a mulher de sari vermelho.

O vendedor olha para mim. Vê-se que não quer disputas no dia em que se celebra Lakshmi, a deusa da fortuna. É preciso zelar pelo seu bom humor e não correr o risco de a aborrecer, sob pena de a ver desaparecer.

Mas ele também quer que lhe pague a caixa que me entregou. Propõe uma solução:

— Paga-me o que puderes agora e dá-me o resto depois.

O que hei de dizer? Não vou pedir mais dinheiro a Mercado.

— Eu... eu...tenho que chegue para uma caixa pequena. Não se importa de me trocar esta por uma das pequenas? — peço, entregando-lhe a nota.

O vendedor desdobra a nota e, nesse instante, tudo se congela à minha volta. Demora uns instantes, ergue o sobrolho e o seu rosto crispa-se. Depois, em vez de entregar o dinheiro ao homem da caixa, guarda-o no bolso da camisa.

Pega numa caixa pequena e entrega-ma.

— Não te preocupes — diz.

Agradeço. Faz-me sinal com a mão e diz:

— *Sambhalun ja!*

— Como te chamas? — pergunta-me o homem de *kurta-pajamas* branca.

— Gopal.

— Feliz Diwali, Gopal, e não guardes essas guloseimas só para ti!

Meto as duas caixas no saco de juta e saio antes que a mulher do sari vermelho faça outra objeção desagradável.

No caminho de regresso, penso no vendedor e na maneira como examinou a nota. Se a pôs de lado, é porque a leu. Disse-me que não me preocupasse: tenho a certeza de que nos vai ajudar. Será que vai chamar a polícia? Se assim for, talvez sejamos libertos ainda hoje, ou amanhã, ou depois de amanhã, no dia de Diwali!

“Feliz Diwali, Gopal. Não guardes todas essas guloseimas só para ti. Feliz Diwali, Gopal.” A voz ecoa na minha cabeça quando me dou conta de que aquelas guloseimas não são para mim. Mercado ficará com tudo, inclusive a caixa grande que o comerciante me deu. Nunca vai acreditar que ma ofereceram. Vai pensar que a roubei, ou pior ainda, que a comprei com dinheiro que lhe roubei. E por que hei de entregar-lhe a caixa? Não lhe pertence. É minha, e quero partilhar o seu conteúdo com os meus amigos, incluindo NC. Tenho de encontrar forma de a esconder.

Em vez de me dirigir à porta da entrada, dou a volta para verificar se a porta de trás está fechada: o ferrolho está puxado. Poderia trepar pelo *nimba* e atirar a caixa a um dos rapazes. Mas, se ouvisse o barulho, Mercado era capaz de abrir a janela e apanhava-me. Não vejo forma de guardar estas guloseimas. Tenho de me resignar a entrar e entregar as duas caixas a Mercado. A menos que tenha adormecido e que nem dê pela minha presença. Não tenho essa sorte. O chá produziu efeito e Mercado está bem desperto.

— Demoraste muito.

— Havia muita gente.

— Dá cá — diz de mão estendida.

Pouso o impermeável e tiro do saco a caixa pequena. Mercado desfaz atabalhoadamente o nó, enquanto me apresso a dobrar o saco, arrumá-lo debaixo do banco e pegar no impermeável.

Mercado atira a fita para o chão, levanta a tampa e aproxima a caixa do nariz. Enquanto admira as guloseimas embrulhadas em papel prateado, empurro o saco para debaixo do banco com o pé esquerdo.

Manda-me ir embora com um gesto da mão, não sem antes me dar um pedacito de uma bolacha com forma de diamante.

Quando viro costas, vejo-o meter à boca o resto. É por superstição que partilha a bolacha comigo, com medo de que lhe deite mau-olhado, e que isso lhe faça doer o estômago.

Temos uma caixa inteira para esta noite. Só espero que Mercado se sinta em forma para ir embora depressa. E que não vá ver o que está debaixo do banco.

Tenho dificuldade em concentrar-me, manipular a cola e guarnecer os quadros de pérolas. Pedi ao vendedor que nos ajudasse. E se ele não prevenir a polícia? E se os polícias forem tão maus como aquele que me encheu de pontapés? E se alguém avisa Mercado? Quando o suor me escorre pelo rosto, apercebo-me de que NC não tira os olhos de mim.

Sorri com ar manhoso.

— O que foi? Porque te ris assim?

— Tu é que tens de me dizer.

Sahil, que está sentado entre nós os dois, para de se balancear. NC está desconfiado. Se falar com Mercado, estou perdido. Estamos todos perdidos. Espero que acredite que o meu segredo era a caixa dos doces que quero partilhar com todos. A perspetiva de saborear em conjunto os doces faz-me aflorar um sorriso aos lábios, imediatamente afastado por novas interrogações. O vendedor já terá contactado a polícia? A avaliar pela forma como olhou para mim, não duvido de que fosse essa a sua intenção.

Mas este é um período muito atarefado para um comerciante. E se ele guarda a nota juntamente com as outras ou a utiliza por engano? E se ele vai à polícia e a polícia não faz nada? E se Mercado subornou os polícias e eles o avisam? Roshan contou-nos que uma vez os deslocaram à pressa. Pode voltar a acontecer o mesmo. Se Mercado souber o que fiz, dispersa-nos logo e manda-me para longe de Bombaim. Nunca mais voltarei a ver a minha família. Barish e Amar serão também separados. Ao pedir ajuda, talvez nos tenha posto a todos em perigo.

Trabalho toda a tarde com a impressão de que o tempo brinca comigo, de tão lento que passa. Por volta das nove horas, Mercado serve-nos o jantar antes de ir embora.

Guardo meu segredo por mais duas horas. Quero estar seguro de que Mercado não voltará. Quando chega o momento de parar o trabalho, proponho:

— Esta noite vamos deixar a luz acesa e contar histórias.

Quero ver a cara deles quando eu mostrar a caixa.

— É Diwali.

— É — confirma NC. — A festa das luzes.

— Mas tenho de ir lá abaixo antes — anuncio.

— Porquê? — pergunta Barish.

— Já vais ver — digo, já a descer a escada.

Às apalpadelas procuro o saco debaixo do banco. Agarro a caixa e desfaço o nó.

— Fechem os olhos e só os abram quando eu disser — peço quando chego lá acima.

Amar tapou os olhos com as duas mãos enquanto os outros se limitaram a baixar as pálpebras.

— Já podemos abri-los? — pergunta Amar.

— Não. Espera mais um pouco.

Tiro a tampa e coloco a caixa no meio.

— Podem abri-los agora.

A covinha de Amar ilumina-lhe o rosto. Barish tapa a boca com a mão, Sahil enlaça os joelhos nodosos, e os olhos cinzentos de NC cintilam. Roshan bate as pestanas, de boca aberta.

— É pa-pa-para nós? — pergunta, excitado.

— Sim.

Fixam-me demoradamente.

— Eu sabia que nos escondias qualquer coisa, mas não imaginava que fosse isto! Onde as arranjaste? — quer saber NC.

Noto que não me acusa de as ter roubado. Conto-lhes o que se passou na loja. Depois, examinamos, fascinados, os doces. Há doces brancos e verdes em forma de diamante, há doces amarelos e redondos, e cubos cor-de-laranja com risquinhas cor-de-mel. Uns estão cobertos por uma fina camada prateada e outros salpicados de avelãs e grãos pretos de cardamomo. Passo a caixa em redor e cada um escolhe um doce. Sahil retira um pedaço do dele e dá-mo como forma de agradecimento. Barish, NC, Roshan e Amar seguem-lhe o exemplo.

Comemos em silêncio. Amar limpa a boca com as costas da mão.

— Ainda sobram!

— Vão dar para dois dias — digo.

— Tinhas dinheiro contigo, encontraste um senhor simpático e estavas sozinho. Devias ter ido para junto da tua Aai — diz Sahil.

Barish sacode o cabelo para trás.

— Estava a pensar o mesmo. Porque voltaste?

Não sei que responder. Porque não continuei no autocarro? Talvez agora já estivesse com a minha família. Sinto remorsos.

— Se Gopal fugir, o patrão desfaz o nosso grupo e faz-nos a vida dura — explica NC, com o olhar ensombrado pelo medo.

— E então? As nossas vidas não podem ser piores do que são e, pelo menos, Gopal teria voltado para a família — diz Sahil.

Amar encosta-se a mim.

— *Yaar*, talvez consigas fugir da próxima vez e depois vens salvar-nos.

— O meu desejo é que sejamos todos libertados.

— Isso é impossível se escapares sozinho — diz NC. — O patrão manda-nos logo para outro sítio. E nunca poderás encontrar-nos.

Calam-se todos, de rosto alarmado. Gostava de poder falar-lhes do bilhete que entreguei ao homem dos doces, mas não sei se alguém virá libertar-nos. Para quê dar-lhes esperança?

— Prometo-vos que, se conseguir sair daqui, iremos todos juntos — digo.

A minha promessa é uma forma manter a esperança viva.

— Podemos servir-nos de novo? Por favor? — pede Amar.

— Sim, vamos a isso.

Tiramos mais alguns doces da caixa.

— Onde a vamos esconder? — pergunto.

— Na-na-não aqui — diz Roshan com uma voz trémula. — Este compartimento está tão va-vazio que é im-impossível esconder cá seja o que for. Se-se o patrão dá com ela, bate-nos com o chicote.

Roshan tem razão. Aqui só estão os nossos bancos, os sacos de juta, a nossa roupa e as toalhas. Tenho um impermeável e Roshan um pente, mas não há mais nada. Se Mercado vier cá acima, dará logo conta da caixa grande e vermelha.

— Volta a escondê-la no mesmo sítio onde a tinhas — sugere NC.

Desço e guardo a caixa no saco de juta, que escondo o mais longe possível debaixo do banco de Mercado. Saboreamos em silêncio os doces, sentados em círculo, com a lâmpada amarela apagada.

— Tenho um segredo a confiar-vos — digo-lhes. — Quando vi o patrão pela primeira vez, pus-lhe o nome de “Homem Mercado”. Mas isso foi antes de ele nos ter maltratado. Depois disso, já não acho que mereça o nome de homem.

Falar de Mercado deixa-me aliviado. Amar senta-se a meu lado e murmura qualquer coisa que não consigo entender.

— Mais alto — diz Barish.

Amar meneia a cabeça. Sahil continua:

— Quando Gopal nos fala da família, lembra-me a minha mãe. Evitava pensar nela, mas agora deixo que a sua imagem me acompanhe — diz, numa voz que não passa de um murmúrio melancólico. — E quanto mais a sinto junto de mim, mais sinto a sua falta.

— Como vos separaram? — pergunto.

— Foi num dia em que a terra tremeu, as casas ruíram e as pessoas ficaram esmagadas debaixo dos escombros. Lembro-me de que a escola ficou destruída.

— A tua casa também ruiu?

— Sim. Quando saí da escola, fui a correr para casa, mas já não havia casa. Desatei a correr e nunca mais vi os meus pais.

— E depois? — pergunta Amar, inclinando-se para ele.

— Seguiu-se uma tempestade de areia e... E depois alguém veio, acho eu. Já não me lembro.

Sahil assume um ar distante. Percebemos que não dirá mais nada.

— Eu-eu-eu detesto o meu pai — faz-nos saber Roshan. — Estou aborrecido com ele por ter acreditado naqueles estrangeiros e me ter deixado ir com eles. E, e, ...

Esperamos pela continuação que nunca chega.

— Eu não me portava mal — afirma Amar. — A minha madrasta queria pôr-me na rua e era por isso que fazia queixa de mim ao meu pai. Ele sabia que era mentira. Mas não devia gostar de mim, porque nunca me defendeu. Nem sequer uma única vez.

— A tua mãe gostava muito de ti — diz Barish.

— E isso de que vale? Deixou-me, não deixou? Se não tivesse morrido, eu não teria madrasta.

Amar desata a soluçar.

Barish abraça-o e, ao fim de alguns instantes, Amar acalma-se.

— Queres contar-nos como vieste aqui ter? — pergunta ele a Barish.

Barish hesita por uns minutos e depois conta:

— Um dia peguei na bicicleta do meu tio sem pedir autorização. Eu não sabia bem andar de bicicleta e fui contra uma árvore. A bicicleta ficou desfeita e, em vez de o ir contar ao meu tio, fugi. Foi um erro. Estive escondido atrás de um templo durante dois dias. Um homem descobriu-me e prometeu arranjar-me trabalho na sua tenda de chá na cidade, dizendo que ganharia dinheiro para comprar outra bicicleta ao meu tio. Fiquei com ele



durante alguns meses e tratou-me bem. Mas depois morreu. Quando me preparava para voltar para a aldeia com as minhas economias, roubaram-me o dinheiro todo.

— Onde o tinhas escondido? — pergunta Roshan.

— Numa caixa de cigarros vazia, debaixo da minha almofada. Não podia voltar para minha casa sem dinheiro e, portanto, tive de arranjar outro trabalho. O novo patrão prometeu que me pagaria bem. Durante dois anos, servi chá, lavei pratos e limpei mesas. Um dia, um cliente insultou-me porque o copo não estava cheio. Expliquei-lhe que não era por culpa minha, pois fora o patrão que o servira. Discutiram, o cliente reclamou o reembolso, e acabou por atirar o chá à cara do patrão. À noite, tive direito a uma valente tarefa. Foi assim que vim parar aqui. Agora tenho medo de Mercado e do que ele possa fazer-me.

NC é o único que ainda não contou a sua história. Despacho-me a dizer que devíamos ir dormir quando, de repente, ouço a sua voz.

— Adorava a minha avó. Tínhamos três vacas e algumas cabras, que eu levava a pastar nas colinas das redondezas. A minha avó preparava-me uma merenda com milho assado e *chutney* de alho. Ia com os meus oito amigos e, enquanto os animais pastavam, brincávamos, contávamos histórias e pregávamos partidas uns aos outros. À noite, quando voltava, a minha avó e eu ordenhávamos as vacas e eu ia entregar o leite.

Não me atrevo a intervir para não quebrar o encanto e entalo as mãos debaixo dos pés.

— E bebiam leite autêntico? — indaga Amar.

NC prossegue com a sua narrativa.

— Sim. Leite fresco, cremoso, espumoso e morno. Durante os invernos longos, a minha avó contava-me histórias. Um dia adoeceu e, embora tomasse medicamentos, a sua saúde piorou. Vendemos as cabras e as vacas umas a seguir às outras, até que ficámos sem nenhuma. Já não tínhamos dinheiro. Tínhamos fome e a minha avó precisava de se tratar. Então roubei dinheiro numa casa vizinha e prenderam-me. Quando a minha avó soube, chorou e, nessa mesma noite, morreu.

Sahil encosta-se a NC e passa-lhe o braço sobre os ombros.

— Era a única pessoa que eu tinha no mundo. Quando ela morreu, fiquei sem ninguém. Matei-a. Sei que fui eu que a matei — murmura NC.

— Não tiveste culpa — reconforto-o.

NC limpa os olhos.

— Depois de ela morrer, deixei a aldeia e meti-me num comboio, sem bilhete. Quando o revisor me descobriu, pôs-me fora aos pontapés. Entrei no seguinte, no qual alguns passageiros simpáticos partilharam a sua comida comigo. E foi assim que cheguei a

Bombaim. Fiz amizade com um engraxador de calçado, e comecei a ajudá-lo. Deslocávamos-nos de comboio e passávamos a noite nas estações. Não era muito mau.

— E como vieste parar aqui? — pergunto.

— Um dia, um grupo de *gundas* roubou-nos o dinheiro. Tentámos fugir. O meu amigo conseguiu escapar, mas eu não. Tiraram-me tudo o que tinha, bateram-me e amarraram-me com tiras de pano. No dia seguinte, um deles disse-me que passava a ser o meu novo patrão, e que eu tinha de trabalhar para ele.

— O que tinhas de fazer?

— Roubar carteiras. Não era muito bom nisso e fui muitas vezes castigado. Um dia, um homem apanhou-me com a mão no saco. Supliquei-lhe que não me denunciasse à polícia. Perguntou-me se queria fazer quadros. Como era melhor do que roubar, aceitei. Quando me dei conta de que Mercado me tinha enganado, era demasiado tarde. Tentei fugir duas vezes, mas, como veem, ainda aqui continuo.

— *Yaar*, que pena — diz Amar.

— Não nos devemos deixar levar pelas ilusões, porque os sonhos nunca se realizam.

Agora vamos dormir.

Não tem vontade que lhe façamos mais perguntas e calamo-nos todos. Por que razão não nos revela o nome, se já nos confiou todo o resto?

Ao estender o meu saco no chão, volto a pensar que todos juntos somos capazes de dominar Mercado. Não pode debater-se contra os seis ao mesmo tempo. Mas será NC capaz de o fazer? Este lugar horrível tornou-se o seu lar. Recordo como foi difícil dormir no passeio quando cheguei a Bombaim com Baba, Aai e os gémeos. Compreendo que NC não deseje regressar à rua, sozinho. No dia seguinte de manhã, dia de Kali Chaudash, Mercado chega cedo. Embora já estejamos a pé, ainda estamos a preparar os tabuleiros. Mercado sobe a escada.

— Sua manada de porcos sujos e ingratos! Ainda não estão a trabalhar?

Puxa Sahil pela orelha e dá-lhe uma bofetada, antes de se virar para mim.

— Tu que és o mais esperto, sabes bem que não se pode perder tempo.

Agarra-me bruscamente pelo braço e torce-mo atrás das costas.

— Toma conta deles — ordena, de olhos fixos em mim. — O trabalho tem de ser feito e bem feito. Se houver alguém que não trabalhe, recibes um corretivo que nunca mais vais esquecer.

— Com certeza, patrão.

— Trouxe-vos leite para o chá. Tem de durar para dois dias. Não vos quero ver a cara durante o Diwali.

— Está bem — responde Barish.

— Estou a falar com Gopal.

— Sim, patrão.

Marcado é, ao mesmo tempo, cruel e esperto. Agora que temos uma encomenda importante, dá-nos chá para ficarmos acordados e trabalharmos mais. É horrível a forma como tenta como pôr-nos uns contra os outros, como tenta semear a discórdia entre nós.

— Pega no novo modelo — diz-me, depois de eu ter preparado o chá.

Espero que mo entregue enquanto os outros estão a subir para o sótão.

— O que estás a fazer aqui? O material está lá em cima.

No sótão, deparo com uma pilha de quadros e como um modelo que, contrariamente ao que nos disse, nada tem de novo: já o fiz antes.

Ponho-me ao trabalho, com o espírito em alvoroço. Como já conheço o motivo, termino os quadros rapidamente. Antes de os levar para baixo, verifico se não há nenhum erro. Depois entrego-os a Marcado.

— É simpático da tua parte teres acabado tão rapidamente, mas enganaste-te. O modelo não é este! — grita.

— É o que estava ao lado dos quadros.

— Quem te mandou pegar nesse? Seu cão vadio! Não prestas para nada! — diz, olhando em redor.

Enquanto procura entre os jornais, cai um pedaço de papel ao chão. Apanho-o e entrego-lho.

— Aqui está o que te tinha dado.

É a primeira vez que o vejo.

— O patrão não ...

— Esqueceste-te dele aqui, seu estúpido.

Como é que podia tê-lo deixado no meio dos jornais dele?

— Os quadros e o modelo estavam...

Prega-me uma valente bofetada. A dor faz voar o véu debaixo do qual tinha guardado a minha raiva e tenho de fazer um enorme esforço para reprimir as palavras que me vêm à ideia, mas que não me saem da boca. *Nunca me deste este modelo e agora castigas-me. És um mentiroso e um batoteiro.*

— Seu estúpido! Vou mandar-te para uma fábrica de fogo-de-artifício!

Dá-me outra bofetada com tal violência que quase me desequilibro.

— Volta para o trabalho. Hoje não comes.

Quando chego lá acima, encontro os outros absortos no trabalho, de cabeça baixa como da primeira vez que os vi. Marcado vai mandar-me para uma fábrica longe de Bombaim ainda antes de sermos libertados. Se ao menos pudesse avisar o homem dos doces da urgência da situação. Pode ser que apareça aqui com a polícia em breve.

Marcado não me dá nada para comer, mas isso é um mal menor: ainda há doces. O leite já estará estragado amanhã de manhã, e, por isso, vamos preparar chá depois de ele sair. Chá que beberemos lá em cima com os doces. Depois iremos lavar e pendurar os copos. Quando Barish apaga a luz, acendo a minha lanterna e pouso-a no centro da nossa roda.

— Quem quer contar uma história? — pergunto.

— Conta-nos uma, Gopal — pede NC.

Escolho a do berlinde.

*Um dia, um rapaz foi à procura de um tesouro. Não ansiava por ouro, nem prata, nem dinheiro, nem joias. A única coisa que desejava era encontrar algo de muito belo. Dirigiu-se para a floresta onde havia árvores da altura de um barco. De repente, viu, debaixo de um monte de folhas, qualquer coisa a brilhar. Então, ajoelhou-se para ver o que seria.*

Enquanto respiro fundo, o feixe de luz da minha lanterna começa a fraquejar. Desligo-a.

— O que aconteceu? — pergunta Amar.

— As pilhas estão gastas. Temos de esperar por umas novas para podermos voltar a usá-la. Mas posso continuar a contar história.

Amar começa a chorar.

— O que tens?

— Nunca vamos poder comprar outras pilhas, e nunca mais vamos poder usar a lanterna.

Calamo-nos todos.

Há qualquer coisa de estranho nesta história: nunca consigo contá-la até ao fim. Talvez esteja amaldiçoada. Ou então foi um dos espíritos de Kali Chaudash que a roubou. Estou a ficar supersticioso como Marcado.

Há quase trinta horas que lancei o SOS ao homem-dos-doces e anda ninguém cá apareceu. Não sei quanto tempo mais vou ser capaz de esperar.

— Tens algum plano para sairmos daqui? — pergunta baixinho NC quando eu estava já quase a adormecer.

A pergunta dele angustia-me e preocupa-me, mas a minha voz não pode deixar transparecer nada do que sinto.

— Sempre pensei que não querias ir embora daqui. Foi o que me disseste, lembras-te? — digo o mais calmamente possível.

— É verdade. Mas nessa altura não tinha ninguém. Agora tenho-vos a todos. Se fugirmos juntos, já não estou só. Não é?

A sua voz vacila quando pronuncia estas últimas palavras. Hesito. Será que posso confiar nele?

— Tu confias em mim, não confias? — pergunta-me.

Há qualquer coisa na sua voz que me diz que não está a mentir, mas nem pensar em revelar-lhe o meu segredo, quando nem sequer nos disse como se chama!

— Gopal, eu confio em ti. Seja qual for o teu plano, não o reveles aos outros. Roshan não seria capaz de se manter calado, Amar não sossegaria e os outros também não esconderiam a sua excitação.

— Não esquecerei o teu conselho.

— Posso ser útil?

— Continua a fazer crer a Mercado que não nos entendemos.

— *Accha*, isso sei fazer.

Embora não lhe tenha revelado nada, espero que esteja do meu lado. Rezo para que assim seja.

Que queria ele dizer sobre Roshan não conseguir ficar calado? Volto a pensar no dia em que Mercado soube da existência de Naren e de Sita: Roshan tinha ido lá abaixo cortar-lhe o cabelo. E se não foi nem Barish nem NC que revelaram o segredo? Podia muito bem ter sido Roshan, ameaçado por Mercado. Isso explicaria o facto de, a partir desse dia, se mostrar sempre discreto. Sinto calafrios.

Acabo por adormecer e sonhar que a janela atrás do banco de Mercado está aberta e que a grade de ferro desapareceu. Mercado também desapareceu. Estamos apertados uns contra os outros e Amar faz sinal a alguém. O que nos impede de saltar pela janela e fugirmos? Acordo em sobressalto.

## 27

Diwali passa sem termos visto Mercado, polícias ou salvadores. O único elemento positivo é que Mercado nos deixou pão e *pickles* de limão, que comemos com bananas secas. Celebramos este dia sem Mercado, e acabamos os nossos doces.

— E agora, que fazemos à caixa? — pergunta à noite NC.

— Temos de a esconder — assegura Barish.

Isso já nós sabemos. A questão é onde. O compartimento é demasiado pequeno e a caixa demasiado grande. Se Marcado dá com ela, chicoteia-nos e fica a saber que formamos um grupo unido.

— Temos de a cortar e atirar os pedaços pela janela — propõe Sahil.

— Boa ideia, mas não estou a ver como vamos deixar um monte de pedaços de papelão vermelho mesmo debaixo da janela. Marcado encontrava-os quando fosse cortar os ramos do *nimba*.

— Podemos voltar a metê-la num saco de juta — sugere Amar.

— Não. É arriscado. Se funcionou nestes últimos dias, é porque Marcado andava doente e distraído com a festa. A caixa tem de desaparecer — insiste NC.

Concordo com ele.

— Po-podíamos queimá-la — adianta Roshan.

Olho para ele, mas desvia os olhos.

— Também é arriscado — digo.

O tamborilar nervoso de Sahil em cima do banco sugere-me, de repente, uma ideia. Cortamo-la aos bocados e colamo-la debaixo dos bancos.

Sahil prepara um balde de cola enquanto nós cortamos a caixa com uma faca. Depois colamos os pedaços debaixo dos assentos. A caixa desapareceu. Rimo-nos, felizes com a nossa astúcia. Sahil pergunta-me se pode guardar a fita no bolso, e digo que sim.

Apesar deste feliz Diwali, não consigo dormir. Não devia divertir-me assim com os meus amigos, quando a minha família sofre com a minha ausência. Pergunto-me se Baba está vivo, e se voltou para junto de Aai, Naren, Sita e Jama. Continuarão à minha procura ou julgam-me morto há muito? Estarão ainda na cidade? Espero que não tenham voltado para a aldeia. No dia seguinte pela manhã, NC tem os olhos vermelhos, como se tivesse picado uma dúzia de cebolas. Será que ficou acordado toda a noite?

— Que tens? Não vomites em cima de mim — previne Marcado quando descemos para beber o chá.

— Estou bem, patrão — diz NC. — E devo dizer aos que se preocupam com a minha saúde que não vou contagiá-los.

Diz estas últimas palavras a olhar para mim. Marcado meneia a cabeça a dizer-lhe que percebeu a alusão.

— Desde que continues a trabalhar, é o que me interessa.

— Não se preocupe. Pode contar comigo, patrão — diz NC numa voz meiga.

NC dá prova de inteligência e de delicadeza. Esta curta conversa faz ver a Marcado que a discórdia reina entre nós. Sorrio.

— O que é que te faz rir? — grita-me Marcado.

Trato de curvar o dorso e de olhar para os meus pés, com os punhos serrados, para me obrigar a ficar calado.

— Ficas sem chá. Vai trabalhar.

Subo a escada. Um profundo alívio invade o meu corpo à medida que me afasto dele. Mais vale que não me veja a cara.

Enquanto trabalho, reflito. Admitindo que o homem-dos-doces tenha prevenido a polícia, a festa deve ter atrasado a sua intervenção. Mas é provável que venham hoje libertar-nos. Até lá, tenho de me comportar o mais normalmente possível.

Aai contava-nos muitas vezes a história da árvore majestosa e do junco minúsculo. A árvore majestosa troçava do junco e, para o arreliar, dizia-lhe que seria arrastado pelo menor sopro de vento. Em jeito de resposta, o junco inclinava-se. Sempre que havia uma tempestade, o junco parecia ter ficado ainda mais pequeno, enquanto a árvore continuava sempre com o seu ar imponente. Certo dia, porém, rebentou uma enorme tempestade. O junco dobrou-se todo e esperou que o vento passasse, o que fez com que sobrevivesse. Mas a árvore grande foi arrancada e derrubada. Se quero viver, tenho de seguir o exemplo do junco. Tenho de manter a calma, nem que Marcado me grite ou me bata, porque o que importa é sair daqui. Dou-me conta de que os meus amigos não têm ninguém em Bombaim. O que vai ser deles? Espero que a polícia os ajude a encontrar as suas famílias.

Mal os outros sobem, Marcado liga a televisão e sobe o volume. Fazemos um esforço para não nos rirmos quando ele se põe a cantar como uma cana rachada. Para de repente e apercebemo-nos de que qualquer coisa o deixou contrariado. Ouvimo-lo praguejar ao telefone, em voz mais alta do que o som da televisão. Desliga de repente o aparelho e bate palmas para nos chamar.

— Vão lavar-se à vez. Lavem a cabeça e arranjem-se bem — começa por nos dizer, antes de apontar para Sahil — Limpa bem a cola dos dedos e das unhas. E não trabalhes mais hoje.

Quase ficamos paralisados de espanto. — Despachem-se, bando de animais! Tenho pouco tempo. Lavo a cabeça e esfrego o corpo, antes de me secar e vestir roupa lavada.

Despacho-me a sair do quarto-de-banho quando ouço o telefone de Mercado tocar. Encosto o ouvido à porta.

— Vai gostar destes rapazes. Estão limpos, gozam de boa saúde e trabalham bem. Levo-lhos amanhã de manhã.

Encosto-me à parede para não cair. Mercado vai mandar-nos para longe daqui. É demasiado tarde para nos poderem salvar. Alguém o deve ter avisado. Os cabelos molhados e os rostos limpos dos meus amigos brilham. Ignoram por completo a decisão de Mercado de nos mudar daqui. Nada disto teria acontecido se eu não tivesse entregado a nota ao vendedor de doces. Estamos perdidos.

Ao almoço, Mercado dá-nos *dal*, arroz e dois pães a cada um. Até parece que está convencido de que nos vai engordar de um momento para o outro.

— Despachem-se — diz-nos.

— Está bem, patrão — responde NC.

O telefone toca e o meu coração dá um salto.

— Sim, tomei todas as precauções necessárias — diz. — Vai correr tudo como planeámos. Não se preocupe.

Desliga e examina-nos um a um com todo o cuidado.

— Procurem manter-se limpos e vão acabar os quadros.

À pressa, metemos na boca o pouco de comida que nos resta e corremos para o sótão malcheiroso.

O telefone de Mercado volta a tocar e eu encosto o ouvido ao soalho. Sahil para de se balançar e Amar lança olhares interrogatórios. Concentro-me nas palavras de Mercado.

— Mas eles disseram amanhã. Deve haver engano!

Uma pausa.

— Vou escondê-los.

Estou a levantar-me quando ouvimos um aflitivo bater de palmas. Descemos. Mercado está de rosto sombrio.

— Ouçam, rapazes. Vão à sanita se precisarem, mas depois subam e não se mexam. Quando ouvirem chegar os distribuidores de mercadorias, não façam o menor barulho. Caso contrário, assinam a vossa sentença de morte, pois irão trabalhar em fábricas muito longe daqui.

Pronuncia estas palavras com uma convicção que não deixa lugar para dúvidas. Vamos à sanita e voltamos ao trabalho. Mercado pega no ventilador e no balde repleto de ramos de *nimba*, que leva consigo antes de retirar a escada.



Em breve ouvimos vozes, qualquer coisa a cair ao chão. Depois a porta é fechada, a escada é colocada de novo e Mercado assoma no sótão:

— Venham comigo — diz.

Em baixo, o compartimento está cheio de grandes sacos de algodão que deixam entrever tecidos coloridos.

— Levem estes embrulhos para cima — ordena-nos.

Será que Mercado resolveu lançar-se num novo negócio e desencantou mais crianças para coser botões ou fazer bainhas?

— Encostem-nos à parede a toda a volta, deixando apenas um pequeno espaço para se meterem no meio.

Empurrámos os bancos para o meio do sótão e pomos os sacos de roupa em três dos lados.

— Continuem a trabalhar. Se ouvirem vozes, não façam o menor ruído. Percebido?

Retomamos a tarefa em silêncio.

Não vai tardar que o sol se ponha e que Mercado vá embora. Se a polícia não vier hoje, amanhã será demasiado tarde. Estes sacos impedem-nos de atacar Mercado quando subir. Estamos perdidos.

— Gopal, pousa o teu trabalho e vem cá abaixo. Imediatamente — ordena.

Ponho de lado o tabuleiro e desço. Antes mesmo de perceber o que me vai acontecer, mete-me na boca os farrapos com que limpa os quadros. Quero gritar, mas a vontade de vomitar é mais forte. Depois amarra-me com farrapos, ata-me os braços com cordéis de juta e empurra-me para o quarto-de-banho, para que os outros não possam ver-me quando descerem. Faz tudo isto em poucos minutos. Gizou muito bem o seu plano e sei que, daqui em diante, não há forma de escapar. Depois de nos amordaçar e amarrar a todos, manda-nos para o sótão. De mãos presas atrás das costas, subimos a escada com dificuldade. Manda-nos sentar no chão de pernas cruzadas e depois ata-nos as pernas.

— Não se mexam nem um milímetro. Se algum de vocês der um grito, por pequeno que seja, terá problemas. E bem grandes! — acrescenta.

Estamos apertados uns contra os outros, amordaçados e atados de pés e mãos, com os joelhos e os cotovelos dobrados. É impossível mexermos-nos sem correr o risco de fazer tombar os sacos e ficarmos debaixo deles. Estou apavorado. Amar fechou os olhos. Sahil tem um olhar vazio, Roshan balança a cabeça e Barish apoia a cabeça nos joelhos. O olhar de NC

anda de um saco para outro, como se tivesse dificuldade em acreditar que tudo aquilo seja verdade. Sigo Marcado com o olhar.

— Para de me fixar dessa maneira! — grita-me.

Desatarraxa a lâmpada amarela, antes de acabar de preencher o espaço vazio com mais sacos. Finalmente, retira a escada.

Contorço-me para tentar libertar as mãos. Sei que isto não é culpa minha, mas não posso deixar de me sentir culpado. Talvez tenha cometido um erro ao pedir ajuda. O vendedor deve ter falado com a polícia e alguém avisou Marcado. Vão dispersar-nos. E se a polícia vier só amanhã, depois da nossa saída daqui? Tenho a impressão de que estamos aqui há horas, mas apenas passaram alguns minutos.

Acabamos por ouvir vozes lá fora, passos apressados. Batem à porta. Depois mais nada. Um silêncio tão profundo como a escuridão que reina neste buraco. Chegam de novo vozes até nós. Duas ou três pessoas a falarem ao mesmo tempo.

— Só há esta divisão? O que há no andar de cima? — pergunta alguém num tom severo.

— Nada, senhor, apenas uma arrecadação — responde Marcado.

A polícia veio libertar-nos! As lágrimas escorrem ao longo das minhas faces.

— Vamos dar uma olhadela.

— Só lá há roupa e está tudo atulhado. Só estão a perder tempo...

— Dê-me uma escada.

— Com certeza, senhor. Estou aqui para o servir. Mas beba primeiro qualquer coisa. O que é que lhe posso oferecer? Chá?

— Não temos tempo a perder com essas banalidades. Vai ou não mostrar-nos o que há lá em cima?

Estas palavras são pronunciadas em voz baixa, mas autoritária e furiosa.

Deslocam a escada. Sustenho a respiração.

— Onde está a luz? Ligue o interruptor — ordena alguém do alto da escada.

Carregam várias vezes no botão sem que nada aconteça.

— Não tem luz. Só aí vou durante o dia. Não há motivo para pôr luz nesse compartimento. Como veem, só serve para guardar mercadoria.

— Não vejo grande coisa, mas tem razão. Só há cá sacos cheios de peças de roupa, inspetor — alguém diz.

— Tem a certeza? — insiste a mesma voz autoritária e irritada.

— Estamos aqui — grito, mas nenhum som sai da minha boca.

— Venha cá certificar-se, inspetor.

Ouve-se ruído de passos nas travessas.

— Está alguém? Respondam! — clama o inspetor.

— Estamos aqui! — grito do fundo de mim.

Mas ninguém me ouve.

— Vamos lá empurrar isto — diz o inspetor.

Tento esfregar as palmas das mãos atadas um contra a outra, mas não consigo produzir mais do que um som abafado. Alguém mais trepa pela escada. A ligadura começa a ceder.

— Ele tem razão, inspetor. Aqui só há roupa.

E se forem embora sem verificar? Tenho dificuldade em respirar, mas tenho de conseguir libertar-me.

— *Accha, chala* — diz numa voz denotando decepção.

Uma das minhas mãos liberta-se do nó e contorço-me para agarrar na lanterna. Acendo-a e dirijo o feixe de luz para o teto.

— O que é isto?

Agito a lâmpada para a frente e para trás, mas ela apaga-se.

— Viram este clarão? — pergunta um deles.

— Era só... — intervém Marcado.

— Silêncio! — interrompe-o o inspetor.

Não se houve um ruído. Ponho-me a bater com a mão no chão. Os outros também devem ter conseguido libertar-se e as suas pancadas juntam-se às minhas.

— Estão aqui! Retire imediatamente estes fardos! — ordena o inspetor.

— Mas, senhor... — choraminga Marcado.

— Saia daqui! — grita o inspetor, qual leão ameaçador.

Num ápice, os sacos desaparecem. Os polícias desatam-nos as pernas e os braços, e nós retiramos as mordanças antes de descermos. Há quatro homens fardados. Um deles deve ser o inspetor. Com as têmporas a latejar, observa-nos enquanto nos alinhamos à sua frente.

— Você mantém aqui estas crianças como escravos! — grita o inspetor para Marcado.

— Eu, eu ...

— Olhem para ele — diz, apontando para Sahil. — Está tão mal alimentado. E aquele — acrescenta referindo-se a NC — está todo curvado. Deve tê-lo feito trabalhar como um animal de carga.

— Eles comiam e nunca lhes bati...

— Olhe para isto! — diz um dos polícias pegando no tubo de borracha.

As palavras de Mercado morrem-lhe nos lábios. O inspetor aproxima-se dele.

— Vai pagar caro pela sua crueldade. Eu mesmo tratarei disso — assegura antes de se virar para nós:

— Não tenham medo, rapazes. Ninguém vos fará mal.

Ao ver as nossas mãos gretadas, o seu rosto endurece-se o rosto e o seu olhar gela.

— Eu levo estas crianças comigo — diz para um polícia. — Mais tarde tratarei dele — acrescenta apontando o dedo para Mercado.

O polícia puxa de um par de algemas.

Até ali evitei olhar de frente para Mercado, com medo de que o pesadelo recomeçasse. Mas agora que está indefeso, já consigo fazê-lo, e vejo que esconde o rosto entre as mãos. O polícia põe-lhe os braços atrás das costas e coloca-lhe as algemas. Está lívido, escorrem-lhe grossas gotas de suor da testa e, no rosto, exhibe uma contração da boca que lhe deforma a cicatriz, como no dia em que cheguei. Hoje, porém, o seu rosto só revela pânico.

Os meus amigos têm os olhos fixos nele, mas só NC lhe lança um olhar sombrio e eloquente. Um olhar que vale por todas as espancadelas. Um olhar que reflete toda a nossa dor, a nossa fome e os nossos males. Pergunto-me se Mercado está consciente de tudo o que nos infligiu e do nosso ódio. Creio que sim, pois desvia os olhos para o chão de pedra, incapaz de aguentar o olhar de NC.

O inspetor estende a mão a Amar.

— Anda, vamos embora — diz, antes de acrescentar numa voz meiga, enquanto lhe enxuga as lágrimas:

— Vou cuidar de ti.

Sáímos todos juntos de mãos dadas, sem olhar para trás. No exterior, encho os pulmões de ar.

— Quem de vocês é Gopal? — pergunta o inspetor.

— Sou eu.

— Deste prova de grande coragem ao pedir ajuda.

— Obrigado, inspetor — agradeço.

E logo pergunto:

— Posso ir para casa? A minha família está em Bombaim e sei onde vive.

— Podes, sim — diz.

O inspetor pousa a mão no meu ombro.

— Chegou a hora de dizeres adeus aos teus amigos. Vamos tratar deles, enquanto procuramos localizar as respetivas famílias, e um polícia vai acompanhar-te a tua casa.

— E se não as encontrarem? Ou se algum deles for órfão?

— Podes crer que não os vamos abandonar.

— Quando é que posso voltar a vê-los?

— É difícil prever, filho. Mas vou fazer esforços nesse sentido.

O inspetor afasta-se um pouco. Colocamo-nos todos em círculo. Não sei o que dizer.

— Não podes ir embora — diz Amar agarrando-me pelo braço. — Tens de ficar connosco, somos uma família.

— Seremos sempre uma família — tranquiliza-o NC. — Deixa-o ir.

Tiro a lanterna do bolso e meto-lha na mão.

— Ofereço-ta. Precisa de pilhas novas, mas, quando lhas puseres, é como se eu estivesse sempre junto de ti.

Sahil avança, mete a mão ao bolso e tira de lá uma fita, a da caixa dos doces.

— Tem seis pérolas. Lembra-te sempre de nós.

— Nunca vos esquecerei.

— Não mereço a tua amizade — diz Roshan a gaguejar.

Ponho o meu braço à volta do ombro dele.

— Claro que mereces.

— Na-não. Ma-Marcado obrigou-me a falar da tu-tua família. Apontou os bicos da tesoura à minha nuca e ameaçou magoar-me se-se não dissesse nada. Pe-perdoa-me.

As lágrimas deslizam-lhe pelo rosto.

— Não tem importância. Agora já nada temos a rezeir da parte dele.

Tira do bolso um pedaço de jornal que tem embrulhadas duas folhas de *nimba*.

— Tinha-as guardadas no meu saco de juta como recordação da minha família — explica, antes de me entregar uma.

Guardo-a junto das pérolas enfiadas na fita.

— Não gostarias de ir embora sem isto — diz Barish, entregando-me um pacote. — É o teu impermeável.

— Onde estava?

— Peguei nele antes de descer.

— Obrigado.

NC e eu pomo-nos defronte um do outro.

— Gopal, queria dizer-te... Chamo-me Kabir.

Fico de boca aberta.

— É o teu verdadeiro nome? — pergunta Barish.

— Era assim que me chamava a minha avó. Mas depois da sua morte, nunca quis que mais ninguém me chamasse por este nome. Devia tê-lo revelado há muito tempo.

Faz pressão no meu ombro com a mão.

— Podes chamar-me Kabir.

— Kabir.

— Kabir — repetem todos em coro.

Dou um abraço a cada um. Na penumbra, não distingo bem os rostos e as nossas lágrimas misturam-se na minha face molhada.

Amar volta a abraçar-me.

— Não demores a vir visitar-nos, Gopal.

— Prometo — digo num murmúrio quase audível.

O inspetor pigarreia e diz-nos:

— Está na hora da partida.

## 28

O inspetor leva os meus amigos no carro dele, e um outro polícia leva-me de táxi até casa de Jama.

Estamos no dia a seguir a Diwali e as luzes cintilam nas janelas e nas varandas. Estamos livres! Muito em breve, o inspetor acompanhará Barish, Amar e Roshan a casa de cada um deles. Deve ainda demorar algum tempo a encontrar a família de Sahil. Espero que voltem todos para junto dos seus familiares. E Kabir, que vai ser dele? Não tem ninguém. Se viver em Bombaim, poderei voltar a vê-lo. Vou pedir a Aai se autoriza que nos venha visitar. Sei que ela vai concordar.

Da mesma forma que nunca deixei de pensar em Aai, Baba, Naren e Sita enquanto fazia os quadros, nunca esquecerei Kabir, Roshan, Barish, Sahil e Amar. Pego na fita com as seis pérolas e toco-as uma a uma, rezando pela segurança e felicidade deles. Vamos ter saudades uns dos outros, sem dúvida, mas estou ansioso por estar com a minha família

Depois de um longo trajeto de táxi, descemos até ao fundo da rua onde se encontra a loja de Chachaji. São nove e meia da noite e a loja está fechada a esta hora. Apetece-me galgar a rua a correr. Agarrado ao impermeável, caminho o mais rapidamente que posso. O agente acompanha-me. Ao aproximar-me da casa de Jama, o meu coração bate mais rápido,

os joelhos tremem, os olhos enchem-se de lágrimas. A luz projeta-se no exterior pela porta aberta.

— É aqui que moras? — pergunta o guarda.

— Sim.

— Vai — diz-me, afastando-se para o lado.

Entro em casa. Naren e Sita estão deitados num colchão, completamente despertos.

Sentada num canapé, Aai discute com Jama e com um homem idoso. É Baba!

— Aai, Baba! — grito, correndo para eles.

— Gopal? — diz Aai, de braços abertos.

— O nosso Gopal! — diz um Baba trémulo.

Encarquilhado e magro, não passa da sombra do que era, mas o seu olhar anima-se quando me abraça. De um salto, Naren e Sita põem-se de pé e vêm agarrar-se a mim, a saltar e a gritar:

— Gopal! Gopal!

Jama limpa as lágrimas. Todos juntos soluçamos, rimos, beijamo-nos.

Recupero o alento, tranquilizado pelo perfume familiar.

— Aai, Baba — digo baixinho.

— Gopal — respondem-me com doçura.

A maneira de pronunciarem o meu nome enche-me de uma tal alegria que fico sem voz.

Não quero perguntar a Baba o que lhe aconteceu, também não desejo que me faça a mesma pergunta.

Não esta noite.



## CORRESPONDÊNCIA DOS NOMES

Amar: Covinha-no-Queixo

Barish: Dedos-Papudos

Kabir: NC (Nuvem Cinzenta)

Roshan: Falador-Noturno

Sahil: Cambalhota

## GLOSSÁRIO

### A

AAA JAO (hindi): vem, venham

AAI (marata): mãe

ACCHA (hindi): de acordo, está bem

AIE (hindi, gujarati): ei (interpelação)

ANAMIK (sânscrito): sem nome, anónimo

### B

BABA (marata): pai

BAHIN (plurilingue): irmã

JBAJRA (plurilingue): trigo acinzentado, com grãos do tamanho de um grão de cevada

BAKRA (plurilingue): cabra, bode (inclui o sentido figurado de 'bode expiatório')

BAKSHISH (plurilingue): gorjeta

BAKVAS BANDH KERO (hindi): "Não digas disparates"

BESAN (plurilingue): farinha de grão-de-bico

BHAI (plurilingue): irmão

BHAJI (marata): legumes frescos ou legumes cozinhados com caril

BILKUL BAKVAS (dialecto hindi de Bombaim): parvoíces, absurdidades

BINDAAS (dialecto hindi de Bombaim): despreocupado

BINDI (plurilingue): ponto que inúmeras mulheres indianas colocam no meio da testa

BOR (plurilingue): pequena baía tropical

### C

CHACHAJI (hindi): tio respeitado; utilizado para designar um homem mais velho que não pertence à família

CHAI (plurilingue): chá preparado à maneira indiana, com leite, açúcar e especiarias

CHALA (marata): vem, vamos, vão

CHAMCHA (dialecto hindi de Bombaim, calão): acólito, braço direito

CHINCH (marata): tamarindo. A polpa do fruto é muito ácida e utiliza-se em culinária para fazer molhos e chutneys.

CHOTA (hindi): pequeno.

CHOTE MUH, BADI BAAT MAT KER (dialecto hindi de Bombaim): "Quando a boca é pequena, os discursos não devem ser longos."

### D

DAL (plurilingue): sopa de lentilhas



DESH (plurilingue): país natal

DHANTERAS (plurilingue): dia feriado, antevéspera da festa de Diwali. Dia marcado pela pompa e reputado por trazer felicidade

DHOTAR (marata): dhoti indiano. Peça longa de tecido que os homens enrolam em torno das ancas e das pernas e que prendem na cintura

DIWALI (plurilingue): festa das luzes hindu, celebrada em toda a Índia no mês de outubro

DUDHI BHAJI (marata): abóbora com caril

## F

FALTU (dialeto hindi de Bombaim): fútil

## G

GANPATI BAPPA MORYA, PUDCHA VARSHI LAUKAR YA (marata): “Que sejas bendito, ó Ganesh, e vem de novo ter connosco no ano que vem”. Oração proferida por ocasião de festa de Ganesh ou Ganpati

GHEE (plurilingue): manteiga clarificada

GORUS-CHINCH (marata): variedade de tamarindo de gosto mais açucarado do que o tamarindo tradicional

GUNDAS (hindi): patifes, rufias

## H

HAMARE BAAP KA BRIDGE THODI HAÏ (dialeto hindi de Bombaim): “A ponte pertence ou não aos nossos antepassados?”

HINDI BAMBAYIA: dialeto hindi falado em Bombaim e que mistura várias línguas (marata, gujarati, tâmil, inglês, concani [língua oficial de Goa] e outras)

HO (marata): sim

## K

KAHANI (hindi): história, conto

KAL KERE SO AAJ KARE, AAJ KARE SO ABB (hindi): “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.”

KAL-BAL (hindi): tagarelice

KALI CHAUDASH: véspera da festa de Diwali, supostamente caracterizada pela aparição de fantasmas, duendes e outros espíritos

KANPATTI (dialeto hindi de Bombaim, calão): punição, castigo

KHAJOOR (dialeto hindi de Bombaim, calão): imbecil, idiota

KHISSA-KHALI (dialeto hindi de Bombaim): “bolsos vazios”, literalmente

KURTA-PAJAMAS (hindi): fato masculino composto por um longa túnica e calças

## L

LADDUS (plurilingue): bolinhos fritos à base de massa açucarada, utilizados como sobremesa

LADKI (hindi): rapariga

## M

MAA (hindi): mãe

MAHA NAGARI (sânscrito e plurilingue): cidade grande.

MAMU (dialecto hindi de Bombaim, calão): idiota

MAYAVATI NAGARI (sânscrito e plurilingue): cidade das ilusões

MERI BBLI MUJKO MEOW? (hindi): “Será que o meu próprio gato se vira contra mim?”

MI JATO (marata): vou lá, vou embora

MUMBAIKAR (dialecto hindi de Bombaim): habitante de Bombaim (Mumbai)

MURGA (plurilingue): frango

## N

NA: não é verdade?

NALLA (hindi): riacho

NAMASHKAR BAHIN (plurilingue): “Olá, minha irmã!”

NIMBA (marata, sânscrito): árvore tropical com muitas propriedades medicinais, também chamada de kadunimb

NAVRATNA (plurilingue): nove joias, os nove sábios conselheiros da corte do rei mongol Akbar

## O

OAI LADKA (hindi): Ei, rapaz

OUI MAA (hindi): Ó, meu Deus! (exclamação de surpresa)

OULTA (hindi): ao contrário

## P

PAKKA (hindi): a sério, de verdade, para valer

PAKORA (plurilingue): espécie de rissol recheado de batata, cebola e outros legumes que se enrola em farinha de grão-de-bico antes de fritar

PAV (plurilingue): pão

PAV-BHAJI (plurilingue): pão com legumes picantes

PIPUL (*Ficus religiosa*): figueira

## R

ROTI (plurilingue): tarte indiana

## S

SACCH NA? (hindi): não é verdade?

SAMAZNE (marata): compreender

SAMBHALUN JA (marata): prestar atenção

SAMMAN (marata): honra, orgulho

SHABASH (hindi): bravo, bom trabalho

SHAHANSHAH (hindi): rei entre os reis

SUDARSHAN (sânscrito): medicamento aiurvédico para fazer baixar a febre

SUNA (hindi): diz-nos, conta-nos

## T

TEA SE JYADA NAI KITALI GARAM HAÏ (dialecto de Bombaim, calão): alguém que se acha mais esperto do que é

TERA BAAP (hindi, calão): teu pai (empregue como insulto)

THAHRO (hindi, marata): espera, esperem

TUM ACCHI KAHANI SUNATE HO (hindi): “Contas histórias muito bonitas.”

TUMHI MARATHI BOLTA KA (marata): “Fala marata?”

## W

WAH! (hindi): Ena!

## X

XHUN SE LAAFA (dialecto de Bombaim): bofetada forte

## Y

YAAR (hindi): amigo, companheiro



## NOTA DA AUTORA

*Nos últimos anos, muitas multinacionais conhecidas e respeitadas, na sua maioria americanas e europeias, têm sido alvo de publicidade assaz negativa pelo facto de explorarem crianças. Foram estas denúncias que me levaram a escrever este romance.*

*Aquando das minhas precedentes viagens à Índia, o meu país natal, já tinha tido longas conversas com raparigas que trabalhavam como empregadas domésticas para tentar compreender os*

*hábitos e os motivos que as tinham levado a fugir da aldeia. Em 2008, resolvi regressar à Índia para me documentar sobre o trabalho das crianças.*

*Durante a minha estadia, encontrei imensos rapazes e adultos pobres. Descobri as condições de trabalho das crianças e o seu dia-a-dia nos bairros de lata. Vi como a pobreza do campo empurrava os habitantes para a cidade, e a rutura que isso provocava nas suas formas de vida. Numa gare de Jaipur, um rapaz com cerca de onze anos, limpo e bem penteado, prontificou-se a ajudar o nosso taxista a carregar as malas, sem ninguém lho pedir. Dei-lhe dinheiro, antes de ir verificar junto do motorista se conhecia o hotel onde iríamos ficar. Quando me virei para falar com o rapazinho, já ele tinha desaparecido. Fiquei contrariada. Nunca esqueci o seu olhar vivo e o sorriso amigável, e inspirei-me nele para a personagem de Gopal.*

*Também me desloquei a Matheran, uma estância turística no cimo de uma montanha, não muito longe de Bombaim, onde conheci um casal. O homem era empregado do nosso hotel e a mulher era bagagista. Alguns membros da família tinham-se mudado para Bombaim à procura de trabalho. Era um casal encantador, alegre, bem-disposto e trabalhador. Saíam de casa, que ficava no vale, todos os dias às quatro e meia da manhã para poderem chegar a horas ao emprego. Pensei que o meu herói, Gopal, poderia ter o mesmo tipo de pais.*

*Em Matheran, também falei com outro habitante do vale que ganhava a vida graças aos dois cavalos que possuía. Costumava receber propostas de casamento para a sua filha adolescente, mas não queria que ela se casasse. “Ela é inteligente e é a melhor aluna da turma: quero que estude e possa ter uma vida melhor”, dizia-me ele. Também li histórias confrangedoras sobre os produtores de cebola da região, arruinados por colheitas abundantes. Foi a partir de todas estas pessoas, e de todas estas narrativas, que imaginei Gopal e a família. Gopal é, portanto, originário do Estado de Maharashtra, e o marata é a sua língua materna. O marata é também a língua oficial deste estado, do qual Bombaim é a capital.*

*Apanhámos o comboio para irmos ao Rajastão. Numa paragem, um garoto com cerca de oito anos e roupas sujas entrou no nosso compartimento e pôs-se a limpar o chão com as mãos. Como tinha entornado o chá que um passageiro deixara num copo de cartão, tirou a camisola e serviu-se dela como se de um pano de limpeza se tratasse. Depois pediu esmola aos passageiros. Era extremamente tímido e ficou aterrorizado quando tentei falar com ele. Fiquei chocada ao saber que tinha doze anos. Perguntei-lhe pelos pais e, hesitante, respondeu-me que vivia com a avó materna. Lançava um olhar ansioso para a janela, como se tivesse medo de alguém. Depois, o apito do comboio soou e ele desapareceu, antes que eu lhe pudesse fazer mais perguntas.*

*Também encontrei membros de uma associação em Bombaim que trabalha com crianças que foram atraídas para a cidade pela promessa de um emprego. Deram-me um precioso resumo do que fazem para as ajudar.*

*Nos países ricos industrializados, para ganhar algum dinheiro de bolso, os adolescentes tomam conta de bebés de familiares, cortam a relva, e fazem outras pequena tarefas. Contudo, em muitos*

*outros países, as crianças trabalham o dia inteiro em condições terríveis e insalubres, e fazem-no a troco de uma ninharia. Em fábricas, campos ou lojas, exploram-se crianças privadas de instrução que se encontram, assim, encerradas no círculo vicioso da pobreza. Infelizmente, esta é uma realidade que abrange milhões de crianças.*

*No decurso das minhas investigações, descobri que o trabalho infantil era um fenómeno muito mais amplo e comum do que pensava. Um artigo sobre esta questão, que apareceu na edição do dia 25 de fevereiro de 2008, na revista Forbes, precisava:*

« A Organização Internacional do Trabalho das Nações Unidas estima que 218 milhões de crianças trabalham em todo o mundo. A maioria trabalha na agricultura (70%), seguida do setor dos serviços (22%) e da indústria (9%). A região Ásia-Pacífico detém o record do número de trabalhadores menores de idade com 122 milhões, seguida da África subsaariana, com 49 milhões. Entre os países infratores mais notórios, podemos citar o Camboja, o Mali, o Burkina Faso, a Bolívia e a Guatemala.

Estas crianças trabalham na fiação de tapetes, em fábricas de têxteis, de fogo-de-artifício, em restaurantes, como empregadas domésticas e, muitas vezes, como soldados. Os produtos e as mercadorias que fabricam inundam os maiores mercados internacionais, nos quatro cantos do mundo. Esses produtos compreendem sacos bordados ou com pérolas, esculturas de jardim, tapetes tecidos à mão, café, equipamentos de desporto, e muitas outras coisas. Estes produtos de qualidade são vendidos a preços baixos, mas os que os fabricaram veem-se privados de educação e, muitas vezes, de liberdade.

O trabalho infantil também existe nos Estados-Unidos. Muitas crianças, a maior parte das vezes emigrantes clandestinos, passam dias a executar tarefas domésticas, a cultivar a terra ou a cuidar de jardins em vez de irem à escola. Não têm acesso à instrução nem à assistência em caso de doença. »

*Até quando durará esta triste realidade? Penso que durará enquanto persistirem bolsas de enorme pobreza, enquanto as crianças tiverem de trabalhar para se alimentarem e alimentarem as famílias, e enquanto houver clientela para estes produtos baratos.*

Kashmira Sheth  
*Garçons sans noms*  
Paris, l'école des loisirs, 2014  
(Tradução e adaptação)